ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO, LITERARIO E SOCIAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

ANO I

Nº 12

ATLANTIDA

DIRECTORES:

NO BRASIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETÁRIO: Elísio de Campos — EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

N.º 12 **15 de Outubro de 1916**

SUMÁRIO

Os demolidores do Liberalismo . . . . . J. Magalhães Lima
A campanha patriótica de Olavo Bilac . . . . . .
A Inglaterra, senhora dos mares . . . . . F. Penteado
Na sombra . . . . . Albertina Bertha
O Ferreiro . . . . . Alberto de Oliveira
A Psicologia dos telhados . . . . . Eduardo de Noronha
Em Recoleta . . . . . Celso Vieira
Os Padroeiros . . . . . Hippolyto Raposo
Do livro de Procusto . . . . . M. Albuquerque
Sonho de morte . . . . . Carlos Babo
Ano novo, vida velha . . . . . André Brun

REVISTA DO MÊS

Cartas do Brasil . . . . . João d'Alêm
O mês literário . . . . . Joaquim Manso

NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS

Reproduções de: Antonio Ramalho, Sousa Pinto, Alves de Sá e Antonio Carneiro.
Desenhos de: Raul Lino e Santos Silva.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 números) . . . . . 2$80
Seis meses . . . . . 1$50

PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

Um ano (12 números) . . . . . Frs. 15

Número avulso em Portugal $25

REDACÇÃO: Rua Antonio Maria Cardoso, 26
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 } LISBOA

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO, LITERARIO E SOCIAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.AS
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL

VOLUME III

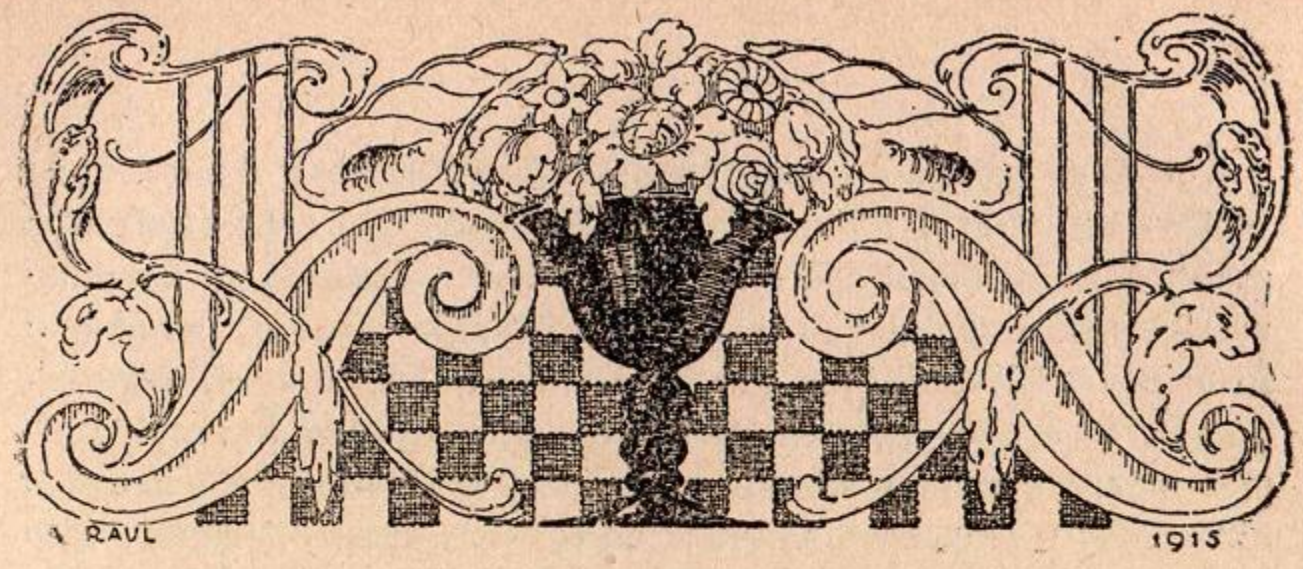
DIRECTORES:

João do Rio e João de Barros

EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

REDACÇÃO: Rua Antonio Maria Cardoso, 27

IMPRENSA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA



Os demolidores do liberalismo

No dia em que os jornais anunciavam a morte de Ramalho Ortigão, tinha eu, por acaso, diante dos olhos uma estampa há muitos anos vulgar no mercado, em bilhetes postais, tendo por título *Um grupo célebre*. É a cópia da fotografia em que uma vez, no Porto, se juntaram Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e o Sr. Guerra Junqueiro.

A instantânea recapitulação do passado que a intensidade da impressão do momento sugeria, revestiu-me de singular valor aquelas figuras que ali estavam, modestas e descuidadas, nos trajos nada solenes de quem vai ao seu mistér quotidiano, sem toga nem manto. Não eram apenas os companheiros com quem despreocupadamente andei junto, alguns dos quais me honraram com a sua estima, e que agora vinham inflamar saudades, erguendo-se das sepulturas onde, com excepção de um só, todos repousavam. Súbitamente, aquelas sombras constituiram-se em um tribunal, austero e terrível, de soberanos poderes e autoridade inflexível, tão severa nos mandados como rígida e eficaz na obediência que os acatou.

Acrescentemos-lhes o Sr. Dr. Teófilo Braga, apóstolo do positivismo, activo e fecundo na propagação das suas aplicações à vida social e política da nação portuguesa; também êste foi juiz no mesmo tribunal, e dos mais ouvidos e seguidos de prosélitos. Chamemos mais para essa lúcida fileira Camilo Castelo Branco, um precursor na ironia e na dúvida, já apressado em sacudir a sentimentalidade romântica quando ainda estava todo humedecido e salpicado da sua onda, contemplando-lhe a ressaca e

sorrindo ao baixar da vaga com o contentamento de quem se vê livre de perigo. — Estará assim nomeado em seus elementos primaciais o tribunal que entre nós julgou e dissolveu o liberalismo burguês e o seu numeroso e esplêndido cortejo, gerados e formados nas revoluções que iniciámos no princípio do segundo quartel do século XIX. Notáveis oficiais e jurados de notabilíssimos merecimentos serviram no mesmo julgamento, e por insignes qualidades e altíssimas aptidões ali tiveram lugar eminente; mas os que presidiram a essa extraordinária tarefa e com tenacidade, método, conhecimento de causa, suma habilidade e caloroso aplauso público dirigiram a demolição do edifício liberalista em que nos havíamos abrigado e que os nossos avós reputaram sólido e belo, construído para a eternidade dos tempos e da gratidão e da felicidade dos homens, em fim perfeitas e acabadas — foram aqueles e não outros.

Não há que duvidar. O facto passou e é caso julgado. Foram êles que minaram os alicerces daquela obra, na realidade gigantesca, — faça-se-lhes essa justiça, de pouca dura relativamente à magnitude do esfôrço que custou, mas incontestávelmente épica. Foram êles que ora rindo, ora batendo, ora simplesmente analisando e comentando, reduziram a pó a ostentação daquela arquitectura de compromissos, transigências, meios princípios, intenções excelentes, pouca coragem e escassa lógica.

Foi Oliveira Martins com a sua *História de Portugal*, pelas velhas e novas conquistas e mares nunca dantes navegados desfazendo glórias que por lá andavam aos cardumes e depressa se misturaram com ignomínias; e dessa jornada passando imediatamente a aproximar-se dos nossos dias, foi êle que veio no *Portugal Contemporâneo* a surpreender meio mundo português caído das núvens da sua confiança política e preguntando, não sem uma certa indignação, o que queria, que significava tanto e tão atrevido descontentamento, se era miguelista, se preferia à liberdade áurea que D. Pedro IV nos outorgara, o absolutismo inquisitorial e jesuítico de que o sangue precioso dos nossos avós havia remido a nação. Todo o saber, elevação, talento e imparcialidade que a crítica chamara à autoria, eram tomados por desafecto insolente; teve ímpetos de revolta o liberalismo ainda viçoso mas ferido já pelos primeiros ataques de novos princípios que o molestavam e lhe seriam fatais, muito pela sua própria fôrça e mais ainda pela insuficiência e caducidade do or-

ganismo que assaltavam. Claudicante, o liberalismo debalde correu como pôde a banir do seu caminho o espectro loquaz, incómodo e eloqùente que vinha perturbar e inquietar as consciências timoratas e hesitantes das gerações em idade de tomar responsabilidades políticas e inclinadas pelos críticos a aspirações de vida nova. Muitos velhos bem trajados e melhor aquartelados, pontífices das igrejas estabelecidas, verberavam a audácia dos irreverentes e amaldiçoavam-nos ; mas muitíssimos moços de má sina e com propensões de indisciplina terríveis juravam por verdade a heresia, e a heresia crescia e encaminhava-se à vitória.

Foi o Sr. Guerra Junqueiro, com a sua *Morte de D. João*, liquidação desapiedada, nua e crua, da degeneração sentimental do romantismo que, abastardado da pujança estupenda e do esplendor de outros dias, acabava anémico, corrompido, açucarado e velhaco, perigoso nas suas doçuras ; e foi ainda o Sr. Guerra Junqueiro, com a *Velhice do Padre Eterno*, que vibrou uma larga e rija vassourada em certos bolôres das sacristias, superstições carunchosas e hipocrisias parasitárias que nelas tinham sustento. Amaldiçoaram o enviado de Satanaz muitas batinas em debandada que, já esfarrapadas por diversas aventuras anteriores, cobriam mal a boçalidade de sacerdotes muito mais dedicados à sordidez e à impostura do que a Cristo.

Foi Antero de Quental que em *Sonetos* do mais puro génio — dêles disse alguêm que foram para o seu tempo o que os de Camões foram para a Renascença — perfazia o ciclo inteiro que a alma humana é capaz de percorrer e erguia-nos a uma altura e luz da qual se confundiam na mesquinhez das cousas pequeninas e efémeras as divindades em cujo culto nos arrastávamos pobríssimos de fé, só por hábito, convenção e inércia religiosa. Muitas idolatrias derrubava só pelo facto de nos desvendar horizontes de infinita largueza religiosa e filosófica.

Foi ainda o Sr. Dr. Teófilo Braga, armado com o seu radicalismo doutrinário, velho mas nem por isso menos poderoso demolidor, guerreiro de famosos combates e autor de catecismos entre os quais ficara célebre por muitos títulos a *Revolução Francesa*. Pelo martelar da lógica e pelo desfiar do livre exame desfazia uma liberdade que governava em mero estado de fantasma, doente, inválida, ilaqueada por toda a sorte de complacência com os seus piores adversários, de facto iludida e atraiçoada constantemente, subsistindo apenas na letra das instituições.

Foram, finalmente, êsses três guerrilheiros insubmissos, sem general nem quartel, Camilo, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, a surgirem-nos de todas as encruzilhadas, subtis e lestos, pondo um raboleva em todo o ridículo, toda a fraqueza, toda a deformidade e toda a indignidade que sagaz e cruelmente descobriam e despiam, aos feixes e das mais cómicas.

O meu querido amigo Luís de Magalhães disse um dia a Camilo Castelo Branco, já nos derradeiros anos de vida dêste, que com passagens da sua obra e estudo e escolha dos seus caracteres e figuras podia fazer-se, e era bem que se fizesse, a história social da expropriação do antigo regime pelo predomínio da burguesia liberal. Seria um primor de arte e um documento de todo o ponto precioso, belo na forma, intensamente animado, por completo elucidativo e exacto.

Muito sorriu a Camilo essa lembrança. Por certo compreenderia de pronto, e não sem um justo desvanecimento, que semelhante trabalho, quando executado com sciência e consciência, com discrição e inteiro conhecimento de causa, daria à sua obra uma significação social e estética que não é fácil de atingir, e muito menos de considerar em toda a sua real grandeza, emquanto se achar envolvida na dispersão e confusão dos seus elementos, produzidos e acumulados fóra de todo o espírito de ordem, sem segunda intenção, e, provávelmente, fóra da consciência da sua perdurável importância. Morgados, cabos de polícia, brasileiros, namorados, fidalgos galanteadores, magistrados, cavaleiros e peões, gente de aldeia e peralvilhos das cidades, mercantes dos burgos e almocreves sertanejos, uns chorando a desventura e a decadência, outros ufanos da fortuna e insolentes, outros, ávidos, reclamando o seu lugar ao sol e atropelando o próximo, todos ali se juntaram e se acotovelavam, pelos solares e pelas cabanas, em suas casas, nos campos, nos templos, pelas estradas e praças, com sua linguagem, seus usos, seus trajos, seus preconceitos e interêsses, seus servos e sua ostentação, ora vaidosa, ora ingénua, quási sempre cobiçosa, muito aferrada aos bens do mundo. Todos ali se juntaram e a todos ali foram registadas as fraquezas entre os motejos olímpicos com que uma arte sem dó nem compaixão lhe anunciava a presença a multidões sequiosas de riso e nada enternecidas pela desgraça alheia.

A Camilo sucedia Eça de Queiroz, parente próximo, ambos da mesma linhagem literária, dessa que tem Montaigne e Voltai-

re na sua genealogia, ambos do mesmo sangue arrefecido, de certa frieza moral, notávelmente desapaixonada, instrumento magnífico de uma arte solícita e feliz quando anima caracteres dando-lhes um relêvo esplêndido e desenvolvendo-os em ampliações soberbas, e nada rigorosa, até muito abandonada, se se procura classificar e ordenar êsses mesmos caracteres em seu lugar e graduação na escala dos valores psicológicos. Todos passam, firmemente desenhados, em um desfilar impetuoso, mas sem discriminação, todos no mesmo nível das responsabilidades morais. E, deixando-nos todos admiração, esperando a impressão cativante do contacto íntimo da vida, nenhum nos prenderá nem por grande amor nem, muito menos, por entranhada aversão.

Em Camilo como em Eça de Queiroz um vago e secreto desapêgo fundamental, como uma indulgência plenária, convida-nos a alegres devastações pela negação virtual das afeições, não só duvidando mas não raro desdenhando de uma humanidade e de uma natureza perpétuamente bifrontes, rindo das suas duas faces porque uma escarnece da outra, suspeitando sempre fealdades na formosura e formosuras na fealdade, distinguindo mal o limite do vício e da virtude, e fácilmente, a cada passo, esquecendo e levando-nos a esquecer pela magia insensível de artes sublimadas que, se a humana tem duas faces, a terrena e a celeste, tem uma só espinha dorsal a suportá-las, e mal lhe vai se quando lhe afagamos ou ferimos qualquer das faces, tocamos na espinha dorsal cuja ofensa será mortífera.

Sem dúvida com diferenças específicas muito acentuadas, êsse desapêgo é em Camilo e Eça de uma identidade essencial. Sacudido, desordenado, tôsco, rude, granítico e de varapau minhoto em Camilo; urbano, ponderado, cortês, fluido, beirão e de cana da Índia com castão de oiro cinzelado em Eça de Queiroz; em ambos instruído, mundano, a par do tempo e do seu pensar, ávido da experiência da vida em todas as suas formas e rico, riquíssimo, de apetites, sensibilidade e imaginação; rijamente nacional no primeiro, internacional no segundo: — êsse desinterêsse comum das afirmações e dos dogmatismos, derivado de coincidências psicológicas manifestas e servido por modos de expressão paralelos e por igual fascinantes, estava destinado a colaborar poderosamente na pulverização das influências que encontrava guindadas em seus tronos, e muitas trazia para a praça pública oferecendo-lhes um sceptro de cana verde. Pela iro-

nia e pelo riso as apeavam das alturas, ironia e riso que para a moderação ingénita eram um doce modo de expropriação, mas que nos temperamentos grosseiros se convertiam de pronto em sarcasmo, insulto, ameaça e revolta. Até, para que a aproximação entre Camilo e Eça se mantivesse indissolúvel, aconteceu que determinada pela analogia do temperamento, prolongou-se na semelhança de seus resultados para a história social da nação. Porque se a familiaridade de Camilo com as plebes e com as classes dominantes tradicionais o levou a constituir nas suas obras um arquivo valioso para conhecermos e julgarmos o advento da burguesia liberal, nas obras de Eça de Queiroz e na sua intimidade com as aristocracias de fresca data como com as de antiga estirpe, encontramos quanto baste para o desenho minucioso e acabado do triunfo final daquela mesma burguesia. Aqui temos seus modos, gestos, costumes, pensamento e paixões; é nos seus reinos que vagueia a fantasia de Eça de Queiroz, a essa burguesia se prendeu a inventariar-lhe as fraquezas e ridículos e talvez por isso, por essa inconsciente propensão, deixou tão pequenino lugar para receber na sua presença a humildade sofredora do quarto estado, que já no seu tempo merecia alguma cousa e teve a afeição acrisolada de Oliveíra Martins.

Unido nas *Farpas* a Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão partiu com êle para a aventura em que se propunham retalhar em miúdos, no exame da vida social quotidiana, as convenções da burguesia liberal, híbrida de honestidade e cobiça sórdida tão pouco lavada da alma gananciosa como do corpo avêsso à água, de pretenciosa vulgaridade em matéria de arte e bom gôsto, e, na perturbada consciência de uma indigência corrompida, a primeira a pedir com avidez as picaduras com que um espírito diabólico a perseguia. Nem sequer se sentia maltratada e injuriada quando as farpas lhe rasgavam mais fundo as carnes. Ria-se, ria-se muito, a infeliz! Andou na fé quási infantil de que era apenas para lhe distrair os enfados e os bocejos aquela folia em que a levavam pelas ruas exposta à irrisão popular.

Assim se dissolveu o liberalismo com a sua côrte; assim se lhe arruinaram a política, a arte, os regalos, as ilusões, todos os seus tesouros e riquezas. Às mãos daqueles executores de alta justiça sucumbiu. Foram êles os obreiros mestres da sua demolição e os portadores dos ferros e reagentes, o mais das vezes ácidos, que lhe dilaceraram e corroeram as entranhas.

Todos êles, porêm, — advirta-se por sua honra e nossa fortuna, ainda os que, como Oliveira Martins, imaginaram andar protegidos contra os desenganos da vida por um manto de scepticismo invulnerável, todos por diversos modos fizeram acto de contrição das impiedades destruidoras e dos excessos, erros e injustiças a que a acção de destruir conduz, invariávelmente; todos procuraram curar as chagas abertas pelos seus golpes e quiseram ressuscitar o Lázaro ungindo-o de perfumes vivificantes, aplicando-lhe seus curativos e bálsamos, renovando-lhe o espírito e o sangue. Todos sonharam e alguns fundaram reconstruções e reabilitações de uma sociedade profundamente abatida. Na primeira hora grandes desmoralizadores de uma moral sorvada, a desfazer-se, não significavam nos arrojos de dissolução senão a necessidade de uma operação inicial dolorosa. Para que se fizesse coerente, ligada e duradoura a reconstituìção que entreviam, desejavam e tinham por salvadora, havia ela de ser precedida de uma purificação radical, limpando toda a inutilidade, desprendendo de todo o parasitismo, amputando ou corrigindo toda a deformidade, purgando de toda a podridão. Aí se repetia e era de repetir a regra elementar que lord Rosebery mais do que uma vez tem enunciado e invocado em conjunturas semelhantes: — «Para escrever de novo, era necessário limpar a pedra».

Não se destrói só por destruir, pulverizar e aniqùilar, por mera paixão de niilismo. Quem destrói é porque quer cousa melhor ou diferente do que tem e do que vê. Se o aborrece e condena, é porque outras visões, arpirações e esperanças o incitam. Destruir é, em regra, um simples modo de afirmar. Desama-se pela exaltação daquilo que amamos e queremos, não se desama sómente por desamar, o que fóra de demência é inconcebível.

Em 1885, Oliveira Martins, aquele que pouco antes nos mandava o auto de autópsia do *Portugal Contemporâneo*, mas que na *História de Portugal* não disséra mal do regime pombalino e quási lhe confessara simpatia, publica a *História da República Romana*. Dedicava-a a Teodóro Momessen, êsse de tal modo arrebatado na admiração de Júlio César que da exagerada interpretação da sua apologia teve necessidade de defender-se, indo a dizer que exaltar o génio de César e justificar a oportunidade da sua política não era exaltar nem justificar o cesarismo. A dedicatória da *República Romana* do discípulo português, com sua

honestidade meticulosa e toda repassada de gratidão, declaradamente reconheceu em Momessen o «seu guia e mestre naquela obra».

Naquela e em muitas outras de diferente carácter, especulativas e concretas — poderemos nós acrescentar sem temor de errar. Pois não tardava no *Reporter* o artigo de Oliveira Martins sôbre *Razão de Estado*, chamando em socorro da ordem, periclitante na dissolução liberal, aquelas velhas armas dos govêrnos de algum dia, que de novo forjadas, e polidas e envernizadas com seu verniz de filosofia, operavam milagres em terras germânicas. Do caos liberalista sonhava resgatar-nos pela autoridade, poder e sapiência do Estado e pela coacção das suas fôrças. Um antigo socialista, desde as suas primeiras publicações, não podia concluir em outra base a sua concepção do escalavrado edifício em cuja demolição se esforçara e com grande êxito. Esclarecido pelo estudo aturado e profundo, e também não pouco deslumbrado pelo prussianismo bismarkino, então dominante em todo o seu fulgor, o crítico português afeiçoado à sua terra e ancioso por vê-la reverdecida, semeava-lhe nas desoladas campinas aquele elixir de vida, já traduzido do imperialismo germânico para uso das democracias ocidentais na ponderada e lúcida moderação laveleyana em que o grande e fecundo mestre da Universidade de Liege soubera defini-lo e atenuá-lo. Pela dedução e seqüência do seu labor mental, conjugado com a pressão dos factos, com a reacção própria da presença de uma adiantada relaxação de todos os vínculos políticos e morais que são indispensáveis ao vigor e prosperidade das nações, Oliveira Martins tinha de se confiar e de nos confiar à eterna esfinge do estado, salvador abençoado, segundo uns, e o mais funesto inimigo da paz e da fortuna das raças, segundo a rebeldia dos descrentes de todo o sistema de violência. O extenso programa da *Política e Economia Nacional*, o projecto de lei do *Fomento Rural*, a propaganda do regime alfandegário proteccionista, combatida na imprensa por António de Serpa, o mais ilustre dos paladinos do livre câmbio que então veio a terreiro, prolongadas campanhas na imprensa e no parlamento, influência directa e indirecta na administração pública, tudo isso que foi brilhante de inteligência, actividade e honestidade, ficou dizendo em multíplices e inequívocos documentos e sem a mínima obscuridade por que vias e feitos o historiador descrente do liberalismo e seu terrivel algoz recuperou a fé no ressurgimento nacional. Na ver-

dade, ninguêm mais do que êle se inflamou em esperanças sorridentes e mais enérgicamente partiu a trabalhar na reedificação da casa que ajudara a pôr em ruínas.

O Sr. Teófilo Braga, êsse seguira por outro caminho. Das doenças de uma liberdade insuficiente queria curar-nos por liberdades mais amplas, e sobretudo mais genuínas. Do tumulto da monarquia liberal e representativa queria salvar-nos pela radical inteireza e pureza do princípio republicano, e, generosa e abundantemente, consagrou muito saber, altos talentos e uma firmeza infatigável à causa da sua paixão, a cujo triunfo a benignidade do destino permitiu que êle se associasse e presidisse. E o Sr. Guerra Junqueiro, já recolhendo da acidentada peleja das imprecações e sarcasmos em que prostrara um *D. João* agonizando na miséria e o *Padre Eterno* degenerado em hipocrisias senis, convertia-se da maldição à admiração, e corria a beber o rejuvenescimento, a alegria e a candura entre *Os Simples*.

Apontava ao nosso culto e carinho a ingenuidade, o trabalho e a humildade dos ignorados e rudes. Em suas águas lustrais e na comunhão dos seus sacramentos nos purgaríamos do êrro e da depravação de crenças dementadas, que rematavam em uma completa inanidade religiosa bastas vezes mesclada de explorações indignas, e que moral e políticamente haviam dado apenas desgraça e imbecilidade, uma bancarrota total, ainda mais ignominiosa e dissolvente do que a bancarrota financeira a que a nação fôra conduzida pela insensatez administrativa e por um civismo avariado, só notável por sua estultícia pedante quando não se distinguiu por uma avidez miserável. Era aquele «o seu melhor livro», dizia o Sr. Guerra Junqueiro na dedicatória de *Os Simples*. Era êle mesmo que estabelecia preferências relativamente aos seus livros anteriores; dêsse modo os corrigia, emendava e acrescentava em uma confissão de todo o ponto significativa. Quem flagelara a sentimentalidade de um romantismo dessorado e caduco, libidinosamente traiçoeiro, quem se arrebatara no castigo das imposturas de certas santidades religiosas que transmudavam a sinceridade em sordidez e a crença em comércio de comodidades mundanas, chamava-nos agora a reavermos uma alma de grandeza verdadeira e de pureza entre os pastores e os cavadores, entre os servos e entre os pobres, pelas ermidas, pelas levadas, pelas choupanas e pelos eirados, onde o suor que cria o pão se confunde com a natureza que ignora a mentira. Aí corriam as

fontes claras da vida em que o poeta se curava de todas as amarguras, e da miséria do mundo voltava a face para o Senhor; aí levava uma sociedade depauperada até à inconsciência do próprio aviltamento para que ela recuperasse as fôrças primarciais da saúde física e religiosa das raças.

Nem Eça de Queiroz, apesar do seu entranhado scepticismo servido por uma inteligência de uma agudeza rara e por uma imaginação de incomparável opulência, nem êsse que parecia fadado sómente para sorrir de dúvida e se deleitar e nos deleitar na penetração das contradições intrínsecas da natureza e dos homens, nem êsse escapava à tentação das afirmações reconstituìtivas. Atrasado dos companheiros porque o carácter do seu temperamento o impedia de se enfileirar na vanguarda da legião que ia fundar reinos novos sôbre os destroços dos antigos, já sem tempo bastante diante de si para o desenvolvimento da sua idea, mas muito a horas para a glória do seu nome e para honra do poder da sua inteligência e do proveito moral da sua experiência da vida, murmurava, em 1901, um acto de fé em *A Cidade e as Serras,* despedindo-se das seduções do mundanismo e castigando-as com infinita destreza naquela sátira admirável, igual às melhores que em público teem despido e vexado o snobismo. De toda a inanidade e tumulto de uma civilização suspeita refugiava-se na paz e na singeleza da vida rural e tradicional das nossas aldeias e solares. Sonhando-as, entreviu a terra da promissão. Acabava ali a sua acidentada peregrinação. Foi essa a sua derradeira pousada, qualquer cousa que encontrou sólidamente edificada para durar e nos fortalecer com uma energia terrível mudando súbitamente de rumo, trocava por um vago juramento de confiança o trabalho subtil de pulverização dos templos, altares e domínios em que durante longos anos se consumira e tornara famoso.

O próprio génio de Camilo que chegou a ter o pessimismo por conclusão última da filosofia e tantas vezes provocando gargalhadas estrepitosas nos induziu a acreditar que êste mundo e as suas paixões não passam de um espectáculo, magnífico apenas para ser observado de ânimo leve, tirando dêle quanta vantagem possa oferecer-nos para bem de uma digestão tranqùila e reparadora, êsse mesmo, mais ou menos clara e conscientemente, ia fazendo concessões a muita cousa digna de ser estimada e amada. Nem sempre foi negativo. Emquanto atirava para longe, despedaçados, diversos tropeços da sua estrada inimigos de uma vi-

talidade portentosa que não admitia quebra da liberdade de sentir e apreciar, e até de maldizer onde lhe aprouvesse, poupava de facto muita parede antiga e na realidade a restaurava só por efeito de lhe revelar a solidez e a beleza. Alçou ao tablado muita figura nobre e esquecida, muita gentileza, desinterêsse e fidalguia, e teve poder e arte para nos insinuar o seu respeito; deu voz no tumulto a muita honestidade e candura que andavam afastadas e preteridas por ignorância e indiferença, fez que elas nos falassem em uma linguagem que por desusada já poucos sabiam balbuciar e que ressurgindo ostentava infinitas graças e um alto poder de expressão. Fez justiça a grande soma de um passado estouvadamente anatematizado, e nas suas desconexas lições lançadas ao acaso da fantasia não só ensinou a considerar friamente êsse passado mas também nos inoculou o amor do que êle tinha de são, perdurável e digno de ser mantido e querido.

Antero de Quental sucumbiu no combate. Um momento de desânimo característico dos arrebatamentos do génio convenceu-o talvez de que a vitória era incerta, inútil o combate, desassisado o esfôrço. Não deixou todavia os fiéis da sua visão, os que êle iluminara e encantara no seu resplendor e que religiosamente lhe reconheceram a sublimidade, sem lhes haver legado a aparição de «um helenismo coroado por um budismo», a mais alta concepção filosófica em que se consubstanciam séculos sem fim de contemplação da ordem cósmica e a eternidade dos êxtases do coração humano. Deus e a terra ali se reconciliaram na plenitude da consciência das suas mútuas prisões; e na paz da sua reconciliação nos engrandeceram e abençoaram. O cansaço inseparável de um labor desta natureza e magnitude não teria dificuldade em o persuadir de que a altura a que havia chegado e donde avistou um mundo redimido de inumeráveis penas era para o peregrino «a porta de saída» como uma das suas cartas me dizia. Mas os alicerces ficavam fundados, e o princípio da reconstrução claramente definido. Outros se lhe seguiriam, e na realidade se lhe seguiram em terras cultas estranhas, a continuarem essa obra magnífica, suprema, do saber e da religião do século XIX, na qual êle foi um apóstolo grande entre os maiores. E os nossos tempos vêem já que fortaleza invulnerável fundaram êsses que tanto sofreram nas agonias de sua consciência para descobrirem a coexistência isenta de oposição entre o corpo e a alma.

Ainda no período de demolição mais activo, Ramalho Ortigão

seria talvez entre os cavadores da ruína do liberalismo o que mais cedo, começou se não a edificar, pelo menos a conservar ou a mostrar preferências em matéria de conservação. Desde o começo da sua tarefa se inclinou a certas e largas reservas de entusiasmo por muita cousa do passado que ainda vivia e lhe facultava motivos bastos de admiração e amor. Não seria ainda claro o que as suas afeições exigiam de positivo; percebia-se-lhe, porêm, através do radicalismo a tendência a limitá-lo à demolição exclusiva do seu tempo em quanto ela fôsse indispensável para desafogar os vestígios das eras que o tinham precedido e para nos inspirar o seu culto. E progressivamente estas tendências afirmativas se lhe foram acentuando e definindo.

Se hoje, varridas todas as impressões e fascinações de momento, fechados todos os seus livros ou baralhadas as páginas, procuramos classificar a obra de Ramalho pelo seu esqueleto e conjunto, se perguntamos qual foi o seu carácter dominante e linha fundamental, o que é que ela quis, que ambição a incitou e inflamou no impulso tenazmente violento de derruir uma sociedade inconsciente e frouxa de sua constituição psicológica, e demais exausta em todos os aspectos e formas da sua actividade por virtude de uma dilatada e acidentada existência em que produzira todos os frutos de que era capaz (muitos dêles salutares e preciosos, convêm reconhecê-lo), se por isso inquirimos, é fácil e óbvia a resposta. De certeza atingimos os princípios por que procedeu, o que pretendia e por que meios entendia dar realidade e ser palpável ao seu sonho.

A fôrça e a beleza foram as divindades predilectas de Ramalho Ortigão; nelas se resumiu a sua concepção de ressurgimento da vida nacional. Ser forte e ser belo em todos os modos individuais ou colectivos — a isto se reduziu a sua paixão, isso pediu para a sua terra e para a sua gente que muito amava, por isso a castigava e advertia, sentindo atraiçoadas essas leis soberanas fora das quais os povos e as nações decairiam e morreriam na indigência e no opróbrio.

O liberalismo burguês produzira em Portugal uma sociedade cuja compleição o irritava, de minguada e decrescente capacidade física, por um lado amolecida na indolência e nos regalos e por outro depauperada na miséria, e, além disso, destituída de cultura espiritual, de uma acanhada agilidade mental, tardia em se encorporar nas grandes correntes do pensamento europeu,

absolutamente carecida de senso estético que substituíra por ostentações e vaidades nas quais compendiara infinitas fealdades. Sem nobreza de espécie alguma entre as doenças de que estava eivada, deixando apagar a fidalguia que recebera dos avós e não sabendo criar outra nova e melhor, e nem sequer cuidando disso, resvalara por cúmulo de desgraça na febre de baixas e estreitas ganâncias, de contínuo se enxovalhava em mercancias baratas, inábil e impotente na exploração e acumulação da riqueza, — emprêsa esta última que em outros lugares converteu degradações morais em assombros de grandeza económica, cimentada com infinitas crueldades, é certo, mas todavia colossal, indigna de amor mas crèdora de espanto.

Em nome da virilidade e da beleza ofendidas Ramalho Ortigão se revoltava, e, cumprindo-lhe aceitar todas as responsabilidades da revolta, implícitamente obrigado a dizer por que modos se resgatava o agravo, por que princípios e usos se reforma uma sociedade decaída até aquele extremo a que nós havíamos baixado, disse-o sem hesitação nem temor, e corajosamente começou, não só a prègá-lo, mas também a observá-lo e praticá-lo até onde as condições da sua existência individual lho permitiam.

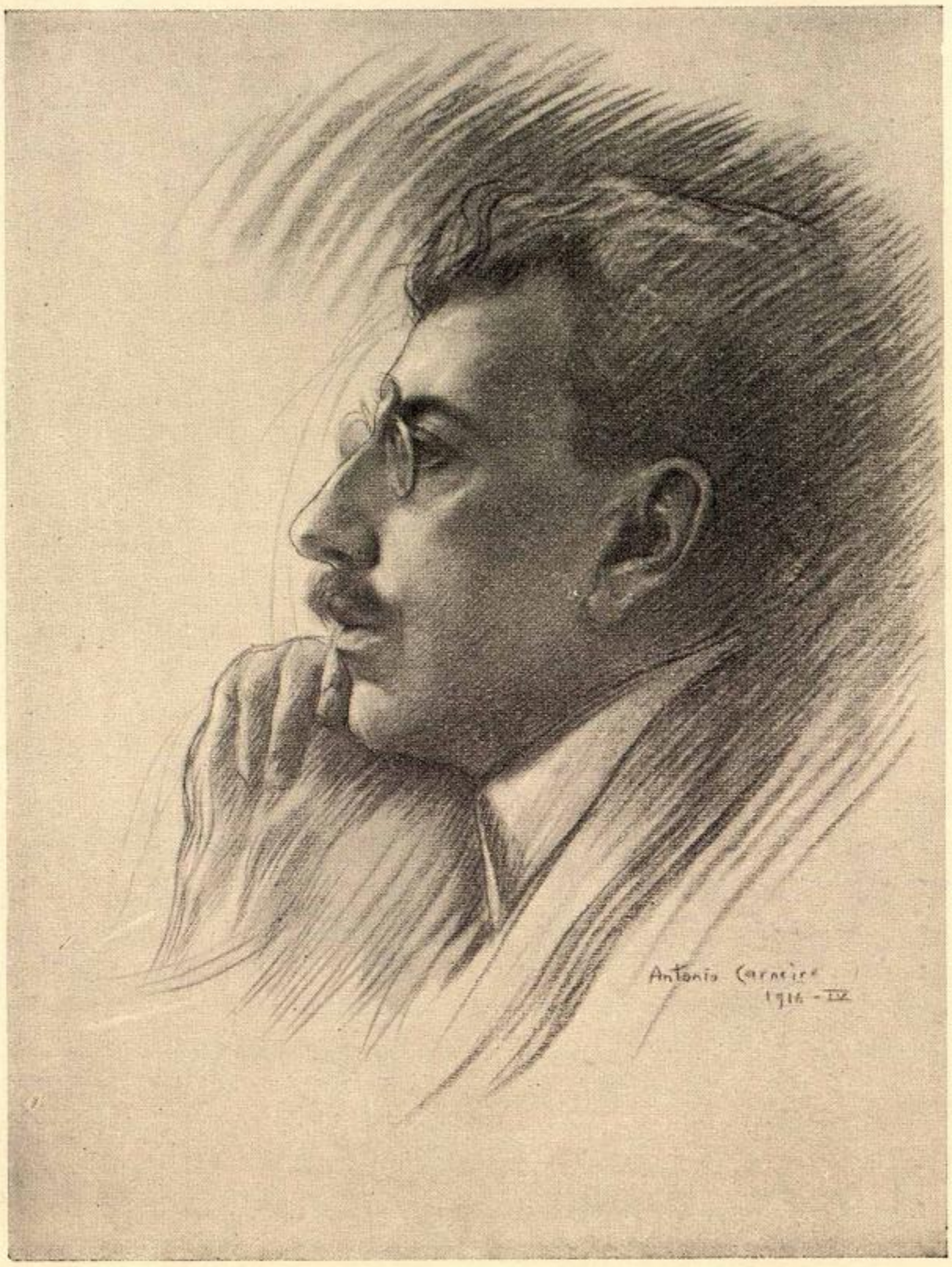
Assim fizeram acto de contrição e cumpriram sua penitência os demolidores do liberalismo. Cada um por sua vez, e a seu modo e em seu campo, todos honestamente consagraram os seus talentos àquela missão que lhes coube pela selecção natural das aptidões e do carácter. Encontraram uma sociedade exangue e decrépita, caída em certa demência senil, articulando vários delírios de liberdade como a recordar-se de uma paixão da mocidade e de facto abandonada à desgraça de uma grande baixeza e muita inépcia nas quais se cevava, atrofiava e desonrava. Tornara-se urgente reanimá-la, erguê-la por um novo baptismo, purificá-la e iniciá-la em novos reinos, insentá-la dos seus muitos vícios, retemperá-la em nova politica, nova arte, nova higiene, nova religião, novos costumes, novas alegrias e novos padrões de dignidade.

Não viveram quanto sonharam êsses demolidores do liberalismo, que a realidade sempre sabe esquivar-se a obedecer completamente às nossas esperança e esforços. Mas seria cegueira e desvairada injustiça esquecer que o que êles juntaram e nos legaram é por agora o melhor da riqueza espiritual da nação.

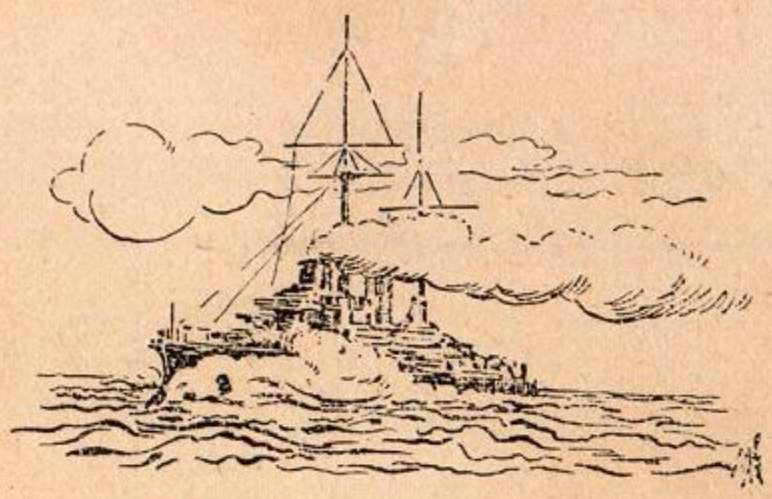
JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

A Campanha Patriótica de Olavo Bilac

Já registámos na «*Atlantida*» o alto significado patriótico da admirável campanha iniciada por Olavo Bilac a favor do serviço militar obrigatório. Poeta de génio, Bilac demonstrou com ela que era também um grande condutor de povos. A necessária e urgente *unidade moral do* Brasil só se póde conseguir rápidamente criando em todos os brasileiros o amor e o culto da sua Pátria. Isto pensou Bilac. E, pensando-o, logo desejou vêr realisada a sua concepção, pondo ao serviço dêle todo o fogo impetuoso da sua alma, toda a energia do seu profundo sentimento cívico. Todos aquêles que no Brasil têm um nome ilustre — nas letras, na sciência, na política, na arte — o aplaudiram e seguiram. A mocidade, sobretudo, vibrou aos apêlos eloqùentes do poeta. E ainda há pouco, em S. Paulo, todo o público que assistia às festas da Independência victoriou clamorosamente o desfile dos escoteiros, futuros soldados do maior Brasil. Nêste momento, em que Bilac de novo continúa a indispensável campanha, indo aos Estados do Sul levar a boa palavra do seu incitamento generoso, a «*Atlantida*» presta-lhe a homenagem sincera do respeito e da simpatia que merecerão a alevantada tarefa, publicando o retrato do apóstolo, e saudando nêle o espírito sempre victorioso e môço da Pátria Brasileira.



OLAVO BILAC
Desenho de Antonio Carneiro



A Inglaterra, senhora dos mares

Se alguêm ainda hoje duvidasse do poderio naval inglês, teria agora, durante esta guerra, a prova prática do contrário.

De há muito, a Inglaterra ocupa o primeiro lugar na escala das marinhas mercantes, lugar que não seria fácil disputar-lhe.

As suas companhias de navegação contam-se às dezenas. Umas são célebres pelo grande número de navios que possuem, como, por exemplo, a *British India* com 128, a *Elder, Dempster & Co.* com 104, a *Harrison* com 83, a *Ellerman Line* com 86, a *Holt* com 73, a *Peninsular and Oriental Steam Navigation* com 75, *Wilson Sons & Co.* com 95, a *Union Steam Ship* com 75 e muitas mais com um número de navios superior a 50, como, por exemplo, a *Royal Mail Steam Packet,* a *Canadian Pacific Railway,* a *China Navigation,* a *Clan Line,* a *Clyde Navigation,* a *General Steam Navigation,* etc.

Algumas tornaram-se célebres tambêm pela grande tonelagem de muitos dos seus navios, como a *Royal Mail,* a *Atlantic Transport,* a *Cunard Line,* — a que pertencia o «Lusitânia», de 31550 toneladas, metido no fundo por um submarino alemão, e que ainda hoje possui o «Mauritânia», um monstro ainda maior, de 31938 toneladas, que está no pôrto de Liverpool, — a *Dominion Line,* a *Wite Star,* a *Allan Line,* a *Orient Line,* a *Union Castle,* e muitas mais.

Tudo isto, segundo o *Lloyd's Register of Shipping* de 1915-1916, constitui o enorme total de 11353 navios, representando **mais de 21 milhões de toneladas,** que cortam os mares em todos os sentidos e levam a bandeira inglesa a todas as paragens.

No quadro seguinte apresentamos os seis países que ocupam os primeiros lugares na escala das marinhas mercantes:

PAISES	Número de navios	Número de toneladas
Inglaterra	9:285	
Colónias	2:068	
	11:353	21.274:068
Estados Unidos	3:249	5.892:639
Noruega	2:174	2.529:188
Alemanha	2:166	4.706:027
França	1:539	2.285:728
Suecia	1:462	1.122:883

A diferença do número de navios ingleses para os das outras nações é tão extraordináriamente grande, que nenhuma delas certamente terá esperanças de conquistar o seu lugar.

Toda esta esquadra mercante não serviria de nada à Inglaterra, se não tivesse uma grande marinha de guerra, — também a primeira de mundo, — para lhe dar protecção e lhe garantir a segurança nos mares.

Segundo o *Fighting Ships*, as nações beligerantes no comêço da guerra possuiam as seguintes fôrças navais:

	Inglaterra	França	Russia	Total	Alemanha	Austria	Total
Couraçados e cruzadores	213	65	41	319	122	28	150
Destroyers	240	84	116	440	164	18	182
Torpedeiros	109	170	18	297	45	87	132
Submarinos	75	76	44	195	30	14	44

Tentaram os alemães fazer a guerra ao comércio marítimo, caracterisada principalmente pelo que êles chamaram o *bloqueio dos submarinos*.

O govêrno e o povo inglês receberam essa ameaça com uma altivez digna de toda a nossa admiração. As carreiras continuaram a fazer-se, não com o mesmo número de navios, porque muitos foram imediatamente postos às ordens do govêrno para transporte

de tropas, mas quási com a mesma regularidade, apenas fazendo algumas companhias saír os seus navios em dias diferentes daqueles que estavam estabelecidos. Realmente, o bloqueio dos submarinos alemães não podia causar graves danos à vastíssima navegação inglesa. O director da *Cunard Line*, entre outros, dizia que, ainda que a Alemanha possuisse um número de submarinos dez vezes maior, ela não conseguiria paralisar o comércio inglês.

FORÇAS NAVAIS

Inglaterra, França e Russia		Alemanha e Austria
319	Couraçados e cruzadôres	150
440	Destroyers	182
297	Torpedeiros	132
195	Submarinos	44

As suas perdas foram enormes, sem dúvida, mas, se as compararmos com a totalidade dos navios, essas perdas representam uma percentagem pequeníssima.

A grande ameaça alemã não produziu o efeito previsto.

Sôb o ponto de vista militar, não foi de grande valor, porque não conseguiu o seu fim, esperando toda a gente com a máxima confiança as providências que o Almirantado inglês daria.

Sôb o ponto de vista político, ela levantava uma tempestade de protestos de todos os países neutrais, directamente interessados na navegação inglesa, favorecendo assim enormemente a causa britânica, ao mesmo tempo que acarretava para a Alemanha a antipatia de todo o mundo culto, que assistia ao barbarismo com que ela efectivava o seu plâno.

O tradicional valor do povo inglês, o pleno conhecimento da gravidade desta luta e a grande confiança, — bem justificada, — na sua marinha de guerra, faziam-no permanecer desdenhoso diante de toda esta fúria de destruição.

Os próprios navios neutros eram atacados e metidos no fundo, apesar dos seus comandantes tomarem todas as precauções aconselhadas pela própria Alemanha, e que se resumiam em trazer o nome do navio e as côres das bandeiras nacionais pintadas no costado, o qual, durante a noite, se devia conservar bem iluminado, e parar imediatamente quando se avistasse um submarino, esperando que êste lhe desse ordem de seguir viagem.

Ao princípio, o trabalho dos submarinos na caça ao comércio dos Aliados, foi auxiliado por alguns corsários alemães.

Nos princípios do ano passado o mar estava livre de todos êles, tendo sido uns afundados e outros capturados por navios das esquadras aliadas.

Êsses corsários, que ficaram célebres pelos prejuizos que causaram, foram os seguintes:

Kronprinz Wilhelm, paquete de 14900 toneladas, das carreiras de New-York, da Norddeutscher Lloyd, capturado em agosto de 1914.

Kaiser Wilhelm der Grosse, couraçado de 10800 toneladas, afundado em agosto de 1914, próximo das Canárias.

Emden, cruzador de 3600 toneladas, afundado em novembro de 1914.

Sharnhorst, cruzador-couraçado de 11600 toneladas, afundado em dezembro de 1914, próximo das Ilhas Falkland.

Gneissenau, cruzador-couraçado igual ao anterior, também afundado juntamente com êle.

Leipzig, cruzador de 3250 toneladas, afundado também com os dois anteriores.

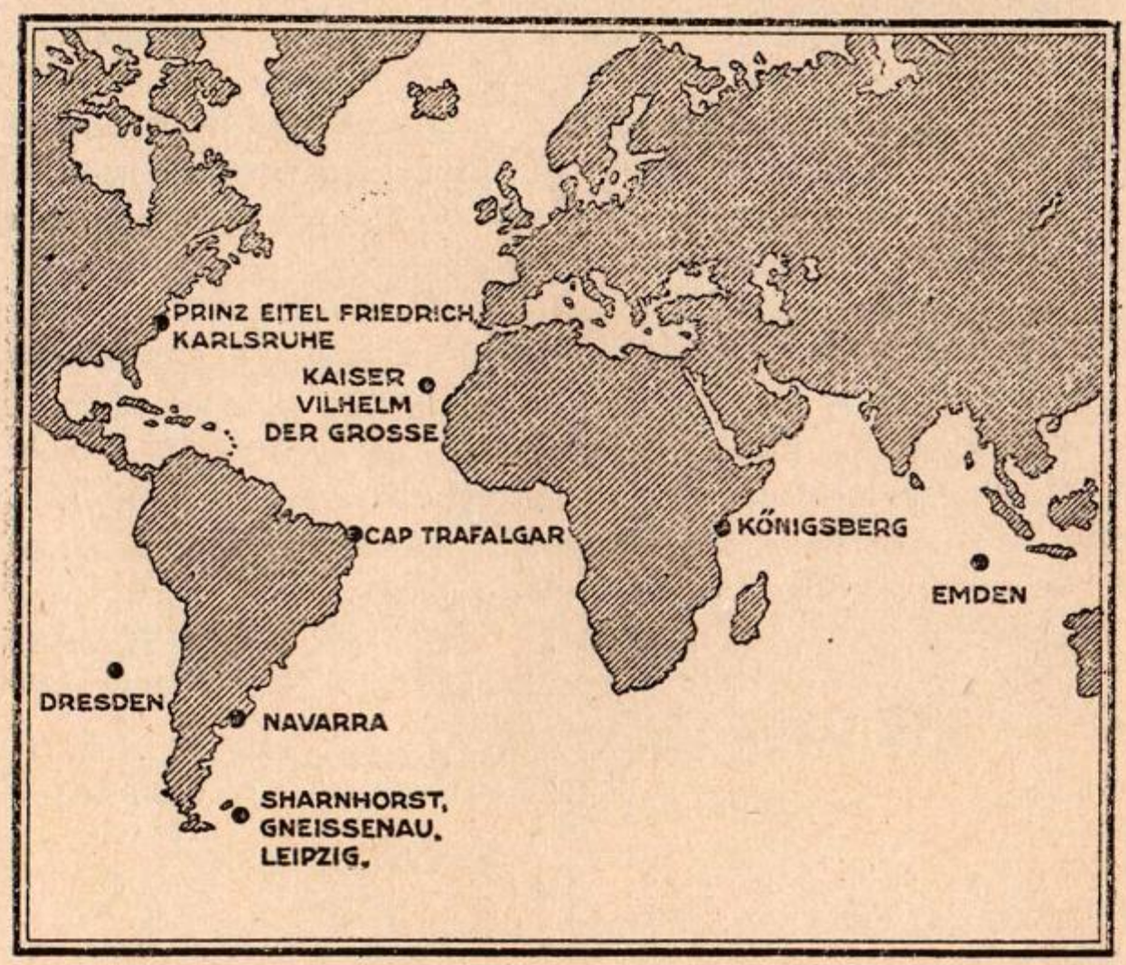
Königsberg, cruzador de 3400 toneladas, engarrafado em dezembro de 1914 no Rio Rufigi em frente de Zanzibar.

Dresden, cruzador de 3600 toneladas, igual ao «Emden», escapado do combate das Ilhas Falkland, vindo a ser afundado em cinco minutos próximo da Ilha Juan Fernandez, em dezembro de 1914.

Prinz Eitel Friedrich, paquete de 8800 toneladas, das carreiras do Mediterrâneo, da Norddeutscher Lloyd, refugiado em março de 1915 no pôrto de Newport e internado depois em Norfolk.

Karlsruhe, cruzador de 4900 toneladas, que teve sorte igual ao anterior.

SEPULTURAS DOS CORSÁRIOS ALEMÃES



Cap Trafalgar, paquete de 18700 toneladas, das carreiras do Brasil e Argentina, da Hamburg Amerika Linie, refugiado nas costas da América.

Navarra, de 5800 toneladas, tambêm da Hamburg Amerika Linie e empregado nas mesmas carreiras, refugiado juntamente com o anterior.

Foram os navios da marinha inglesa que tomaram a parte mais

importante na destruição e inutilização de todos êles, de cujo pêso os mares se libertaram em fins de abril do ano passado, quando já todos jaziam sepultados em vários pontos do globo, como indicamos na nossa carta.

Graves perdas inflingiram êles e os submersíveis às marinhas mercantes e portanto ao comércio marítimo de todo o mundo.

Os números representativos dessas perdas fazem horror.

As estatísticas infelizmente não são tão precisas quanto seria para desejar, discordando por vezes umas das outras.

Assim, por exemplo, o «*White paper*» inglês de 27 de janeiro dêste ano diz que, desde o princípio da guerra até ao fim de outubro do ano passado, foram afundados 254 navios mercantes ingleses, sendo 171 por submarinos, 46 por navios de guerra e 37 por minas, cujo total de tonelagem era apenas de 542648 toneladas, porque a sua maioria era constituída por barcos de pesca.

A «*War Risks Association*» publicou recentemente uma lista das perdas da marinha mercante inglesa, também desde o começo da guerra, mas alcançando até ao fim de janeiro dêste ano. Esta lista, que abrange os primeiros dezoito meses de guerra, considera distintamente três períodos de seis meses cada um, durante os quais as perdas foram respectivamente de 70, 98 e 139 navios. A percentagem aumentou até essa data para diminuir depois, e hoje os afundamentos são em número tão limitado que quási se pode considerar o mar livre de todo o perigo.

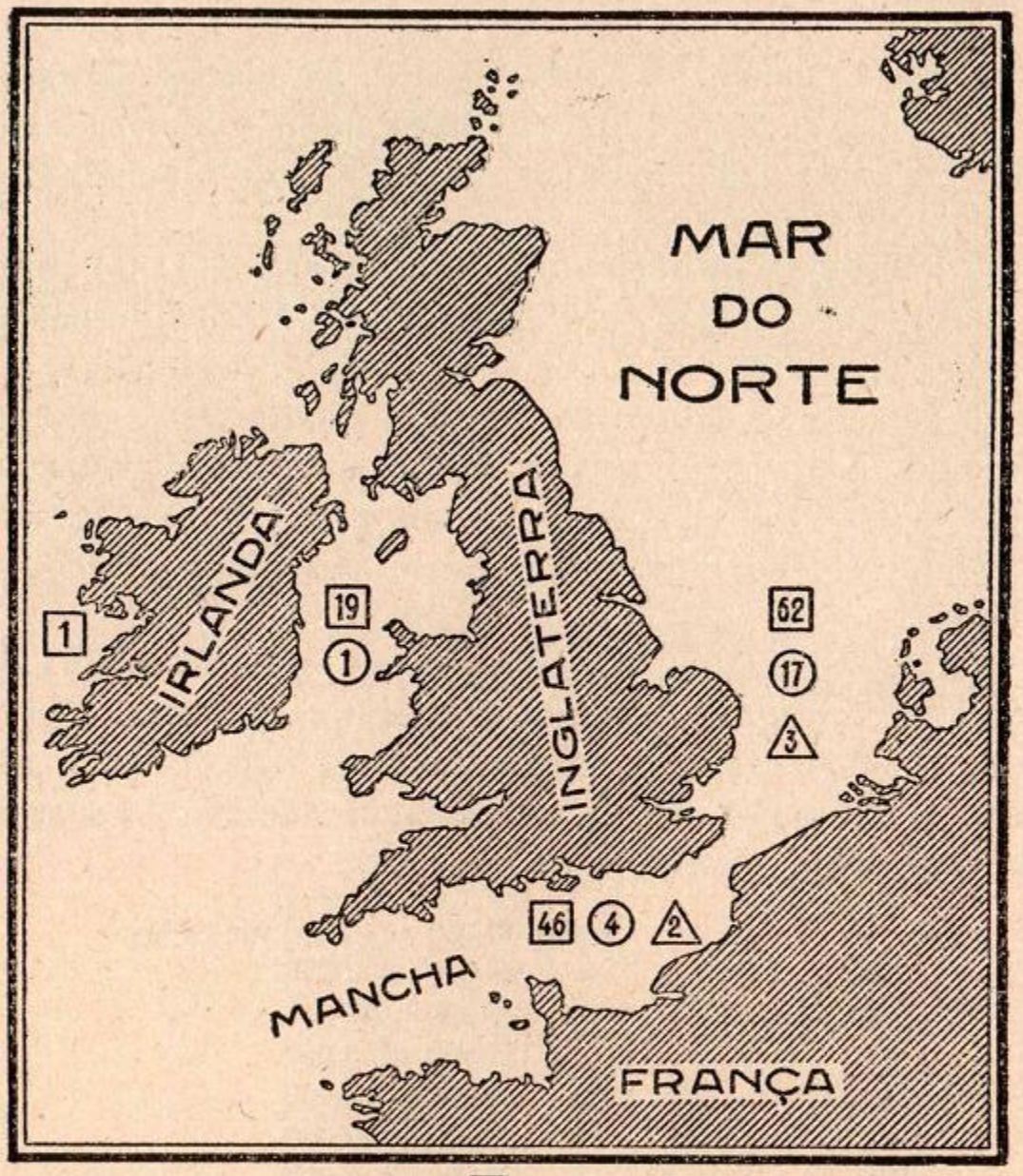
O almirante Sir Cyprian Bridge resume do modo seguinte as perdas dos navios mercantes desde o princípio da guerra até fins de março dêste ano:

Inglaterra	410	navios	representando	1.339.000 ton.
França	53	»	»	158.000 »
Itália	27	»	»	73.000 »
Russia	35	»	»	49.000 »
Bélgica	10	»	»	30.000 »
Japão	3	»	»	19.000 »
Total de perdas dos aliados	558	»	»	1:668.000 »
Perdas dos neutros	218	»	»	393.000 »

Finalmente a estatística das perdas da marinha mercante durante a guerra, comentada pelo economista francês Bourgarel e que já se estende até 30 de abril dêste ano dá como perdas totais dos ingleses 641 navios, sendo 510 até dezembro de 1915 e os restantes 131 durante os primeiros quatro meses dêste ano. Esta

estatística é a que mais difere de todas as outras que apresentamos e que mais ou menos tem um cunho oficial.

NAVIOS MERCANTES DESTRUÍDOS NO MAR DO NORTE
Desde o início da guerra até 22 de maio de 1915



NAVIOS DESTRUIDOS
□ POR SUBMARINOS.
○ POR MINAS.
△ POR SUBMARINOS OU MINAS?

Embora estes afundamentos se dessem em quási todos os mares, a zona mais castigada pelos submarinos alemães e mais povoada de minas tem sido o Mar do Norte; por isso achamos interessante dar um *croquis* dessa zona com a indicação dos navios mercantes aí perdidos até 22 de maio do ano passado, dos quais 112 eram ingleses. Dessa data para cá não nos foi possível obter dados certos dos locais dos sinistros e por isso nos abstemos de os mencionar.

Em compensação, os estaleiros não têm descansado, construindo navios de guerra e mercantes com uma intensidade verdadeiramente pasmosa. É difícil neste momento saber quais os efectivos das marinhas, contudo alguns elementos temos pelos quais podemos fazer idea da produção dos arsenais.

É digno de referência especial o discurso de Lord Balfour, na Câmara dos Comuns, há poucos meses, na ocasião de apresentar o «*Navy Estimates*», em que disse que a marinha de guerra inglesa tinha sido aumentada com **um milhão de toneladas** desde o princípio da guerra.

Êsse milhão de toneladas era assim distribuído: 20 couraçados, 1 cruzador-couraçado, 18 exploradores, 35 caça-torpedeiros, 80 submersíveis, 40 monitores e 50 navios draga-minas, o que perfaz o número de **262 unidades de combate.**

De modo análogo a Inglaterra tem cuidado de aumentar a sua marinha mercante, trabalhando alguns estaleiros exclusivamente para ela e com tal intensidade que o desfalque não deve ser grande.

Assim, por exemplo, das estatísticas recentes dos *Lloyd's Register of Shipping* deduz-se que no fim de março dêste ano achavam-se em construção nos estaleiros ingleses **424 navios mercantes,** dos quais apenas quatro eram veleiros. As suas tonelagens eram assim distribuídas:

1	entre	30.000	e	40.000	toneladas
1	»	25.000	»	30.000	»
2	»	20.000	»	25.000	»
7	»	15.000	»	20.000	»
10	»	10.000	»	15.000	»
89	»	5.000	»	10.000	»
136	»	1.000	»	5.000	»

Os restantes 178 eram inferiores a 1000 toneladas.

Tudo isto é pasmoso pela sua grandesa, desde a maneira altiva como o povo inglês recebeu os graves prejuizos inflingidos pelo inimigo no seu comércio marítimo, até êste esfôrço titânico de reconstituição, que ninguêm pensou realizável.

Por isso a Inglaterra continuará sempre a ser a senhora dos mares.

Lisboa, setembro, 1916.

F. PENTEADO.
Oficial da Armada

ALVES DE SÁ — Um trecho dos arredores de Cintra (aguarela)

Na Sombra

CAPÍTULO II

— É preciso que aprendas a saborear a liberdade. Não te esqueças porêm, de que para a mulher de princípios, ela é apenas um simulacro... Ainda sôb o meu poder, não te perdoaria uma falta... Mas separada de mim, vivendo de ti mesmo, sôb ti, serias então, dona de teus actos, de tuas volições, de teu corpo — dizia Pedro Andreia à sua mulher.

— Mas há momentos em que a liberdade me faz mêdo — respondeu Libitina.

— A ti de reforçar a coragem, de meditar, de te bridar em tempo — proferiu Pedro calmo, andando de um lado para o outro.

— Oh, mas ela é vertiginosa, chama-me para alêns proìbidos — e seus lábios se premeram.

— Será possível, que te não possa embutir nos nervos, no pensamento a virilidade, a energia, o heroísmo de uma natureza superior? — interrogou êle.

— Tenho todas as mudanças súbitas — exclamou orgulhosa.

— São repentes histéricos... não me refiro a isso. Peço-te calma, ponderação, cálculo, sobretudo consciência intelectual. Entendes?

— E a diferença de nossa organização? Vocês homens, sabem obedecer à razão porque sempre hão sido governados. Emquanto nós — acrescentou Libitina em tom brejeiro — desde a infância, estamos habituadas a ver tudo ceder, recuar ante nossos caprichos. Não exijas portanto demasias de mim.

— Corrige-te; surge de ti mesma uma nova criatura, um ser de resoluções.

— Como sufocar em teorias a minha anarquia, a minha vitalidade soberba. Detesto a disciplina — e seus braços se estenderam ávidos de espaço, de amplidões.

— Serias então uma instintiva — replicou Pedro impaciente.

— Nem tanto . . . eu trago a noção do justo limite. Beiro o abismo, sinto-lhe, apenas, o arrepio e nada mais.

— Êsses requintes de epicurista são proibições formais para nós socialistas.

— Que mal há nisso? — Indagou ela.

— É mancha que leva a corrução e para uma mulher que ainda pertence a outrem, é sacrilégio.

— És mais exigente que uma religião.

— Em questões de consciência, somos inexoráveis; não devemos carecer de testemunhas para praticarmos a virtude — explicou Pedro.

— Não vivermos a acção, compreendo. Mas que podemos nós com a imaginação, o nosso senso e essa violência terrível e renitente — o ardor? — De ponta a ponta, corria-lhe o mesmo ritmo satânico, azougado, imensurável que anima o universo, os corações jóvens, os gestos oblíquos, ao viés, que se dão.

Ao ouvir essa palavra, o Sr. Andreia, notou que suas pulsações, apesar de si, se aceleravam; seu primeiro ímpeto foi irritar-se, imprecar, mas deteve-se, ao lembrar-se das suas convicções, do seu amor à liberdade e da imposição constante que reclamava de sua mulher — nunca mentir. A sua vaidade se dilatava: Libitina principiava de saber-lhe dos preceitos, de participar-lhe dos fundamentos.

— É a doença dos românticos, dos fracos, dos impotentes de espírito — respondeu êle desdenhoso.

Libitina fitou-o calada.

Ah, como ela adorava êsse mal que é dor, cântico, tortura, adolescência de convulsões e de espasmos, transbordos de escarcéus; ela o trazia em os nervos, em as visões, à guisa de epicédios, de legendas, de olhos macerados, de ais, de suspiros, de nevroses pungentes e aceradas.

— Oh, o ardor é atordoante . . . é contumaz — afirmou ela.

— Bane essa fragilidade de ti, monda-te, dirige as tuas excelências.

— Meu Deus, despir-me mais ainda, despir-me totalmente, só haver a curiosidade dos instantes. — Dir-se-ia que o silên-

cio da sala se lhe amontoava sôbre os ombros, dentro de suas mãos.

— Assim te tornarás digna de minhas doutrinas — sentenciou Pedro, acendendo um cigarro.

A Senhora Andreia não respondeu. Em seu coração bramia o ruído sem ruído das volições reprimidas, quebradas, desfeitas.

A Biblioteca estava mal iluminada, quási às escuras. Pelas persianas escancaradas o ar preto da noite entrava e perdia-se na luz das bobinas eléctricas, no palor da sua cara maravilhosa: era uma absorção contínua, um aniqùilamento e um ressurgimento incessante, era uma assimilação eficaz, total, intensa, o jôgo perpétuo da vida e da morte.

Libitina levantou-se e dirigiu-se para a varanda que ficava ao lado; a sua alma estava triste, encharcada de nostalgias. Ela abeirou-se da grade e enfiou as mãos pelos jasmineiros, pelas madre-silvas impuras, vertiginosas, febris. Parecia a Senhora Andreia que naquele instante, dela, das estrêlas, da folhagem, dos antros, da água, dos torvelinhos de fumo, dos tecidos invisíveis da criação, surdiam luz, fosforescências, ardentias, scintilações... tudo se enrodilhava, se emmaranhava em tramas de luz, em invasões, em espessuras de luz... Afigurava-se-lhe ver liames, aros, linhas, fios, agitarem-se, moverem-se, atravessarem os troncos, o éter, o azul, os seus cabelos, a sua bôca... e ela reparava como êles se esgueiravam, impacientes, pelas trevas, pelas frondes, pelos galhos caídos que dormitavam e furiosos subirem e descerem do céu à terra em jactos de luz, em riachos incandescentes, em luz escorregadia, liquefeita, impetuosa...

Suas mãos brancas ergueram-se e espalmaram-se, seus olhos fecharam-se, ela sentia pesarem-lhe nos dedos, nos tendões, êsses feixes de luz, que vinham do além da eternidade, do passado, das sensibilidades imateriais para as suas vísceras, o seu heroísmo, a sua languidez: eclosões de luz se lhe brotavam no seio; estrêlas baixavam, poisavam-se-lhe na pele, no colo magnífico, nos cílios, a feição de um som radioso de matinas, de beleza, de adoração... ela havia diafaneidades de éter, reflexos mansos, esvaídos de prata, de onda enluarada, de fulgor retido... Libitina se ia de roldão, nessa insânia de luz, nessa grita formidanda e unificadora, nesse incêndio de clarões que nasciam, se elevavam, partiam dos corações amantes, dos estames, dos pólenes, das valadas solitárias.

Pelo seu corpo eivado de luz, passava o êxtase branco, o rumor da Luz.

— Senhora Libitina está imóvel, com o lado direito cheio de espadanas ígneas, como a Virgem a escutar a Anunciação — exclamou o Sr. de Tuy que se aproximava.

A Senhora Andreia totalmente alheada não o vira entrar; estremeceu, voltou-se e disse a sorrir:

— Acabo de experimentar uma loucura, uma anormalidade: a sensação visível, profundamente sentida da luz em plena escuridão — e ela mostrava no rosto, a palidez de flor sugada, de veia sem sangue.

— É estridência de seus nervos privilegiados, — depois de uma pausa. — Penetrou no delírio da Luz, porque é sombra — e toda a atenção do Poeta se fixava nos cabelos de Libitina que se lhe despenhavam sôbre as espáduas ao geito de flamas invertidas, de serpes em declives...

— Ah, Pedro, como quisera passear, andar de automóvel, atravessar todas as cousas sem ser delas, tocada... Vamos, vamos — implorava Libitina ao marido.

— Agora, não me é possível — respondeu êle — preciso muito preparar uns artigos, tomar algumas notas. — Depois de um curto silêncio como que ferido por uma idea saborosa, acrescentou:

— Mas não importa, poderás ir com Tuy.

— Com Tuy? — repetiu ela atónita, admirada.

— Sim. Porque não? São dous adultos de responsabilidades...

— Ah, não, absolutamente não — disse ela resoluta, sentando-se.

— Mas que hesitação absurda! Que cobardia de consciência. Será possível que te não saibas dirigir? Aonde pairam o teu carácter e o de Gonçalo de Tuy? — E Pedro a fitava cheio de beatitudes.

— Quanto a mim, serei vigilância e respeito—ajuntou o Poeta, sério, pondo estôrvo ao espanto e à multidão de avidezas que se lhe abriam em o íntimo, apesar de si.

— Ah, não, não irei — suplicava a Senhora Andreia.

— Deturpas um acto inocente, envenenas uma acção que nada tem de iníqua. Vai, entrego-te a ti mesma e ao meu amigo de tantos anos. Deixa-te de preconceitos tolos, cediços. — E Pedro de leve, impelia-a a levantar-se, a arranjar-se para o passeio. Seu coração rejubilava-se, enfeitava-se de triunfos, de clarividências

brandas: êle havia de torná-la uma prosélita, uma conversa admirável e perfeita.

— Toma-me a liberdade, eu ta dou... toma-a — repetia angustiada a Senhora Andreia.

— Não, tu a tens total. À princípio ela ofusca... é por demais fulgurante... Compreendo, tonteia — dizia Pedro pausadamente, esforçando-se por convencê-la.

— Deixa-me ficar, eu te peço...

— De modo algum... Irás... Oh, que fraqueza moral! Que mesquinhez! Que amor a escravidão... — exclamava o Senhor Andreia irritado, as mãos nos bolsos, os passos irregulares.

— Basta de imprecações... Irei mas ignoro as conseqüências — proferiu Libitina, levantando-se, a mirá-lo de alto a baixo, colérica, as faces em fogo.

Segurando-lhe o braço, o Senhor Andreia, que a fixava, disse, lento, reprimindo-se:

— Sim, sabes das conseqüências... Lembra-te de teus deveres para comigo...

— Não são assás rijos para aprisionarem-me. — Essa sua frase levava desdêm, acidez.

— Mas na ocasião propícia serão teus aliados, teus defensores, açamos poderosos... Ide ambos — ajuntou êle palpitando de orgulho e de feliz espectativa.

Gonçalo de Tuy que discretamente se afastara, vinha de manso:

— Perde a esperança, alimentas um sonho vão, uma utopia. A evolução de um carácter é morosa, é feita por etapas, aos poucos. A Senhora Andreia ainda não chegou ao teu grau. Depois, para nós homens, é sumamente insuportável, ridículo termos por mulher, ou por companheira, um tipo bem regulado, bem medido, uma megera emfim, de deveres e obrigações...

— Não podes compreender essa magnitude, porque és viciado, uma natureza de gôzo... Como te lastimo... — ajuntou Pedro.

— Vivo da Vida, da Matéria que também é vida, vivo do bem e do mal...

— Tens todos os caracteres da vida fenómeno, da vida função e até da vida rudimentar — respondeu irónico Pedro.

— Caro amigo, são as manifestações naturais da nossa condição e do ambiente em que vivemos. Emquanto as tuas são falsas, morrerão contigo.

— Impossível, irão além de mim, germinarão em outras células. Formarei seres com os meus ideais — replicou com entusiasmo o seu interlocutor.

— Pensa bem que nem todos trazem em sua ascendência, os mesmos estigmas que tu...

— Que importam as origens...

— Não fôsses o neto de um oficial italiano fuzilado e filho de uma filha póstuma, gerada sôb a dor, o ódio implacável...

— Não clamo por uma vingança, peço o nivelamento universal, a igualdade, uma grande bênção...

— É o grito abafado de teu avô, ao caír sacrificado... é a lamentação tenaz da mulher que perdeu o marido, é a vindita inconsciente que te inflama sôb outros aspectos...

— Repito-te: é o sôpro ardente, a agonia de irmãos infelizes que chegou até à mim.

— São teorias fôfas que adquiriste em Europa, com teus companheiros de seita, desclassificados cosmopolitas, vampiros do proletariado... — verberou sarcástico o Poeta.

Nesse momento assomou à porta, esguia, fechada em lindo costume escuro, a Senhora Andreia; a saia meio curta, mostrava dous tornozelos ágeis, finos, impacientes, cheios de movimentos e de ardidezas.

Em a olhando, Tuy, teve a impressão de ter diante de si, erecta, orgulhosa, a scintilar desafios e ameaças, Atena Palas, e em vão procurava o elmo, a pluma, a lança, a cabeça exangue de Medusa sôbre o escudo relampeante.

— Libitina, por vezes, chega a ser infantil... gosta de descer do automóvel e de brincar com a areia... — explicou Pedro, contente, transfigurado, magnífico de bonomias...

Êle sentia em o senso, em as artérias, em a consciência, alegria, festividades, ridências, espirituais beatíficas, não terrenas, luminosas: tornar a mulher o seu discípulo bem amado, o desdobramento do seu eu, a semente de sua semente, a humanização vibrátil, fervorosa, eficaz das suas teorias; a voz, o som, a tenacidade das suas concepções, do seu ideal, eram-lhe os trabalhos, a teimosia, a obcessão contínua, fixa, inalienável das horas, dos dias, da paz, das vigílias...

— Em breve, será perfeita e simples, uma verdade, que a gente compõe e decompõe — murmurou baixo.

Em o canto de um lindo «Pope» negro, a Senhora Andreia,

se encolhia, totalmente afastada do Senhor de Tuy, que se sentara num dos bancos da frente. À princípio ambos silenciavam. Voltado para a companheira êle, recebia em sua ardência, em sua palpitação, a forma invisível, morta, vazia, intangível dessa figura de mulher, não sua, tóxico proìbido, fascinação vedada, interdita, sôb a sua guarda, a sua dominação, no isolamento de uma velocidade louca, atordoante. E êle via deslizarem pela cabeça, pelos ombros de Libitina, transmutações rápidas, reverberações fantásticas, aparências fugidias, céleres, trepidantes e modelá-la sempre, invariávelmente, a única imobilidade dessa orgia de agitações e de seqüências — as sombras que se estratificavam, se acumulavam, se uniam iguais, precisas, estáveis, sôbre seu corpo esvelto de madona antiga. Bailava-lhe em a retina o mesmo reflexo verde, diabólico dos olhos da serpe que lhe enroscava no braço: essa analogia, essa flagrância fatal, êsse laivo de anarquia, a paralizava, o entorpecia, lhe atenazava a razão, o bom propósito, a prudência. Ah, como Tuy se deleitava, como deixava caír sôbre si, inteiro, formidando, excessivo, luzidio, êsse encantamento surdo, essa eflorescência mórbida, quente de sensações histéricas e nubis; todas as suas fomes clamavam por ladaínhas infernais, por dissonâncias rubras; em sua bôca, em suas mãos, avolumavam-se, revolviam-se, ageitavam-se tumultos, vontades, destruìções, carícias, jugo, despotismo; parecia-lhe mesmo, por instantes, que elas tomavam a feição, o modo, o carácter, de ataque, de luta, de combate, de satisfação, de triunfo e de ponta a ponta zurzia-lhe incisivo, agudo, férvido, troante o riso da luxúria, da ebriez vitoriosa:

— Senhora Libitina é para mim o Lírio da Luz, emergindo de caules ignotos... é o Espasmo da Noite — e a sua fronte inclinou-se de leve. — Porque suas pupilas hoje têm a revolta da mocidade?

— Ah, pedem à Vida, cousas que desconheço — e a sua voz trazia fadigas, tristezas.

— Os homens, a vida que lhe hão dado? — inquiriu, sequioso, o Poeta.

— Nada, nada... lábios que sorriem, olhares súplices, louvores, uma pulsação que se afrouxa e, nada mais — suspirou a Senhora Andreia.

— Compreendo... A sua alma, os seus nervos são imensuráveis e bravios...

— Bebem o sol e incendeiam-se...

— Têm a raiva insubmissa dos rochedos ao saudarem à tempestade, ao implorarem às vagas: sufoca-me, sufoca-me — continuou Tuy, lento.

— É... e deliram como êles, quando recebem o frémito irado das nuvens — acrescentou ela, distraída, a cara voltada.

— Ama, então a energia, a fôrça?

— Eu sou o grito insano e veemente de Santa Tereza por Crísto — exclamou, inteira em si.

Afigurava-se ao Poeta, que o corpo de Libitina se impregnava de intensidades pagãs e clássicas. Êle lhe descobria no senso, no espírito, as oposições, os contrastes eternos e litigantes de Demeter e de Dionísios. Ela se revelava uma complexidade estonteante, uma hesitação de pecado e de pureza, o gemido de Sor Violante do Céu, a estridência de Imogénia e Tuy embriagava-se nessa saturação violenta e mística, nessa fragrância estranha de virtudes que se rompem, de imperfeições que se retractam... Êsse mixto do bem e do mal chegava-lhe ao amago, aos ossos, à guisa de essência ressonante, de tropel furioso de Bacantes convulsionadas: «Ela é o grito de Santa Tereza, pensava êle, é o ardor estéril, em flamas, ainda imaculado... Meu Deus, ela é a Virgindade do Fogo... Um túmulo florido, a desejar a violação, a febre de sêres que já foram...»

— Ainda não traz, legendas amorosas...

Ah, Senhora Libitina, ignora a demência, que quer, que deprime, que estrangula, que nos obriga a rastejar sem honra e sem carácter — Tuy falava ofegante, pausadamente, tentando retê-la em seu olhar de aço.

Em o silêncio da Senhora Andreia, essas palavras resvalaram com scintilações de oiro.

— Seria uma humilhação... Legendas são ecos mortos, fôlhas sêcas, corolas emmurchecidas, resíduos de lágrimas — disse ela a meia voz, estendendo unidas, as mãos finas e frias.

Ao ver êsse gesto, o Poeta instintivamente, se aproximou como para haver delas o presente, a dádiva, o mistério precioso:

— É o mesmo orgulho dos horizontes e dos auges... só recebem o hálito da imensidade — E a admiração de Tuy subia para Libitina, como incenso, como labaredas cheias de vento.

— Que delícia, se ser fechada em si, um marfim ainda não beijado, um sândalo perfumado que ninguêm ainda aspirou, um

corpo liso e branco, intacto, de radiosidades não profanadas — e ela teve a impressão de ser um só coração a latejar.

A Senhora Andreia sabia dos venenos que distilava, a sua vaidade feminil tilintava.

— Eu por exemplo, não sou de mim mesmo, carrego uma multidão de soluços, de traços de cabelos em delírio, ais, chagas de êxtases terriveis... Sou um herbário de amores incoercíveis e passados...

Em suas pupilas negras, brilhava a fome roaz, vesana, alucinante dos estiletes virgens.

Libitina calou-se; pela sua retina, perpassava êsse desfile macabro e ébrio; parecia-lhe mesmo ver surgir de Tuy, da sua lividez, toda essa coorte exangue, desfalecida de espectros ambulantes, dementes, atenazados de furores secretos. Ela não o podia conceber igual aos outros homens, capaz de amores normais, mansos; de tumultos limitados, brandos; emprestava-lhe aos sentimentos, algo de fúnebre, de exótico, de irreal...

Fitando-a, Gonçalo de Tuy pensava: Que seria para mim? Uma bôca que se morde, que se maltrata até surdir o sangue, a vida, a eclosão... um ritmo incompreendido, ático, multiforme... ou a face de cristal da Manhã?...

Chegavam ao túnel; a marcha do automóvel aumentara; a Senhora Andreia, de pálpebras descidas, toda entregue às suas conjecturas, apenas distinguia um zunido sibilante, áspero, forte, bater-lhe no ouvido, vergastar-lhe a fronte, os ombros, o seio... Ambos continuavam mudos, presos de si mesmo... mas de repente num solavanco, seus joelhos tocaram-se e suas cabeças reverenciaram-se solenes...

Libitina aterrorizada gritou, levando as mãos ao coração...

Entre êles silvavam os desatinos da solidão.

— Mêdo de quê? — perguntou o Poeta pressuroso.

— Não sei... de nada — respondeu ela, aliviada, descalçando as luvas.

— Como adoro o mêdo das mulheres...

— É um modo gentil de nos fazer sentir a sua superioridade — proferiu Libitina, havendo sôbre os joelhos, a bênção da lua cheia que se erguia, lenta.

— Temos a impressão de ser um refúgio áureo, uma abóbada, um abrigo seguro, e em nosso íntimo repetimos: está sôb nós, em o nosso poder — ajuntou o Sr. de Tuy com dignidade e malícia.

— Mas a nossa vontade é inflexível — acrescentou picada a Senhora Andreia a curvar-se inteira, como para receber a carícia do Céu à Terra, que o vento das alturas lhe depunha aos pés.

— Oh, a vontade da mulher é fragil, nós a tresmalhamos com beijos... entende?... com beijos — repisava o seu companheiro.

As rosas através das grades dos jardins, murmuravam ao vê-la passar, murada de instantaneidades, de mutações, de vácuo: É a Noiva das Energias Imortais.

Parecia a Libitina, que na bôca de Gonçalo de Tuy se aglomeravam todos os beijos do universo: saíam um do outro em concatenações intérminas e turbulentas: vinham amotinados estrídulos, vorazes, sequiosos dela, da sua magnificência, da sua intemperança... eram sonoridades, silêncios, ficções, debruns de beijos que desejavam ser beijos patentes, verdadeiros, reais, cheios de frémito, de paixão, de louca efervescência...

— Que vale o beijo, quando não é de amor? — disse ela alto, afectando desdêm mas em seu íntimo, ajuntou: eu sou o Beijo Sôlto, não o de lábio a lábio... eu sou o Beijo Perfeito, que fez o mundo, os sêres, as cousas inertes — e calcava todas as curiosidades que principiavam de acordar.

O Poeta esforçava-se por abrangê-la total em seu rosto, onde toda a sua alma se refugiara, êle a enfrentava.

Nêsse instante, a bôca de Libitina era para êle, para o seu deslumbramento — a Papoula Sangrenta das Trevas, e severo retorquiu:

— O beijo para nós, homens, é sempre uma ebriez.

E a Senhora Andreia percebia como Tuy a custo, reprimia, continha, enrijava o seu desvario, a sua impetuosidade, a sua veemencia. Receosa, tímida, havendo a feição do grande temor, exclamou, a disfarçar, a aparentar calma, alegria:

— Desçamos, que linda está a água! — Seus átomos, suas celulas se contraíam mais ainda, se sobrepunham umas às outras, friorentas.

Emquanto falava ao *chauffeur*, ela admirava-lhe o perfil incisivo, a linha recta do queixo, o bigode preto, curto, a palidez doentia, de vida acidentada, irregular, extravagante.

Ao parar o automóvel, a Senhora Andreia não esperou pelo companheiro: na frente, quási a correr, só estacou aonde a areia se alisa, pesada de mar e de humidade: êsse movimento incessante adiante de seus pés, de seu corpo fixo, de ondas que se

atam e se desatam, de desejos de fusão e de afastamento, de himeneus impacientes e de repulsas violentas, de selecções e esquivanças, de fugas e de furores selváticos, comunicavam-lhe ao senso, esculpiam-lhe no lirismo, na imaginação, sonhos ardentes, epitalâmios, imoderações, plenitudes. Resoluta, sem pensar, Libitina avançava mais e mais, seus tornozelos já penetravam em o fluxo e refluxo da vaga que morria e renascia; ela tirou o chapéu e arremessou-o à praia; que ânsia de liberdade, de inconsciências, que fragor em seus plasmas para outras fulgurações; pouco a pouco seus cabelos se desmancharam, desceram, violados pela brisa azul; as dobras de suas vestes voejavam, enfunadas de aragens, de irritações. Ela se sentia ser a vontade imperiosa, a rapidez, a acção, a incoerência dessa água glauca e irreverente... Um empuxão desordenado de prosseguir, de se entranhar, de se deter na sua essência móbil, de ser-lhe o coração, o campanário, a testemunha das suas resistências, das suas forjas criadoras de energias e potencias extraordinárias, se lhe apoderou dos nervos e da razão...

— Senhora Andreia! Por Dionísios, quanta loucura! — e Tuy passou-lhe o braço pela cintura, levantando-a.

Seu corpo estava rente ao corpo do Poeta: êles eram como duas horas vivas a se enfrentarem: a hora que chega, a hora que foge; pulsação contra pulsação, artéria contra artéria.

— Deixa-me... Fui amante do mar — exclamou Libitina, ofegante, amortecida, os cabelos a gotejarem, pendentes, à guisa de raízes cheias de seiva, de algas marinhas, de eflúvios.

Tuy tomou-lhe a cabeça e chegou-a à altura da sua: por momentos, permaneceram assim, paralizados, olhos dentro de olhos, bôca diante de bôca; entre êles apenas pairava a ligeireza do éter, da transparência, o nada; a cara do Poeta baixava, aproximava-se, seus lábios já roçavam a brancura, a febre dessa pele admirável, mas de súbito num gesto brusco, repentino, arrebatado, ela o empurrou, deu um salto e libertou-se:

— Não me toque, não me toque — dizia de olhos baixos, sentando-se:

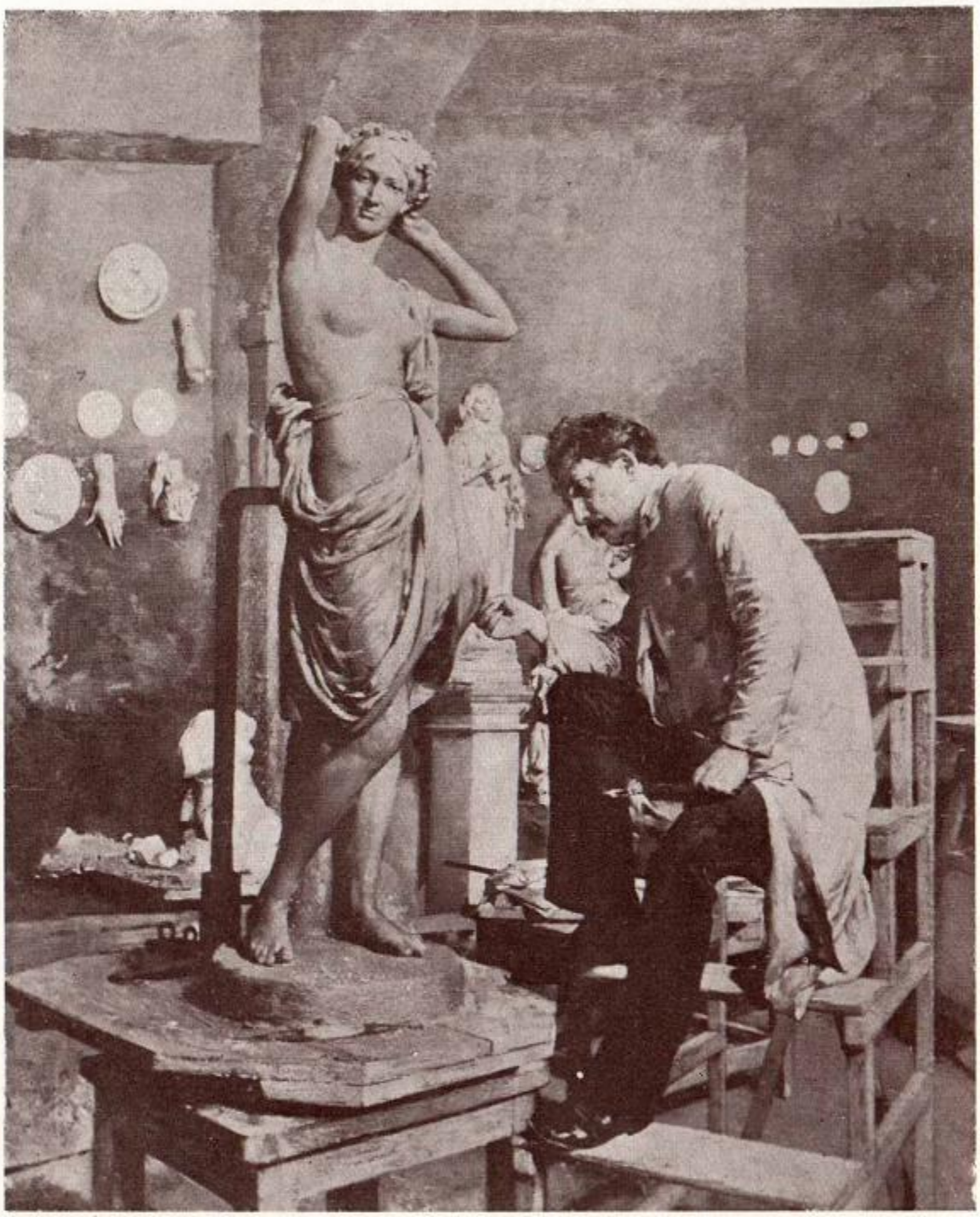
A alma de Gonçalo de Tuy assumiu a visagem pânica, violácea, estertorada das emoções que desorientam, que deformam. Ah, êle desconhecia inteiramente essa organização intempestiva e tormentosa. E como todas as suas volições e instintos se agarravam a essa figura de fragilidades, e lunatismos divinos... Ela

era impulsiva e consciente, tinha a instabilidade dos ventos, das nuvens, dos ardores da terra, dos desequilibrios. Assemelhava-se à Vénus Salácia que agitava as águas, os pecados dos homens e dava às substâncias, a inflexão da Vida. Debalde tentava advinhar o que se lhe passava no íntimo, e nos seus olhares longos, persistentes, vampíricos, que pareciam unir-se, colar-se às cavidades, às fendas, aos extremos invisíveis e abertos dos elementos, da natureza, das cousas mortas... e o Poeta cria então, ouvir o deslocamento surdo, abafado, tranqùilo das gargantas, dos caules inorgânicos em se alongando, para se desalterarem nessas fontes de volúpia e ofertarem-lhes, de retôrno, o seu mel, a sua sombra, o seu instante festivo...

. . . . . .

1916.

ALBERTINA BERTHA.



ANTONIO RAMALHO — O escultor Alberto Nunes

(Museu de Arte Contemporânea)

O ferreiro

Dizem que é fúria de vingança aquela
Em que lida o ferreiro, e não descansa.
Odiento nome acode-lhe à lembrança
E a imagem da mulher, pérfida e bela.

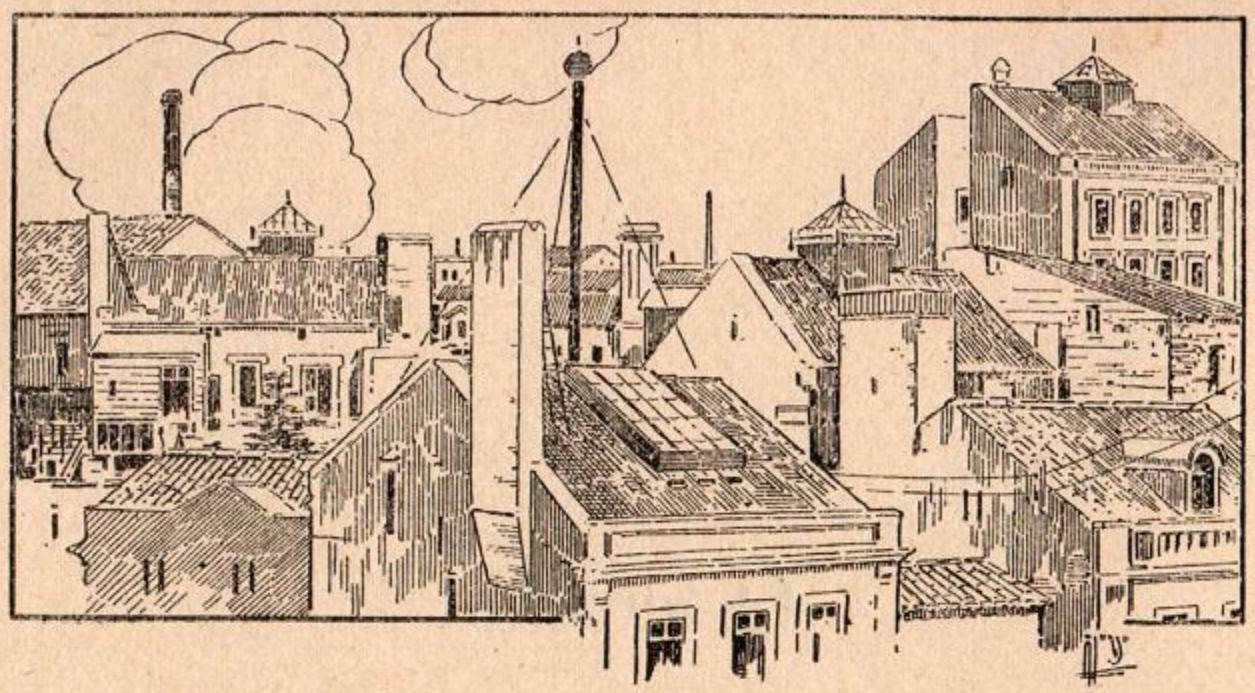
Pensando a um tempo nêle, *o monstro! e nela,*
Trabalha, e trabalhando, urde a vingança...
Como seus olhos — mil faíscas lança
A forja, e a noite da oficina estréla.

Rijo como o seu braço — (Ah! se êle à casa
Me torna! ruge com sombrio aspeito)
Rebate o malho na bigorna bronca;

Como seu sangue — clarão quente abrasa
Tudo ali em redor; — como seu peito,
Inchado e enorme, o fole arqueja e ronca.

1916.

ALBERTO DE OLIVEIRA,
da Academia Brasileira de Letras



A psicologia dos telhados

Bem ao alto, à guisa de cunha possante metida num tronco resistente, êste prédio alteia-se como uma atalaia coscuvilheira por cima do amontoado da casaria, ondulada e irregular. Queixam-se da alpinista ascensão os apalpados pela *angina pectoris*, os combalidos das lesões cardíacas, os vulneráveis aos estragos progressivos das bronquites, os que escancaram a bôca protestando contra as somíticas aspirações que a asma lhes consente, os coxos e os artríticos, os reumáticos e os roídos pelos tubérculos, toda essa procissão de deformes de romaria do Minho sem ostentação de aleijões repugnantes, mas, ao chegar cá acima escapa-se-lhes um suspiro de alívio, soltam um «ah!» de admiração e os olhos abrem-se-lhe e scintilam na contemplação de um panorama, simultâneamente belo, inebriante de bom ar e fértil em lições gráficas para a vista e filosóficas para o espírito.

Êste miradouro — eis o motivo de ser comparado a uma cunha, — com a sua má e vacilante construção balisa dois velhos pontos de Lisbôa, ainda não saneados pela vassoura higiénica da Câmara Municipal. De um lado, do Levante, rasteja o Pátio do Tijolo; do outro, do Poente, embioca-se e quebra-se em ângulos tortuosos, ante os quais as linhas de comunicação das modernas trincheiras são espaçosas e rectas avenidas, o Alto do Longo.

O meu quarto andar, sem grande esfôrço de imaginação, assemelha-se ao eirado de uma torre de menagem. Lá em baixo agacha-se o burgo, onde se acotovelam e se descompõem as mu-

lheres dos mesteirais que as habitam, onde riem, formigam, vegetam e se definham, em antros sem luz, em covís sem respiração, piores do que os habitados pelos servos dos velhos reguengos, em moradías que repugnariam aos vilãos das antigas behetrías, em tugurios sem nenhuma espécie de confôrto que seriam engeitados pelos colonos dos coutos medievos, dezenas de ilotas.

Em redor desdobra-se o vasto anfiteatro da cidade. Das sete colinas, das eminências coroadas pelo castelo de S. Jorge, igrejas da Graça, do Monte, da Penha de França, Penitenciária, basílica da Estrêla, palácio da Ajuda, do enorme e pitoresco semi-círculo, desce uma escadaría de telhados, empolados das indispensáveis trapeiras, ponteados de branco pelas chaminés dentadas, abertos pelos rectángulos azulados das claraboias, de vidros opacos por algumas pinceladas de cal, por sucessivas e bastas camadas de poeira e farta aglomeração de detritos de toda a espécie, escadaria de intermitencias constantes, como a de alguns monumentais palacios a esfarraparem-se em ruinas, de degraus carcomidos pelos seculos, falhos aqui, de caprichosas amputações ali, soerguidos pela acção pertinaz e daninha de qualquer planta vigorosa acolá, deslocados além, fendidos, interruptos, com fantasiosas soluções de continuidade poligonais, num meandro tão intrincado que Dedalo não conceberia e donde não lhe seria fácil orientar-se e evadir-se por mais penas e cera que amontoasse para fabricar as mitológicas asas.

***

Ha dois seculos que se trava nesta arena angulosa e rubropardacenta uma batalha renhida — a luta implacavel entre a telha mourisca e a telha francesa. A primeira, no decorrer das idades sofreu, de bom ou mau humor, o contacto das telhas côncavas, das chatas, de rebordos, das flamengas. Quando, porêm, percebeu que a de Marselha planeava vibrar-lhe igual golpe à que ela, mourisca, despedira sôbre a romana, insurgiu-se e dispoz-se a não consentir na invasão. Auxilia-a poderosamente neste arreigado intuito de defesa o espirito de rotina dos proprietarios, dos construtores, dos oleiros e — por que não o afirmar? — dos moradores.

Uma casa coberta com telha francesa — embora isso pese ao nosso patriotismo — denota um senhorio amante do progresso,

quási um revolucionário, um mestre de obras de teorias avançadas, um inquilino de ideas radicais. Das poucas construções assim abrigadas das intempéries, que emergem e se encapelam no oceano imenso, que vem em ondas mais ou menos alterosas estacar ante o meu altivo adarve ou seja a minha varanda, noto os edificios de três dos quatro liceus, a Imprensa Nacional e um ou outro predio, onde deveriam imperar as doutrinas de Proudhon, se essas doutrinas se compadecessem e se harmonizassem com a propriedade. A telha francesa bem quer desfraldar a bandeira tricolor, proclamar os Direitos do Homem, agitar, sacudir a apatia da população, impelí-la no rumo dos grandes focos de civilização, norteá-la a caminho dos luminosos centros da indústria, do comércio, das artes, acordá-la da catalepsia em que mergulhou, e torná-la viva, ardente trabalhadora, adquirindo a consciência do que vale, convencida do que quer, indo corajosamente ao seu fim, arregaçando as mangas e deitando a cabeça para trás num movimento de independência e de dignidade.

A telha francesa de canulas regulares, quási geométricamente quadrada, prêsa ao vigamento, com solidez, por arames, de mais fácil adaptação, prática, prescindindo da cal e areia, mais remissa à cultura do *sedum album*, o vulgar «arroz dos telhados» ou «pinhões de rato», encontra surda e pronunciada hostilidade no seu emprêgo. A tradição considera-a uma espécie de arauto do jacobinismo; encaram-na os donos das casas de princípios austeros, os arquitectos da escola antiga, os habitantes conservadores como um atentado às leis e usos do passado. A telha francesa significa, com freqüência, a cúpula, grandiosa ou modesta, de um estabelecimento, oficial ou particular, que se desprende de velharias ou retrocessos e caminha avante; uma vivenda onde se anicha o espírito sempre insaciavel de esfuracar novas arterias e de desvelar mais amplos horizontes.

Mas a telha francesa vai-se infiltrando, infiltrando!...

***

Legaram-nos os arabes a telha mourísca. Excelentes oleiros, como não conheciam rivais na hidráulica, aproveitaram a herança dos romanos, modelaram-na a seu modo e aperfeiçoaram-na. Marrocos, Portugal, Espanha, uma larga zona do sul da França, todas as mansões, das alcáçovas suntuosas dos caids até às sim-

ples *beits* das mais humildes *nahiets,* tudo se cobriu do *tob* característico. O docel de vermêlho barro transmitiu-nos as qualidades e os defeitos dos dominadores. Contaminaram-nos da sua generosidade cavalheiresca, da sua inexcedivel valentia, da sua prodigalidade irreflectida, do seu heroico e poético ânimo de aventura e de fidalga poesia, mas inocularam-nos tambêm a sua crença irredutivel na acção passiva do fatalismo, o torpor da indolência que tanto nos custa a sacudir, a índole contemplativa que nos faz sonhar o melhor tempo da existência sem encararmos e resolvermos os problemas práticos que ela nos enuncia, o condão especial de imitar e melhorar quanto se nos antolha, abafando, por preguiça intelectual e moleza física, o espírito de iniciativa que surge em nós como em todos os povos.

Há telhados que conservam rigorosa e impecavelmente as suas linhas, a sua esquadría, a sua inclinação. Os seus beirais, a fiada que acompanha o pau de fileira, os degraus que lhes permitem concertá-los, a argamassa que lhes liga os canais, todo o conjunto apresenta um cunho de ordem, de pronunciado e sensato método que lembra certas pessoas correctas no trajar e donde a poeira e a lama fogem envergonhadas. Êsses telhados definem o génio do possuidor e das entidades que debaixo dêles se acolhem. Os primeiros, alheios à avareza, zelam a conservação do que lhes pertence, não acreditam que os herdeiros lhes desejem a morte, pagam em dia as contribuições, condescendem com as reclamações dos inquilinos, raras vezes se lhes metem em casa e os beleguins não registam em seu descredito nenhum mandado de despejo. Os segundos, exercendo a sua actividade no comércio, nas finanças, na indústria ou na burocracia, cumprem o mais pontualmente que lhes permite o frio, o calor, a namorada os passeios, as suas predilecções individuais, o seu dever. Satisfazem as rendas com louvavel pontualidade, colaboram afincadamente nas secções mundanas de vários jornais, diligenciam estar de bem com todos os partidos, casam-se na igreja e no registo civil, aferrolham-se nos dias de agitação popular, lembram-se das mercês honoríficas com lacrimosas saudades, discutem política em voz baixa e lançando olhares receosamente perscrutadores em redor. No varandim das águas furtadas, e algumas vezes nas sacadas e nos parapeitos das janelas, vêem-se raros caixotes com flores, e mais amiudadas vezes, em junho e julho, vasos com manjarico.

***

Os telhados de «valadio» ou de «telha van», «cintados», «cravados» ou de «canudo», «amouriscados» ou de «meia mourisca» que por aí se desdobram e se encrespam em vagalhões de ângulos agudos oferecem alguns singulares aspectos — aspectos de sublevação, de furia, de oceano raivoso prestes a despedaçar quanto encontre como uma mesnada em revolta. Alguns abaúlam-se em corcovas de truão medieval, outros deprimem-se como o peito de um tísico incurável. As fiadas que lhes marcam as «águas» torcem-se à guisa de veredas sinuosas. Algumas telhas, como fartas da opressão tirânica de tantos anos, reagem contra as cintas, emancipam-se da argamassa e erguem as bôcas num impeto enérgico de populaça amotinada.

Denunciam êsses telhados a incúria avarenta de quem só quer empochar as rendas, sem se importar nada com comodidade do proletário que lhas paga. Delatam sem nenhum esfôrço interrogativo que o valor da cambaleante e esburacada edificação a liquidaram, três ou quatro vezes, os que nela viveram num ambiente de miasmas, de micróbios, de pobreza, encadeadas privações, que corre parelhas e talvez se avantage às repugnantes e feudais gafarias de repulsiva memória. Quem se aninha por baixo do vigamento roído pelo caruncho, contemplando sem dificuldade o céo estrelado ou carrancudo, considerando a telha e o telhado quási um elemento desnecessário, são os enjeitados da sorte, os vencidos da existência desde o parto materno sem mesmo terem lutado, aqueles que a roda das antigas Mizericordias, a roda da fortuna, a roda das roletas, todas as inúmeras rodas do carro da Vida nunca colheram, senão para os mutilar, inutilizar, despedaçar, reduzir a um frangalho humano, ainda mais desprezivel que os andrajos com que tapam a nudez do corpo e patenteiam a indizivel miséria da alma.

Todos êstes telhados, de cobre, de ferro, de zinco, de chumbo, de ardosias, de lousas, de telhas, de colmo, embicados ou de lâminas, acusando penuria ou revelando prosperidade, bailaram uma dansa, simultâneamente típica e medonha, no último terramoto de abril, há anos. Durou seculos aquela horrorosa visão de segundos, em que as chaminés oscilavam ébrias de pavor, as platibandas estremeciam numa convulsão sesonática de medo, as vidraças entoavam um côro estilhaçado de susto, as janelas balou-

çavam como as gaiutas de um navio batido pelo mar do través. E toda esta serranía de telhas apresentava um caris ameaçador ou um semblante risonho, ao sulcar das granadas em 3 e 4 de outubro de 1910 e 14 de maio de 1915, conforme o partido da sua predilecção. Na nossa linda terra, nem os telhados, com ou sem psicologia, se eximem à filiação num grupo político.

EDUARDO DE NORONHA.

Em Recoleta

(COMO SE FORMAM AS LENDAS)

Nesse melodioso final de primavera argentina, em que a doçura da tarde espiritualizava as cousas, e havia gorgeios entre a folhagem dos plátanos, visitei os jardins de Recoleta. Diáfano estava o céu, acariciadora a luz, e floriam arbustos, relvados, moitas, para a criançada que aí vem chilrear nos dias claros e secos, nos bons momentos da natureza, em revoantes e sonoras migrações, como as do passaredo que afugenta com a sua hilaridade cristalina, derredor, maus pensamentos, nevoeiros de alma, tristezas... Embebida no ar translúcido, inebriante, parecia enlanguecer a terra num banho oloroso; respirava-se toda a sua graça vegetal num só aroma evolado, concentrando emanações de seiva e de pólen, a candura dos lírios e a ardência das rosas; desprendia-se para as alturas o sonho de uma tarde primaveril. Na transparência dos céus, romênticamente, a luz começava a empalidecer, desfolhando sôbre as águas fuscas do Prata o seu helianto crepuscular.

Perto, branquejavam os muros do cemitério, já visitado àquela hora pelas sombras que a tarde vinha alargando. Entrei. Mas não levava comigo a religiosidade que nos infundem as necrópoles, tão evocadoras ao luar, com alvadios renques de cruzes marmóreas, como na própria festa do sol, quando as lápides são espelhos funéreos em que se remira o nosso destino.

Entrei dominado pelo sentimento da história e da arte. Recoleta é a necrópole-museu, onde se levantam sarcórfagos construídos à maneira de santuários egípcios ou helenos, romanos ou goticos, deixando vêr lá dentro no seu intercolunio ou através da

sua gradaria, urnas de bronze e de cedro, ataúdes cobertos de vidro, em cuja estreiteza amarelece, diminui, lúgubremente ressequida, a face dos cadáveres embalsamados que a vaidade cercou de todo o fausto da Morte, ali estadeado em jarras e crucifixos, telas e rendas, alfaias e incensórios. Não há lugar para um canteiro nem para um cipreste, não há sete palmos disponíveis para a instalação de novas cinzas humanas, tanto se comprimem ali os monumentos, as colunas, os bustos, as pedras orgulhosas e decorativas, amontoando magnificências de que andam a rir mudamente as caveiras dos pobres, todas elas, na ironia da vala comum...

Recoleta é o cemitério dos ricos em Buenos Aires. Porfiam os milionários em adquirir um jazigo para a família no recinto luxuoso, e põem nisso o mesmo empenho com que disputariam a melhor vivenda em Mar del Plata, onde veraneiam, ou a friza melhor nos espectáculos de gala de Colon. Envelhecendo, querem êles reverter ao pó com arrogância, dormir num vistoso leito de ébano tauxiado o último sono. Desgraçadamente os herdeiros, se algum dia empobrecem, logo transportam os ossos dos avós para Chacarita que é o cemitério da plebe, alienando as covas desabitadas por milhares de pesos, bem depressa esvaidos nas *carreras* de Palermo ou entre as donas flexuosas do tango. Sôb mantas de veludo e corôas fúnebres, em côches tirados por deslumbrantes parelhas, chega o novo inquilino, emquanto o morto desalojado aí vai ao rolar de uma traquitana para Chacarita, filosofando talvez sôbre a ganância dos vivos, e as suas atribulações *post mortem,* se ainda lampejam restos de filosofia entre os vermes... Então, mais do que nunca, riem-as caveiras dos pobres, sardónicamente, no trevoso anonimato da vala comum...

Mas a plutocracia das catacumbas emmoldura e sobredoira a própria história argentina em Recoleta. Com efeito, nesse chão mais precioso que o dos sepulcros riais, jazem Sarmiento e Alberdi, os dous gigantescos publicistas e patriotas inimigos; alteia-se com simplicidade a coluna glorificadora de Brown, impávido marinheiro; outras memórias fundidas em bronze ou talhadas em pedra exaltam Bradzen, o soldado morto nos campos de Ituzaingo, Velez Sarsfield, o codificador, Quintana, o estadista, bemfeitores e sábios como Rawson, Ayerza, Muniz, juízes de pura efígie romana como Tedin, heróis dramatizados por um gesto como Viale, que entre o pânico e a tormenta de um naufrágio,

dá o salva-vidas a uma débil mulher, e abnegado, sereno, escultural, se deixa tragar pelas ondas. Assim vive a história nesse Campo Santo, dédalo entretecido confusamente de ruelas monumentais, e acima dos jazigos, em tôrno delas, a arte compôs feições e roupagens de estatuária. Quedam-se ali os contempladores do Belo, errantes pelos dous mundos, ante um Cristo de Monteverde, grandiosa anatomia que parece latejar e sofrer nos rígidos braços da cruz, tamanho o seu vigor. E eu ia à Recoleta admirar tambêm a *Sciência,* moldada com inefável toque de espiritualidade por Ximenes; a pléiade angelical de Coutant, alvorando na transformação do mármore em candidez suprema; a estátua rebelde que fugiu às mãos hercúleas de Falguières, um pouco informe ainda, mas toda ela crispante e eloqùente de angústia; a *Dolorosa,* feita por Tantardini, que é para o meu conspícuo e noticioso Baedeker a *obra capital, sem dúvida alguma, da arte funerária em Buenos Aires.*

Melancólicamente pousada sôbre o túmulo de Facundo Quiroga, sanguinário tigre do pampa argentino, eleva-se branca e celestial no encanto das suas linhas aquela imagem. É como se viesse da poesia elegíaca de Shelley, do nebuloso e transcendente Epipsychidion, materializando sôb tintas de ocaso a doce e grave beleza ideada, por entre harmonias que se fazem contornos, sons que se plasticizam, cadências de que nascem atitudes, ritmos que ondeiam sôb pregas de túnica esvoaçante, na fuga das odes musicais. Solitária e absorta, com a sua grinalda pendente de uma das mãos, a *Dolorosa* exprime na pureza do tipo marmóreo toda a inconsolável dôr humana, petrificada sem revoltas e anseios, para se eternizar diante do enigma sombrio.

A estátua de Tantardini descende por linha recta de outra, existente em Milão: sobrepondo a cópia ao modêlo, porêm, logrou exceder-se o copista, mercê de um golpe ao acaso feliz. Derredor, num esfôrço comovente, mas inútil, por ascender com êle à serenidade magistral, que não exclui audácias de cinzel, outros copiaram a dôr transubstanciada na forma peregrina, e outras *Dolorosas,* quatro ou cinco, realçam os túmulos vizinhos. A multiplicidade ambiente dos reflexos, das imitações, consagra a beleza no próprio culto dos mortos. Dir-se-ia que as águas do Letes, paradas na eternidade, transverberam assim a mesma visão seráfica e triste...

Em face daquela sepultura, imobilizou-me a grandeza estética

do contraste, onde avultava a perfeição da arte funerária, a arte simbólica da viuvez, do abandôno, do luto, que vai desde a *Noite* de Miguel Angelo até à *Dolorosa* de Tantardini, exalando a sua piedade imortal sôbre os despojos de um exterminador truculento — Facundo Quiroga. E toda se me recompôs na memória essa vida bestial, sedenta de abominações, famélica de atrocidades, castigada pelas rimas de Estanisláo del Campo, sibilantes como volteios de azorrague:

> Qué importa que la cinica insolencia
> Ensalce el crimen, degradando el arte,
> Si el cristal de la publica conciencia,
> Tal cual fuiste tendrá que reflejar-te?

***

Aos onze anos, Facundo era já um animal bravio, um dêsses híbridos ferozes em que se transviou a aristocracia das raças humanas, abastardada por cruzamentos deploráveis, na América espanhola e na América portuguêsa. Sarmiento, o seu historiador, acentua-lhe a precocidade inverosímil dos estigmas e gestos anti-sociais: «En la casa de sus huéspedes, jamás se conseguió sentar-lo en la mesa común; era altivo, huraño e solitario, no se mesclaba con los demás niños sino para encabezar atos de rebelión, y para darles de golpes». Repreendido na aula por negligência, esbofeteia o mestre, evade-se para o campo, e aí passa três dias sôb as parras de um vinhedo, com o olhar fuzilante, o ódio infantil contra os homens letrados, que explodiria mais tarde, requeimando-lhe já o coração. Da sua adolescência nómade, como do isolamento e da aridez uma planta selvagem, brota êsse carácter insociável e hostil. Cedo, aos quinze anos, apodera-se dêle a paixão aurívora do jôgo, a fulva paixão alucinante a que se escravizam os grandes aventureiros, não raro os grandes voluntariosos, e o jogador contumaz desforra-se do Azar, invencível nas baiúcas, arremetendo contra os parceiros felizes, até mesmo contra os viandantes incautos. Num dêsses arrancos de loucura criminal, que lhe não é dado sopear, trucida bárbaramente o juiz Toledo.

Foi peão de estância, tropeiro, capataz. Depois, como os seus instintos de pelejador ambicionassem o ostentoso porte da lança, jurou bandeira no regimento dos *Arribeños*. Transferiu-se daí para os *Granaderos a Caballo,* desertando afinal, por inadaptá-

vel ao horário da caserna: Perseguem-no, e êle contunde na fuga os seus perseguidores. Acossado por um jaguar, defende-se como um gorila, trepando à ramaria do arvoredo, mas acodem companheiros seus, laçam a fera; ao descer, Facundo apunhala o tigre, revolve-lhe as entranhas, calado e tôrvo, com espuma de raiva nos dentes, sangue nos olhos desvairados, e só então confessa que sentira mêdo pela primeira vez.

Destarte se formou o tipo do *gaucho malo,* com o seu banditismo entremeado de singularidades, tanto mais impressionantes quanto mais incoerentes. Certa noite, incendeia êle próprio a habitação dos pais, que lhe haviam negado meios para o jôgo. Rixando entre os parceiros, subjuga atléticamente um dêles, fende-lhe o crânio a patadas. Quadrilheiro e salteador, acrescenta as suas façanhas ao prestígio da *montonera* de Ramirez; sequaz do impulsivo e destemeroso Artigas, cai afinal, depois de escaramuças e recontros vários, às mãos de uma patrulha, que o fecha num cárcere em S. Luís. Mas alguns oficiais espanhois aí reclusos, pouco antes vencidos no Chile por Sanmartin, legendário vulto da campanha emancipadora, sublevam-se um dia, libertam os presos. Sôlto pelos conjurados, o gaucho investe contra êles, derruba, fere, mata, obstando a evasão aos rebeldes, e como bom patrióta argentino é aclamado nos dias guerreiros da independencia. A prisão, dando passagem ao bandido que a sociedade aferrolhara cautelosamente, abrira-lhe as portas de ouro da fortuna e do mundo.

Com ser estreante na política, não menosprezou a camaradagem para o latrocínio. Dentro de poucos anos, vê-lo-heis capitão, à frente dos seus homens de armas, tanto vale dizer dos seus quadrilheiros, ora lidando contra um facinoroso da mesma espécie, Aldao, ora emparceirado a êste para traír o govêrno da província, que lhe dera tropas e dinheiro. Reprimido por La Paz em Tablada, vence após La Madrid, bate Davila, rechassa de novo Aldao, tantos outros, e nomeado general das tropas federalistas em 1823, a serviço de Buenos Aires, desfralda no pampa o seu tenebroso estandarte, onde alveja uma caveira sôbre dous ossos formando cruz. O estandarte negro do caudilho põe uma sombra de morte nas planuras sem termo.

Em geral, Facundo não sabe o que é ter clemência para os prisioneiros de guerra, nem sequer para os imbecis ou inocentes, que sorriem ao flagelador. «*Te ries? A ver!... cuatro tirado-*

res!» E os miseráveis tombam às dezenas, aos centos, arquejando sôb a fuzilaria estrepitante e brusca dos pelotões. À testa da sua horda de presidiários, êle suplanta heróis como Pringles; ocupando cidades, inspira às massas o pânico de que se derivam loucuras e epidemias. Entre os habitantes de Tucuman, à sua aproximação, diagnosticam assim os facultativos uma disenteria incurável, *por se originar de afecções morais*... Passam com êle os tormentos, as depredações, o furor dos estupros, as chamas dos incêndios, horrores de carnificina. *El tigre de los lanos, el terror de los pueblos,* eis como o designam multidões apavoradas, fugindo clamorosamente, de roldão, ao aviso da sua presença. Não creio que Atila, meneando a lança entre os hunos, fôsse mais temido pela gente rural das Gálias no século V.

Atarracado e peludo, com os olhos fosforeando entre os cílios densos, negrejavam, a testa invisível sôb a grenha, uma barba espinhosa recobrindo-lhe a face até à dupla saliência dos malares, Facundo trazia sempre inclinada a cabeça, por hábito ou desvio muscular. *Não mirava nunca de frente,* nem ousariam nunca fitá-lo de modo tal, e era agradável a êsse caudilho dos plainos, sombreados pelos ombús colossais, ver que a influência do seu nome e da sua bandeira mortuária, com dous ossos em cruz, despovoava cidades, estâncias, vilarejos. Extorquindo, açoitando, revendendo aos proprietários a sua fazenda, monopolizando a cobrança dos dízimos e o abastecimento de gado às províncias, logrou enriquecer pela fôrça e pelo saque. Traidor aos compromissos, perjuro às alianças, refalsado às amizades, era cruel e ganancioso, lúbrico e avarento, pérfido no trato como nas intenções, bestial no desejo como na luta. Foi o maior inimigo de *los hombres decentes,* os homens da cidade, que vestiam à moda europeia, não tendo largado o seu poncho e a sua jaqueta de gaucho nas próprias ruas de Buenos Aires, onde, general vencedor, fazia tilintar as esporas, chibatando insolentemente as perneiras de couro.

Entre os soldados e os rústicos, passava Facundo por adivinho, tal a sagacidade que êle contrapunha aos embustes e ardis mais imprevistos. Deleitava-se com a nudez e o pavor das suas vítimas; de uma feita, deitou à sorte das cartas se devia ou não matar um jovem prisioneiro, gozando nos vários lances do jôgo o susto convulsivo, que transtornava o semblante ao galucho. Por sua ordem, foram lacerados a tagante dous notáveis de Tucuman,

e após o suplício percorreram as ruas principais da cidade, inteiramente nus, acompanhados e escarnecidos pejos algozes. Incréu, saqueava os templos, despojando as imagens de todo o seu oiro e toda a sua prata; verdugo, soerguia a batina aos padres, lanhando-lhes a carne atrozmente, em fustigações que manchavam de sangue os altares. Martirizou populações inteiras, como senhor implacável de oito províncias, encadeadas para o opróbrio e para a toatura — Jujuy, Salta, Tucuman, Catamarca, La Rioja, San Juan, Mendoza, San Luís. Às vezes, tinha certos lampejos de cavalheirismo: ao General Alvarado, prisioneiro irresgatável, fez por exemplo aceitar cem onças de oiro, mandando-o em paz; menos liberal não foi para o seu inimigo Barreau, áspero foliculário. Desenfadadamente, ouviu certo dia algumas verdades rijas, que um pícaro andaluz, sem o conhecer, arriscára sôbre o *gaucho malo*, entre dous sorvos de cana.

Mas requintava em fereza através do tempo. Desnudos e alinhados numa praça pública de Tucuman, aguardavam trinta e três oficiais, zurzidos pelo tórrido sol do meio dia, a execução ordenada por Facundo. Noivas umas, outras irmãs ou filhas dos condenados, as muchachas preciosas da cidade tentaram abalar o monstro, que a essa hora sesteava no imenso bosque de laranjeiras dos arredores. Foram pedir-lhe graça, e por uma hora, com frivolidades, sorrisos, gentilezas, o caudilho reteve as pobres *mujercitas,* enleando-as hipócritamente nas suas blandícias. De repente, sucessivas descargas estrondeiam ao longe. «Não ouvem? pergunta-lhes Facundo. É tarde. Já estão fuzilados».

Em dezembro de 1835, foi colhido na emboscada de Barranca Yaco, por traição de Rosas, ao qual se aliára contra os unitários. Não podiam coexistir os dois tigres no mesmo redil, onde atemorizadas balavam tantas ovelhas. Facundo rugiu, então, malferido pelo bacamarte de Santos Perez, e a rugir acabou, estorcendo-se numa poça de sangue, como o jaguar que as balas do caçador fulminam sôbre a relva do pampa.

***

Êsse caudilho inexorável, dragão dos plainos argentinos, e pesadelo de tantas cidades oprimidas e espoliadas, teve um amor infeliz — Severa.

Nos romances de cavalaria surgem princesas disfarçadas em pastoras ou mendigas, fugindo por montes e vales à sanha de al-

gum espantoso gigante apaixonado. Tal se afigura a Sarmiento o destino de Severa, menina e moça inviolável na sua castidade, guardada entre o clamor e a ira dos massacres pelos anjos, que ainda guardavam nesse tempo as virgens. Filha do general Villafane, e a mais invejada moça de La Rioja, Severa desabotoava, lirial, para todas as carícias, todas as graças com que se enflora nupcialmente a vida, estremecendo às primeiras revelações do sentimento e da natureza, quando a paixão de Facundo Quiroga transformou o idílio dos seus primeiros sonhos em drama coroado pelo martírio.

Certo, devia esplender a sua beleza, num país de mulheres belas como a Argentina, para criar o nimbo espiritual que ainda hoje a circunda e ennevôa líricamente no sonho dos corações inquietos. Por vezes, cuidara eu relanceá-la em algum dêsses tipos flexuosos e excelsos de mulher, avistados à margem do lago, em Palermo, na claridade azul das tardes primaveris, entre as cortinas vegetais que se estiram, se alongam, roçam pendentes e sussurrantes, de manso, a terra lânguida e fértil. Sôb a ondulação e o perfume dos cabelos maravilhosos, retidos em uma só trança pela fita de seda cambiante, devia ela ter o mesmo andar lascivo, gracioso, espanhol, em que se reconhece, não a deusa do poema virgiliano, mas a divina mulher inspiradora de malagueñas chorosas ao luar e de *sortes* cruentas nas touradas. Devia olhar com êsses mesmos olhos perturbadores, veludosos, fatais, a limpidez ou a tormenta dos céus. Devia ter a mesma epiderme de opala e a mesma exalação de flor perigosa, sorrir com êsse mesmo sorriso que entontece e abrasa. Ora a paixão de um bárbaro como Facundo é sempre um arremêsso de fera sôbre a carne desejada. Não suspira: espreita; não idealiza: empolga. E ao império da vontade selvagem, que tripudiava sôbre populações acorrentadas e espavoridas, só uma fraqueza se opunha, inquebrantável na sua esquivança e no seu desdêm: Severa.

Por toda a parte, seguindo-lhe o rastro, malsinando-lhe os dias, enchendo-lhe as noites de aparições e terrores, o mesmo demónio colérico e sedento de beijos respira o ar que ela perfuma. Como as princesas lendárias por montes e aldeias, foge Severa de *pueblo em pueblo,* de estância em estância, à perseguição daquêle amor bravio, que lhe ruge no encalço. Ninguêm se anima a hospedá-la, tal o receio de uma vingança exterminadora pelo ferro e pelo fogo; todos lhe sugerem complacência às instâncias

de Facundo, *el tigre de los lanos*. Que outra mulher senão uma louca, resistiria a êsse Atila-gaucho, porta-bandeira da Morte? Severa, entretanto, não capitula nem condescende, antes resiste às ameaças e aos golpes do flagelador. O caudilho procura baldadamente seduzi-la; tenta depois envenená-la, e é frustrado o seu plâno. Mais tarde, consegue a moça desvencelhar-se de soldados brutais, que vão estendê-la e manietá-la sôbre um muro, como prêsa ofertada ao abutre. Emfim, o próprio Facundo Quiroga, cedendo a impulsões de animalidade exasperada, surpreende-a com furor no pátio da casa, e aí mesmo, porque não a tenha inerte nos braços, maltrata e derruba Severa, contunde-lhe a face pulcra. Aterrada mas impoluta, prefere a desditosa encerrar num mosteiro de Catamarca, bem longe, a fascinação da sua beleza virginal, que é o seu maior infortúnio.

Facundo não sofre menos do que ela: sofre diversamente, ao pensar na brancura intangível daquele corpo indomável, que lhe acende um inferno cheio de agonia, e desesperança, e tortura, à carne supliciada pelo desejo. Por vezes, dentre os cadáveres de que se juncava o solo, finda a pugna, ou dentre as ruínas fumegantes das aldeias, concluído o saque, vinha uma tristeza anuviar-lhe o prazer da vitória, esboçando no horizonte caliginoso das suas recordações a imagem de Severa...

Um dia, comandando a sua *montonera* turbulenta e rapace, o caudilho foi bater às portas de um mosteiro, em Catamarca. Trémulas de susto, vieram saudá-lo com humildade as monjas e Facundo Quiroga determinou sêcamente que se alinhassem as reclusas, para deleite e escolha dos seus homens de armas. Ao fitar o caudilho, a mais bela de todas soltou um grito de espanto, caíu no lagedo, morta. Assim expirou em Catamarca, impoluta, sôb os olhos do monstro que a desejava, Severa Villafañe.

***

Eu relembrava toda essa novela pungente, mirando em silêncio, diante do jazigo lapidado mais de uma vez pela indignação popular, a Dolorosa de Tantardini. Via em tudo isso a natureza infalível nas suas repulsões como nas suas atracções, no magnetismo das afinidades electivas como no horror dos enlaces monstruosos, que absurdamente conjugassem Miranda e Caliban, a açucena e o batráquio, Psyché, um sonho, e o Minotauro, um ventre.

O crepúsculo baixava com lentidão sôbre Recoleta, agora

mais velado nos seu tons de pérola difusa. Para o céo, ainda velado nos seus tons de perola difusa. Para o céu, ainda transparente, subia da chaminé alteada num recanto do cemiterio a espiral de fumo em que se evaporavam, incineradas ao caír da tarde, as flôres que tinham perfumado naquele dia a habitação dos mortos. Quantas orações num pouco de fumo! Quantas lágrimas num pouco de cinza! E ali estava eu, só, considerando a tristeza inefável da estátua dolorosa, com o pensamento voltado para outros mortos, que em outro pedaço de terra dormiam... Um dos coveiros de Recoleta avizinhou-se, quási me segredou, apontando o mármore de Tantardini:

— A estátua de Severa...

Não o contestei, desprezando a notícia do meu Baedeker verídico por êsse gérmen de uma lenda nascente. Junto à grade férrea da sepultura, disse-me o coveiro todo o romance da beleza mortificada pelo devastador, mas, na tradição oral da necrópole, Facundo Quiroga mandava assassinar Severa e o padre Colina, um padre generoso que, apiedando-se da pobre rapariga, lhe havia dado agasalho. Muitos anos depois, resolvera a família da vítima erguer-lhe a imagem sôbre o túmulo do salteador, promovido a general e espingardeado finalmente em Barranca-Yaco.

Era fantasioso, ilógico, transbordante de inverosimilhança, mas não era outra a lenda que nascia, deformando a realidade histórica, segundo a génese dos mitos e das lendas traçada por Evhemero, quatro séculos antes de Cristo. Saíam os últimos visitantes, e cada olhar, insensivelmente, buscava a *Dolorosa* no seu plinto funéreo. Môças trajadas de negro diziam à passagem, fitando-a com enternecimento:

— *Mira el rostro de Severa. Miralo que triste Pobrecita!*

Assim a tendência concreta dos sentimentos populares corporifica as lendas em canção ou novela, rochedo ou flôr, sombra ou estátua. Na obscuridade crescente a *Dolorosa* exprimia agora o funesto drama de Severa, personificava mesmo a virgem de la Rioja, tanto as lendas humanas irradiam do coração das mulheres para o nosso.

Derredor, a sombra estendera mais frígido mais denso na sua amplitude, o largo sudário envolvente. Num livor de mármore tocado já pelas trevas, o contôrno sáxeo morria na penumbra,

dando apenas a sugestão de uma forma indecisa, irreal, que esfolhasse à margem do Letes uma grinalda etérea.

E esqueci nesse instante a *Dolorosa* de Tantardini, a própria lenda romanesca de Severa Villafañe, para ver simbólicamente naquela estátua a dôr imperecivel da Arte, ora erguida como um protesto sem lágrimas sôbre a memória de todos os opressores, todos os caudilhos, todos os *providenciales,* que entenebreceram o nosso destino e purpurearam de sangue a terra americana, desde Rosas a Huerta. Julguei compreender-lhe o desencanto, a piedade, o recolhimento, a linguagem do olhar sem brilho que parecia traduzir, com eloqüência austera, o inarticulado assombro das vítimas sem conta, degoladas a um gesto de bárbaros como Lopez, jesuitas como Francia, réprobos como Sant'Ana e Garcia Moreno. Vi passar num tropel de calamidades para a História em debandada, sumindo-se após na mesma labareda e no mesmo círculo do inferno, a chusma de *los divinos,* trágicamente açoitados pelo vendaval dos ódios que não perdoam. Vi projectadas na mesma tela escarvoada e sinistra as máscaras de todos os libertadores, salvadores, protectores supremos de nações informes: Walker, o flibusteiro impiedoso, Soulouque, a peste negra do Haiti, Marquez, o hediondo bebedor de sangue, Bustamante e Pedrazza, ferocíssimos, Nuñez o ditador-enigma, insolúvel na tempestuosa eminência dos seus poemas, Andueza, o histrião Ulysses Hereaux, o antropoide a guinchar e reinar sôbre a vileza dos homens, o tenebroso déspota simiesco, endereçado à zoologia pela sentença fulminante de Vargas Vila: *Ese bárbaro, obscuro como la noche, pertenece à la Historia, pero à la Historia Natural.* Outros perfis negrejavam ainda nesse museu de teratologia internacional, que tem sido a América latina. Recapitulei assim os paroxismos da nossa guerra civil, a epilepsia dos nossos campeadores, a chacina dos nossos estados de sítio, maragatos e pica-paus no sul, os oligarcas abjectos ao norte, marinheiros asfixiados sôb torrentes de cal nos ergástulos, flagícios, agravos, barbaridades, e mais do que nunca senti falar-me ao coração a Arte dolorosa, a grande Arte decifradora de todos os signos horriveis, acesos e extintos na bruma insondável do tempo.

A sineta despedia rítmicamente os visitantes, pondo nos ares a tristeza de um adeus grave e sonoro; ausentava-se a luz, o último raio de sol que se deixara ficar, vagueante e dúbio, nos corredores monumentais da necrópole; o silêncio crescera entre as

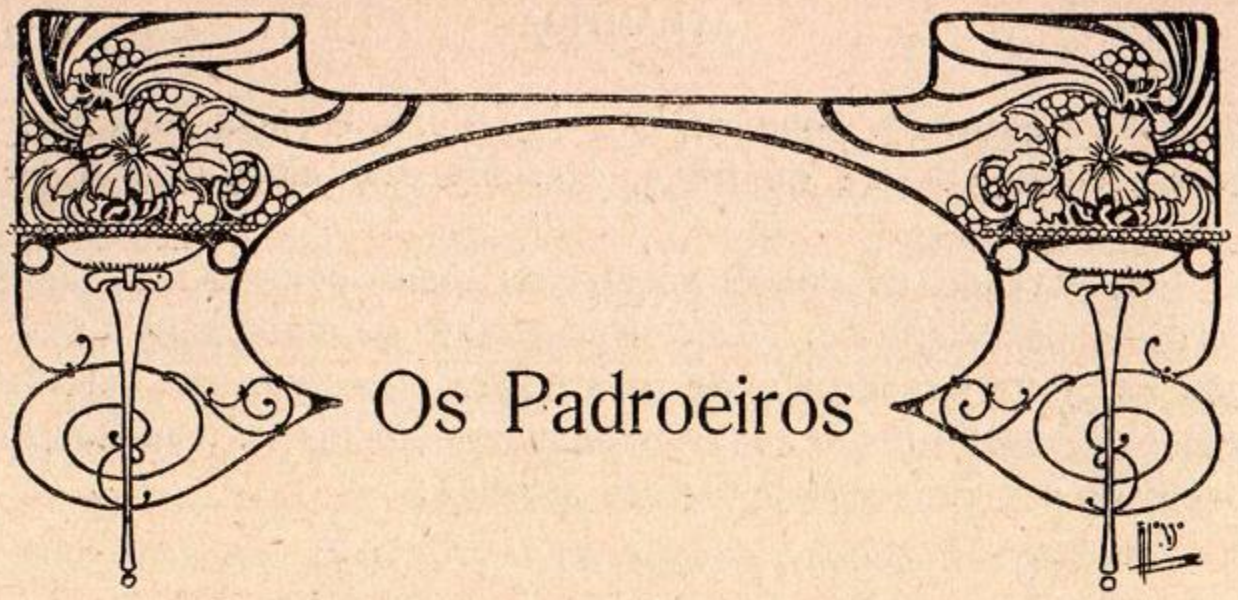
filas de mausoléus, como se fôra de bronze, e ainda mais oprimisse, como se fôra de treva, e escurecesse ainda mais o deserto.

Saí, levando na concentração dos meus pensamentos uma sorte de névoa interior. Ao volver adiante os olhos para o céu, que em tons de pérola e de rosa fulgira no acaso, mas parecia agora de basalto negro como os túmulos egípcios, vi com alegria dantesca a scintilação remota das estrêlas:

E quindi uscimmo a rivider le stelle

Rio, 1916.

CELSO VIEIRA.



Os Padroeiros

Por todo o Vale do Enxidro, ao longo do rio espumando entre a procissão dos amieiros desgrenhados, sete léguas de ermos matagais ondulavam de rumores e tristeza, à volta do Paço de Alcambar.

Era então inverno, árvores e caminhos dissolviam-se no nevoeiro, e como o céu mandava as noites mais cêdo, antes que o sol se afundasse na preiamar verde-negra dos pinheirais, já mugidos de vacas rompiam dos pastos chamando os estábulos e vinham os porqueiros fugindo à fauce dos lobos, de olhos acesos a uivar, à beira das canadas.

Depois tocava a sineta, era a ceia fumegando em largas almofias, bojudos picheis de estanho com a alegria do vinho, entre os brandões de quatro tocheiros de ferro.

E os rumores das bocas fartas, contando casos do dia — um veado perseguido e morto num fojo, um javali escapado para o mistério de uma gruta onde o ar falta — os passos do Senhor os abafavam num silencio de respeito, quando êle aparecia à mesa da sua gente.

Dando graças a Deus, benziam-se os servos, caladamente atravessavam diante do lume no lagedo da cozinha, por baixo de dois arcos de cantaria, tamanqueando uns após outros, para a porta das arribanas aonde iam dormir na paz melancólica das rezes.

Para além dos alpendres em que moleiros e almocreves carregavam, entre as faias onde a primavera entronava córos de rolas e calhandras, dois cães de guarda, prostrados como esfinges, ficavam vigiando, de olhos parados, toda a redondeza em trevas.

O Senhor de Alcambar possuia um largo domínio de herança, cada ano mais acrescentado em compras e doações, de sorte que do alto da sua torre não avistava árvore nem torrão que ao Paço não devesse o tributo de fôro em sementes e moeda.

Durante a sua vida, pela terra fôra o mais duro esfôrço do seu braço, alternando a lança com o arado. Ao romper do dia, o maioral tocava no terreiro uma buzina de corno e logo os buzios respondiam sucessivamente, estrugindo por alpendres e cabanas, na humidade da manhã.

Muitas vezes, enfiando os safões de pele de cabra montês, partia a cavalo, percorrendo os casais da honra, dando ordens e conselhos, debaixo das amoreiras dos adros, ou recebendo queixas e administrando a justiça ao povo do alto da sua égua, por todo o alfoz.

No fim dos serões, descia ao vasto aposento de abóbada onde as criadas fiavam a lã e coziam o linho, tomava um pavío e entre dois escrávos moiros via correr os ferrolhos do Paço, emquanto as sombras atrás vinham inundando salas e arcarias.

Lentamente trepava em suspeita aos mais altos torreões, a espiar rumores — noitibós agoireiros profetizando nas palhas da eira, chocálhos de gado nos currais tranquilos.

Então, sentindo que homens e alimárias se acomodavam juntos na paz do sono, livres do temporal, aquele senhor de tantas vidas recolhia à frieza do seu leito, enquanto telhados e torres ficavam esperando em silêncio a mortalha das neves.

Depois, chorava e adormecia sôbre as lágrimas no travesseiro de linho.

Ora aconteceu que uma noite os mastins levaram a correr sua ira até às abas do carvalhal, ladrando, ladrando aos ecos pela imensidade do nevão que alastrava sôbre as devesas e penedias.

Os servos, estremunhados, já desciam ao terreiro do páteo, em rumor de pragas, para deter algum bando de malfeitores, quando ao luar que rutilava no aço das adagas, descobriram um vulto ajoelhado entre os cães, mansos como borregos, arqueando o lombo e lambendo as mãos do caminheiro.

No pasmo de tal prodígio, contiveram seu mau propósito e ao triste perguntaram quem era ou da parte de quem vinha por atalhos de tamanha aspereza, cortar os pés no agume dos seixos, no perigo daquelas solidões.

Não respondeu o vulto e com aqueles dois amigos veio an-

dando até junto dos servos inquietos agora na maravilha de vêr tão bravos mastins festejando o desconhecido e abrir-lhe passagem entre as giestas, sacudindo alegremente os ferros do pescoço.

Vendo à luz da lanterna que o peregrino se embrulhava num hábito de burel e que os seus olhos caídos sôbre as órbitas de uma cáveira, pareciam alumiados de clarões de outro mundo, conheceram os servos o homem de Deus para o acolher de bom coração, dando-lhe pousada por misericórdia.

— Embora sejais vindo, bom frade, que tão molesta vos terá sido a jornada!

— A paz do Senhor seja convosco.

E como lhe vissem os pés em chaga dos abrolhos do mato e retalhada a carne pelo frio, guiaram o caminheiro até ao portão dos pateos de Alcambar, de onde pendia a cadeia de asilo que por mercê de El-Rei Dom Sancho áquela moradia fôra dada em largo limíte.

Com falas de piedade o iam consolando da miséria em que vinha e da mortificação da sua vida.

O frade, desprendendo-se da meditação que o tomára, sorriu-lhes com bondade:

— Nenhum sofrimento iguala o martírio daquele que com seu sangue do primeiro pecado nos lavou, Jesus, Nosso Senhor.

Em pensando nêle, a doçura da contemplação me faz parecer branda a aspereza do caminho.

No alto da escadaria de pedra um dos servos acordou o Paço, erguendo tres vezes a aldraba da porta, recoberta de ferragens e pregaria, enquanto ia consolando a miseria do peregrino:

— Contente será nosso Senhor de vos dar albergue. Do seu pão comereis e aquecereis vosso corpo, que o Senhor de Alcambar é rico e poderoso de todos os bens e riquezas.

Sorrindo para a cáveira esburacada, tornou-lhes o caminheiro:

— O mais rico de bens e honras terrenas é o mais pobre dos mendigos às portas do céu.

Calaram-se os servos sem entender tão altas razões do frade que a desoras ali aceitava albergue sôb as telhas do Paço, conforme o costume antigo e a lei de Deus.

Longe ficava, dois dias para alêm da serra, a primeira albergaria, e os mosteiros mais próximos, ocultos entre os soitos da terra baixa, não alargavam para aquelas partes o benefício da sua caridade, dando pousada aos peregrinos.

Dom Fernão de Alcambar ordenou de sua cama que recolhessem o frade e com boa mesa e roupas o agasalhassem, como havia mister.

E quando já outros servos assopravam as brasas entre a cinza para sôbre elas assar uma peça de caça, num grande espeto de ferro, o frade invocou para a recusar, o preceito do jejum; e mal aquecido ainda, tomou da prateleira uma velha codea de pão de centeio, pediu um púcaro de água e guiado pelo candil de barro que um moço erguia diante dêle, foi-se para a sua alcova, por um longo corredor de pedra.

Ali ficou por alta noite, a Nosso Senhor rogando que o fortificasse nos dons da virtude, tão breves lhe pareciam os dias para os louvores da criação e as doçuras da penitência.

Subitamente, o aposento do monge foi alumiado de um indefinivel fulgor, a abóbada desapareceu com o seu negrume e toda a câmara se envolvia de uma chama que não queimava, desdobrando-se em veus de claridade até às maiores alturas.

E do seio daquela nuvem de luz celeste, ampliando-se pela imensidade, três anjos desceram abrindo as asas, na claridade divina flutuando, risonhos de oiro e azul, em torno da cabeça do monge.

Prostrado em terra, confuso do prodígio, o santo homem beijava as lages do chão, pensando que já seria o aviso do alto para o cuidado de bem morrer, quando uma voz de estranha suavidade entrou pelos seus ouvidos:

— Vasco, Deus te chama!

Com a corda cingiu o burel aos rins maguados, e do chão se levantou para seguir atrás da claridade que transluzia nas paredes e arcadas, sentindo as asas dos anjos roçar docemente nas cantarias, através do silêncio luminoso do corredor.

Acreditando que os três mensageiros fossem as três virtudes, o frade julgava i-los seguindo para o céu, ao tempo que um gemido de alma veio encontrar seus passos, ora de longe, ora de perto, até uma fresta, rasgada de alto, que olhava para a torre velha de Alcambar, no extremo da muralha.

Mais claramente, o mesmo queixume lhe entrou na alma em longos suspiros que logo lhe pareceram voz de mulher caída em desgraça que ao mundo tornava a desobrigar-se de consciência para encarar a face divina.

Num instante a nuvem desfez-se e no deslumbramento dos

últimos clarões, frei Vasco esfregava os olhos que já se lhe abriam em trevas, entre rumores do vento sôbre os ramos e a neve dos telhados.

Uma lembrança tormentosa penetrou até ao fundo da sua alma, defendeu-se com o sinal da cruz não fôsse caír numa traça do demónio, por vã soberba de ser chamado em nome de Deus.

Perdido de seus passos, debaixo das abóbadas, logo ali esconjurou em voz alta o espírito maligno, nomeando e confessando as pessoas da Santíssima Trindade.

Mas ouvindo novamente os gemidos, já não podia duvidar que fôssem de pessoa humana, prêsa de grande tribulação.

E olhando as trevas para as bandas da fresta, em dois passos trémulos, frei Vasco ergueu ao ceu o coração, tocou o ferro das grades e disse assim:

— Alma de Deus aflita, frei Vasco te pede em nome do que nos criou, que declares quem és e o que pretendes para a paz perpétua do Reino da Glória.

Não era ainda segura a sua palavra, pela suspeita que o oprimia, quando do outro lado, ondeando no escuro, uma voz lhe respondeu do interior da torre:

— Se da parte de Deus tu vens, sê bendito agora e sempre na Graça do Paraíso.

E tristemente começou seu conto.

No mundo, pelo baptismo lhe chamaram Brígida, por muito amar ficára donzela, sem nunca mais tornar a vêr a luz do dia.

Vivendo estava ali em escuridão perpétua: viva ainda e já morta, não era da terra nem do céu. Dos humanos para sempre saíra, mas ainda a misericórdia divina lhe não abrira o seio.

Tardava-lhe a morte para a libertar, da vida só tinha esperança de maiores males e tribulações.

Dentro da torre, os ratos comiam-lhe os pés, sôbre o corpo sem vestidos lhe passavam as aranhas e as ósgas, de dia e de noite. As unhas já se lhe haviam gastádo nas pedras para abrir luz para o sol-poente; caíam-lhe em desordem os cabêlos, como os de uma besta-fera, e toda era um rolo de imundície, apodrecendo entre as paredes de um cárcere.

Ante a suspeita de grande pecado que à justiça do céu tantos rigores merecera, frei Vasco ia pensando em Santa Maria Madalena a quem a bondade do Senhor perdoou a má vida por ter derramado com amor um vaso de aromas a seus pés.

Confiasse um instante na sua misericórdia, que o seu arrependimento lhe restituiria o Paraíso, lavando-a de todas as tachas de pecádo maligno.

Mas em sete anos tão compridos de esperar, a hora da justiça esquecera-se na mente de Deus, desde o primeiro instante daquêle martírio. Eram lágrimas o seu alimento noite e dia, com o sol se levantava a súplica e com o sol se lhe apagava a esperança no esquecimento das noites eternas.

O frade ía-lhe dizendo que sempre é breve o que no tempo encontra fim, ainda que seja a dor do arrependimento, mas logo a voz gemedora chamou Deus para testemunha da sua inocencia — aquela expiação era sem culpa, sem esperança o seu resgate.

Que a sua oração subisse por ela ao trono de Deus, que o abismo de tamanha miséria fôsse alumiado pelo esplendor da sua virtude.

— Mas, tornou o monge, se tu és, em verdade, uma alma cristã ainda cativa da prisão da carne, descobre-me o mistério da tua existencia terrena. E para me certificar de que não sejas o demónio tentador, ordeno-te que confesses as três pessoas divinas...

— Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, faço o sinal da cruz aonde Crísto Deus nos remiu do Demónio por todos os séculos.

— Agora vejo bem que renascestes na água do Batismo: contai-me, minha irmã, a desgraça que na escuridão dessa torre em tão má hora vos emparedou.

E a voz de Brígida entrou de narrar o triste caso. O Senhor de Alcambar, rico-homem de Oriana e cavaleiro de grande vassalagem, no mesmo dia em que casáram partira para a Guerra do Algarve, deixando-a donzela no seu Paço.

Com grande companhia de parentes e fidalgos estavam celebrando o júbilo das bodas que deviam durar três dias, tendo acorrido todos os jograis e mendígos de dez léguas em redondo, bebendo e comendo em largas mêsas sôbre o páteo, quando um mensageiro entrou com novas de El-Rei Dom Afonso: «Dom Fernão de Alcambar, da parte de El-Rei, Nosso Senhor, os de seu conselho, filhos dalgo e cavaleiros de armas, vos enviam dizer que hoje mesmo havereis com êles conferência em Vale de Boi, aonde vos estão aguardando. Sêde prestes e parti sem tardança!»

«Em campo por El-Rei, gritou êle à mesa de suas bodas.» E logo dali mandou que tocassem buzínas por todo o limíte, convocando os besteiros para a mesnada que levaria. E antes da noite, tomando sua lança apendoada, com alguns dos seus cavalgou ásperas léguas, para juntar-se à hoste, segundo cumpria a sua honra e serviço de El-Rei.

Poucos dias andados, partiram caminho do Algarve que era quási todo de moiros e não tornou ao Paço, senão depois de ganharem a terra toda, na primavéra do outro ano.

Por muitos meses chorou sua malaventura que o marido lhe levára antes de o ter nos braços, vestiu-se de dó ano e dia, mal cuidando na hora de o vêr tornar.

Quando às vezes passavam a distância, ao fundo da várzea, vultos brancos de moiros que de longe vinham perseguidos, D. Brígida mandava os servos sôbre êles para saber novas da peleja, mas os cavaleiros desapareciam como fantásmas, no galope desordenado da fuga, por entre a poeira.

Certo dia, sôbre tarde, um chefe moiro que nos campos se perdera, vendo-se cercado pelos homens da honra, ao transpôr um barrôco para lhes escapar, ficou prostrado nas pedras, gemendo entre dois fieis servidores.

Enregelado e meio morto, assim os moços numa padióla o conduziram em grande algazarra para ser justiçado.

De todo o limíte se ajuntaram para o vêr os casaleiros da serra, os azemeis, tosquiadores, forneiros, gracejando em voz grossa, e imaginando suplícios que mais cruelmente lhe demorassem a morte.

Vendo-o sem acordo, ordenou Dona Brígida ao mordomo que lhe aposentassem uma câmara e quís ela mesmo servi-lo do que melhor podia.

À noite, os servos murmurando da excessiva caridade da dona, ateavam o escândalo surdamente, enquanto ela pensava as feridas do triste cativo, na esperança de ganhar-lhe a alma.

Quando o moiro tornou a si, à luz da manhã seguinte e viu os vultos de Jesus e sua Mãe que na parede havia, conheceu ter caído em mãos de inimígos e as lágrimas da sua desventura turvavam-lhe os olhos com muito sentimento.

Como ninguem ali conhecia sua linguagem para lhe falar por aravía, tudo eram mostras de o consolar com bom parecer, nada faltando do necessário ao seu estado.

Sete semanas após, das feridas já sarádas caíram as ligaduras, Dona Brígida alegrou-se em seu coração e foi por êle — para que ajoelhasse diante de Nosso Senhor na cruz, mas o moiro maiores lágrimas então chorou, porque o não havia ainda tocado a graça divina.

No Paço poisou uma noite Frei Martim do Convento de Terra d'Alva e dêstes propósitos sendo sabedor, de boamente os aprovou com muitos louvores.

Foram junto do moiro para lhe fazer ouvir a palávra divina, logo Frei Martim o abençoou, erguendo na outra mão a imágem do Senhor Morto.

Por terra humildemente ficára o cativo, as mãos levantando com grande clamor em que só o nome de Cristo era para entender-se. Então o frade tomou água, benzeu-a em nome de Deus e com ela baptizou o moiro e os servidores que ali eram presentes a seu mandado.

— Grande virtude foi a vossa, minha irmã, ia dizendo o frade.

E sem revelar maior pecado que tanta caridade pudesse escurecer, mais tristemente a voz continuou:

Quando o moiro foi visto receber gasalhado, como se cristão fôsse, os homens velhos da honra o tomaram em escândalo e vieram uma noite com lumieiras para incendiar o Paço.

Por todo o limíte do senhorio, dois velhos guerreiros, erguendo os braços mutilados, lançaram alarde pelos campos, tomando voz por Dom Fernão; levantaram pendões como senhores de terra, clamando pelos casais: traição! traição!

E entre a turba dos servos que desciam das colinas, armados de adagas moiriscas e a famulagem do Paço que fielmente defendera as portas em longa noite de porfia, uma peleja se feriu como de inimigos da terra e da gente.

Aos campos de batalha nas partes do Algarve dois mensageiros entraram certo dia na tenda de Dom Fernão, cobrindo de vergonha a honra de sua mulher, amancebada com um príncipe moiro, portas a dentro do Paço, ao cuidá-lo já morto.

E tanta côr souberam dar ao falso testemunho, que êle o creu por verdadeiro no mesmo instante.

Com tão grave ofensa a Deus e à sua honra, torvou-se de cólera o ânimo do fidalgo e mal houve terminado o serviço que a El-Rei devia em tal empresa, com os da sua hoste e muitos cativos se partiu em alvorôço para vingar aquêle ultraje.

Em pé de guerra chegaram alta noite, cercando o Paço e forçando as portas à ordem de Dom Fernão, enquanto uma turba terrosa e hirsuta ia gritando, de punhos no ar: *à morte o perro! à morte o perro!*

Dentro da sua câmara o moiro tremia e rezava ao verdadeiro Deus, quando os primeiros homens o rodearam com surpresa da sua oração. E de mãos postas, em nome de Cristo pedia a vida à crueldade dos guerreiros, quando Dom Fernão, erguendo a velha lança, irado da mais ruim tenção, veio a êle e o trespassou do peito até às costas, ordenando ali mesmo que lançassem aquêle corpo imundo às feras do mato.

Sabendo que Dona Brígida no oratório se recolhera com Deus, turvado de vingança ainda teve respeito ao santuário e às leis da cavalaria, perguntando-lhe com voz de dor:

— Como guardastes minha honra, senhora?

E mandando logo saír as aias e afastar os cavaleiros, sem outras falas dizer nem ouvir, foi Dona Brígida amarrada e conduzida à tôrre, de olhos vendados, pela mão de um escudeiro, crendo fidalgos e parentes da redondeza e os servos do domínio que ela morrera por adúltera, à vingança da honra ofendida.

Diante de tamanha mágua, julgou o frade que era devido o sentimento àquelas lágrimas de piedade que os mais duros corações abrandam:

— Minha irmã, em nome do Senhor vos abençôo e farei que Dom Fernão venha a vós para maior serviço de Deus e prol de sua alma.

— Peço-vos por mercê que o não façais assim: êle não vos dará crédito.

— A vontade de Deus seja cumprida, concluiu o frade, recolhendo ao seu silêncio.

Frei Vasco levantou-se ante manhã e foi andando para a alpendrada onde os maiorais, embrulhados em largos gabões de saragoça, esperavam para aquêle dia de neve as ordens de seu amo.

Da magreza e resignação do frade eram maravilhados os abegões que por êle passavam ainda sonolentos, resmungando — que Deus lhe desse bons dias e boas horas.

Ajoelhado sôbre um carro de bois com a cáveira apertada ao coração, louvava o Senhor pela brancura da neve e orava para que

o sol descobrisse os pastos e os caminhos, para regálo dos armentios e alegria das feras, cativas nos covís.

As rezes, acudindo à claridade que para as ervagens as estava chamando, vinham unir os focinhos à porta das arribanas, olhando a estranheza da terra, uniforme e rasa, sem mato nem pedras.

Vestindo saios de burel até meia perna, os pastores, calados, iam iludindo a esperança do sol, ateando fogueiras junto ao forno do pão e alimentando os rafeiros, ao tempo que outros homens, de clava ao ombro e enfiando as gualteiras até às orelhas, iam já pelos córregos à procura da caça, morta pela friagem da noite.

Vagarosamente Dom Fernão vinha passando pela alpendrada, quando se lhe deparou o vulto do monge em contemplação.

— Estejais embora, frade.

— Que Deus vos mantenha e acrescente os dias da vida, meu irmão.

— Assim quisestes recolher-vos a esta poisada?

Frei Vasco, levantando-se para o saudar, contou-lhe como eram dificeis os caminhos onde a noite o colheu ao desamparo.

Não havia tomar pé no rio, alagando moitas e alqueives. Duas tábuas pedira para se albergar e a refeição do corpo, não acabasse por fraqueza, antes de bem servir a Deus. De muito longe viera peregrinando e já muito perto lhe parecia para obedecer ao mandato do céu. Ali viera para o levar consigo, para que seu Paço deixasse à ambição de outros, abandonando a honra e senhorio de Alcambar, com promessas de maiores riquezas que êle nem sabia desejar para lhe ter inveja.

Dom Fernão, crendo que o frade era de pouco siso, ouviu-o com semblante de piedade, em sorriso triste.

Que poderia aquela miséria de homem acrescentar à riqueza e abastança do seu vasto domínio? O céu? Mas êle o tinha ganhado com trinta cicatrízes no corpo por mão de infieis.

Segura tinha a graça de El-Rei e a fidelidade de seus homens de armas — que mais poderia dar-lhe um frade de San Francisco, sem alforge nem bolsa, mendigando pelos caminhos?

— Tudo aquilo que não tendes, a pobreza...

— Só é rico quem não há que guardar.

— Por Deus ergui eu a minha espada em todos os assaltos do Algarve. A cruz dos nossos balsões, em cada hora de peleja, cem olhos se fechavam da cegueira de a encarar. Quem menos cristão seja salvareis.

Por seus feitos de armas, a prol da terra e da santa fé, Dom Fernão de Alcambar, julgava-se a bem com Deus e com El-Rei.

Buscasse o frade peito menos cristão para semear a palávra divina, que o seu era já um cemitério em cruzes de golpes com ferro inimigo.

Frei Vasco ia pensando que Deus ama o que o mundo despreza e que só a humildade exalta os corações ante o trono celeste. Em toda aquela vida de armas, de tantos trabalhos esforçada, só havia verdadeiro o amor do seu orgulho; e quem no seu amor ainda se encontra, nunca bem saberá amar. Que os homens vivessem em caridade para que em espírito crescessem, do mundo fôssem ignorados e Nosso Senhor viesse a conhecê-los dignos do seu amor.

A tais palávras de resgate, Dom Fernão proclamava a honra da sua espada, sempre fiel ao juramento dado nas mãos de El-Rei, numa sortida de poucos.

Ganha estava a recompensa. Defendera em todos os dias a justiça: servo, moiro ou cristão, por sua honra os punira, segundo o fôro do senhorio.

Socorria com roupas e sementes as viuvas e orfãos, franca poisada ali tinham os peregrinos, até os gafos e endemoninhados vinham à luz do dia comer sem medo os frutos dos seus pomares.

Haveria quem mais a serviço de Deus entregasse vida e fazenda? Que queria dêle agora, aquele frade louco para alcançar a divina graça?

— Tudo quanto o vosso orgulho fez para a perder, tornou-lhe frei Vasco.

E logo entrou de lhe contar a aparição daquela noite, o prodígio que os passos lhe guiou até à tôrre da emparedada e a longa prática com ela havida sôbre o mistério da sua existência.

— Maldita! Renegada e manceba de moiros! Maldita seja no inferno! ia dizendo Dom Fernão, de olhos em brasa. Morra enforcado o escudeiro traidor! Renego de vós que me viestes tentar! Mais ouvir-vos não quero! Em má hora vos mandei albergar!

Servos e pastores seguiam já com o primeiro sol atrás dos rebanhos, esperavam os abegões junto das faias a palávra de seu amo.

— Ide-vos, frade, não me esteis a tentar. Que êste segredo

se amortalhe convôsco, já que para êste mundo a ninguêm presta. Ide-vos, na paz do Senhor!

— A paz do Senhor eu vo-la trouxe nêste dia; para vos perder o falso inimigo vos tomára à sua conta.

E como êle não saísse do alpêndre, Dom Fernão ia tocar-lhe no hábito, quando o frade ajoelhando na terra se transfigurava de parecer, com o espírito e os olhos bem fóra das coisas terrenas.

Crendo então que a alma do seu hospede era assistida da graça celeste, lançou-se em terra para lhe beijar os pés, humildando-se com vergonha e dor do seu êrro, já pronto a obedecer à voz que do outro mundo o guiava no caminho para a direita de Deus Padre.

Frei Vasco ergueu-o do chão e abraçando-se nêle com a alegria das suas lágrimas que já o estavam lavando da negrura do pecado, exclamou:

— O Senhor seja bendito!

E agora que Dom Fernão contemplando estava a grandeza de suas culpas — que faria para se remir de tanta torpeza? Apartar-se para sempre a servir a Deus em estado de pobre?

— O coração vos ensinará — volveu-lhe o frade.

Ali mesmo, o Senhor de Alcambar desprendeu da cinta o mólho de chaves com que guardava celeiros e tesoiros e na mão do monge as entregou com simplicidade. Tirou a espada, desapertou o cinto de couro recamado com que atava o brial, no chão lhe caíu a adaga.

E a primeira espada a fulgir e a última lança a cansar, já não scintilavam ante aquele esplendôr da virtude.

Como dois servos se aproximassem, Dom Fernão pediu-lhes humildemente os mais rotos vestidos para fazer seu caminho, enquanto Frei Vasco perguntava se êles eram os escravos moiros por Frei Martim baptizados algum dia. Então olhou para êles, dizendo-lhes numa benção:

— Pela água do baptismo que tomastes, sêde livres e fôrros de toda a servidão!

E entre as lágrimas da famulagem que ali viera por maravilha, vestido de peregrino de Sant'Iago, o Senhor de Alcambar abandonava naquela manhã de neve e sol, Paço e senhorio.

Não podendo mais deter-se à vista das pedras da Torre que lhe acusavam a dureza de coração, pôs-se a caminhar, só

com a sua sombra, olhando terras e armentios do alto da sua renúncia, como um viador passando para a Glória.

Sôbre um tronco quási sêco, à sua passagem, um galo, erguendo o pescôço a escorrer oiro, bateu as asas e cantou.

***

Em demanda do túmulo do Apóstolo que nas mais duras pelejas era certo romper dentre as nuvens, mostrando aos soldados da cruz o resplendor da vitória, o peregrino começou a andar por campos e serras de Portugal que também a sua espada ajudára a ganhar; mas já a lembrança do antigo esfôrço não ateava o seu orgulho.

Agora penetrava no silêncio e solidão de espessos matagais, sem rasto de homem ou de fera, céus para onde não subia a coluna de fumo de um casal.

Dormia ao acaso das horas, coberto pelo olhar de Deus que por detrás das estrelas docemente o vigiava.

Às vezes, à passagem dos vales ouvia as buzinas de caça ressoando no ar azul, vozes de monteiros açodados, de ázcuma erguida: corre! cerca por hi! e passavam-lhe à vista falcões e açores cortando direito sôbre os barrancos, de pernas retesas, enquanto os alãos latiam e saltavam por entre os piornos. Velhas árvores sacudiam as altas copas, circulavam rumores de aves espavoridas sôbre a sua cabeça e para além do ribeiro, entre as sombras dos medronheiros, ameaças de flechas sibilavam sôbre o cervo.

E andou, andou até que se viu perdido no silêncio duma floresta onde os troncos eram revestidos do musgo de muitos séculos, talhões impenetraveis de altos fetos, por onde as águas corriam à solta, misteriosamente.

Estranhas aves cantavam na distância invisível dos ramos.

Surgindo de pedra em pedra, uma grande cobra veiu enrolar a sua espiral num freixo novo e para os passos do peregrino estendia a bôca sibilante de onde saíra a primeira tentação.

Benzeu-se o caminheiro e quando seus passos tímidos o conduziram ao resgate de uma clareira, olhou para a encosta que perdera e ao longe lhe oferecia a montanha o seu aspecto eterno.

Então compreendeu por uma revelação interior que o seu caminho devia ser andado de noite, seguindo a estrada de Sant'Iago, aberta no meio das estrêlas.

E quando o sol descobria entre as brumas o primeiro sorriso, o peregrino detinha-se no vale ou oiteiro, entrava nas póvoas, mendigando, nas choças das malhadas ia repoisar, à espera que outra vez a estrada se abrisse no ceu.

Passavam e renovavam-se as estações, por maus atalhos se lhe feriam os pés, recebendo tigelas de caldo aos portões das quintas, entre cães que ladravam ferozmente.

Quando uma tarde adormeceu à sombra de uma amoreira, um sonho de tentação dentro dêle ergueu os maus poderes por artes do demónio. E uma voz claramente a dizer-lhe: Volta para trás, Fernão! Mulher e fazenda trocaste por má ventura. Desiste do caminho, entra no teu Paço onde te esperam paz e abundância nas terras que ganhaste. Um espírito amigo te anuncia que demais mereceste a gloria celeste; por ambição não podes acrescentá-la.

E sem saber como, viu-se o viandante à porta de uma albergaria, numa dobra da serra, e revolto no pó o encontrou o Guardião naquele dia que era o de San Miguel de Setembro:

— Salve-te Deus, peregrino!

— De ti renego que me queres perder!

Tanta era a desconfiança e tão turbado de parecer se mostrava que no mesmo instante um pelo outro foram tomados pelo demónio.

— Homem ou sombra de homem, quem quere que tu és, em nome do Senhor te digo que estás à porta da Albergaria de Santa Barbara que seu pai meteu numa tôrre.

— Vai-te daqui, que eu debaixo de telha não dormirei, senão quando subir o portal de Sant'Iago para beijar o pé do altar.

— Se és posseso ou o próprio inimigo, eu te exorcizo para que de mim te apartes, leproso!

Deixando por humildade que ali o tomassem pelo demónio, louvou ao Senhor que tanto abatera seu orgulho e sem outras falas continuou sua via para mais longe.

Três noites andara, três dias descansara, comendo raízes e folhas de árvore, muito longe da vizinhança dos homens.

Chegando então a uma fonte aonde os pássaros de toda a redondeza vinham matar a sêde, à beira da água se sentou, molhando as feridas dos pés na corrente branda.

De longos trabalhos passados, não cuidando do corpo por maior desvelo na saúde da alma, as formigas andavam por êle e

tantos bichos viviam na barba e nos cabêlos do peito que as aves vinham comê-los sem temor, saltando e cantando em seus ombros do que o caminheiro muitos louvores dava a Deus.

No alto da encosta apareceu então uma cavalgada refulgente que ainda o tentou a fugir-lhe para o meio do mato. Mas logo aquietou na humildade a chama do seu orgulho, e se fôssem velhos companheiros de armas poderia talvez o seu exemplo abrir-lhe o caminho.

Vinham azemolas em fila, bem arreadas de metais e sedas, muitos homens de cavalo, monges e clérigos em selas moiriscas, tauxeadas de lavores de prata, rodeando um bispo revestido de púrpura, com a mitra refulgindo ao sol, montado na sua mula branca.

Caso muito estranho foi para aquela comitiva ver homem tão imundo, coberto de aves e cheio de feridas, sorrir da sua miséria e nela se comprazer, logo atribuindo a santidade de vida ou a maus poderes a sua presença naquela fonte.

Então lhe perguntaram que fazia êle na miséria do seu estado e se não vinha beijar os pés do bispo que andava pastoreando a diocese.

Negou-se o peregrino, sentando-se na relva: que bispo não podia ser bom aquele que de tantas riquezas andava cercado.

Erguendo o báculo com furia, logo o prelado lhe lembrou a autoridade dos apostolos, admoestando-o severamente, mas o peregrino continuava a repetir as palavras que de Frei Vasco aprendera: Deixa-te a ti mesmo, se queres entrar no caminho; nada procures, tudo te será dado; veste os pobres das tuas sedas e a pobreza te fará rico.

Ouvindo os cónegos tais blasfémias, tomaram em heresia as falas do peregrino e decidiu ali mesmo o cabido entrar em conselho, julgando-o pactuado do inferno.

Sentados por sua ordem à roda da fonte, enquanto as bestas folgavam na relva fresca, em nome dos Santos Concilios, Letras Apostólicas e Leis do Reino, declaram o peregrino desobediente e rebelde às palavras do bispo, dentro do aro da sua diocese.

E para não ser excomungado, sôbre a penitência que faria rezando cada vez que um galo ouvisse cantar e mortificando sua carne com correias, acordaram de corregi-lo, ordenando ao azemel que lhe desse catorze bastonadas, em lembrança das esta-

ções da Via-Dolorosa, das quais não se queixava seu corpo ferido.

Quando anoiteceu, pegou no bordão, do ceu tomou a direcção da estrada para caminhar à orla de um monte eriçado de rochas; e defronte, num serro, onde a lua mais fulgurava nas arestas dos seixos, avistou dependurado de uma viga alta, o corpo de um enforcado. Com zumbido de enxame, os mosquitos, andavam à volta do cadaver, já enteiriçado, com uma pedra atada às canelas roxas. O peregrino voltou os olhos de medo, por alma lhe rezou um *Padre-nosso* e desceu para a encruzilhada onde um alto cruzeiro de pedra lançava a benção a três caminhos.

Por ali estava passando um almocreve prazenteiro, a cantar sôbre a albarda da mula e com outra atrás pela rédea, guisalhando festivamente.

Mostrando-se lhe logo muito dobrado de cansaço, o almocreve com parecer de condoido, chegou-lhe a alimária ao montadoiro de uma parede e com tal companheiro partiu atrás do seu destino, contando-lhe o caso da sua vida e a firmeza do seu propósito.

Um quarto de lua já se passava, quando o peregrino começou a vêr os lugares em que estivera e a acreditar que, por artes infernais, a mula o ia levando para trás.

Três vezes se benzeu, chamando em voz alta as três divinas pessoas, e logo diante dos olhos se lhe rasgou a nuvem da sua ilusão. Desapareceram da sua vista as mulas, e o almocreve que era o próprio diabo, deu um berro como de bode e no ar se desfez para sempre.

O peregrino comprendeu que não era para aquela penitência aliviar-se a cavalo dos trabalhos do caminho e chorou muito sôbre tal fraqueza que Nosso Senhor logo perdoou às suas lágrimas de arrependimento.

Perdendo os passos durante aquele dia, foi dar, por uma extensa alameda de teixos, à porta de uma igreja com altos portados redondos, grandes tôrres de sinos, de onde subiam rumores de cânticos.

Logo que avistou o santuário, de joelhos caminhou até à grande escadaria, vendo ao alto longos dragões de pedra, debruçados nas cornijas, de guelas abertas, que lhe pareceram anjos maus de castigo.

Alegremente perguntou aos fieis que entravam se ali era

Sant'Iago e sabendo deles que o seu termo não chegara ainda, lançou-se a chorar sôbre as lages das sepulturas na galilé do templo, pedindo a todos que orassem por êle para que os seus dias não findassem no caminho para o túmulo do Apóstolo.

De esperança em esperança, longos mêses andára, quando uma tarde, quási ao pôr do sol, avistou uma companhia de segreis, jogando os dados sôbre uma tripeça, à porta de uma estalagem com ramo de hera na parede.

E debaixo de um carvalho que toldava o pequeno terreiro do logradoiro, outros estavam tocando e cantando ao laúde as cantigas para o serão de um castelo ali perto.

Vendo-o tão sem feição e lazerado daquela maneira, muito se riram dêle e ali mesmo quiseram manteá-lo, como era uso de homens de folgar, ficando assaz maltratado de palávras e feitos, sem responder nem se queixar de dor, pelo que os segreis de cavalo e os outros, cuidando-o de pouco siso, o não motejaram mais.

Quando de noite passou rente à muralha do castelo, à beira de um riacho que entre fetos e salgueirais ia cantando, vinham-lhe melodias de cítaras e harpas, rumores de danças e cantigas de amor.

Por sôbre o muro dos jardins, os pavões perseguidos de luz e ruído, voavam incertamente, dilacerando-se, pelos plátanos.

Sorriam rosas moiriscas por entre os muros.

Para o caminho tombava o jasmineiro as suas estrêlas brancas, perfumando o ar, três ciprestes irmãos alongavam por sôbre as areias da estrada, entre os restolhos, as suas ogivas de sombra. E quando o peregrino cuidava de aligeirar o passo para fugir com o pensamento àqueles rumores de pecádo, ouviu dar meia noite na tôrre albarrã.

Muito fracas eram já suas fôrças, uma tarde, em dia de Santa Cruz de Maio, quando nas nuvens lhe resplandeceu o vulto do Apóstolo, descançando êle à sombra das bem-aventuradas oliveiras.

Logo a sua velha devoção o reconheceu para dêle ouvir palávras de segura consolação e vitória sôbre o mau espírito:

— À tua terra voltarás; muito longe ficá o santuário para que os dias da tua vida bastassem para o alcançar. Goza-te com alegria, a tua alma exulte no Senhor, que o dia bom é chegado.

Despiria também a tristeza em que buscára a redenção, para

voltar ao seu Paço, firme e sem temor de maus encontros, de dia ou de noite.

Aquêle voto não queria Deus que o cumprisse — para não ter fim a dor do seu arrependimento.

Sumiu-se nas nuvens o clarão que alumiára a face do Santo e o peregrino pôs-se a caminhar para as suas terras, conforme o conselho que o céu lhe mandava.

Por outras estradas mais claras, entre flôres e aves cantando, os seus passos eram agora levados sem esfôrço, num cansaço.

As alminhas das encruzilhadas estendiam-lhe os braços de entre o fogo, julgando-o já um bem-aventurado de quem lhes poderia vir remissão para sempre.

Entrava nos conventos que o acolhiam com júbilo de toda a comunidade, e nunca mais ardeu no fogo de uma tentação. Certo dia, ao nascer do sol, tocava o limíte do senhorio. Vestidos de negro dois servos passaram por êle, sem o conhecer, de transfigurado que vinha.

A voz do antigo senhor os deteve para ouvir a triste nova que traziam para lhe dar: Dona Brígida era morta.

Por sua vontade mandára fazer sepultura em Santa Maria das Virtudes aonde tinham ficado acabando outra que lá estava à sua espera, quando se fôsse dêste mundo.

Com muitos louvores deu graças a Deus por tantos prodígios, sabendo que sua esposa vivera os últimos anos orando por êle e que à honra do Apóstolo todo o senhorio de Alcambar fôra deixado.

Em cada arca de pedra, um tituleiro falava dos louvores da Virgem com letra igual, defronte do altar de Sant'Iago que ali ficaria em veneração.

O peregrino não entrou mais no velho Paço e com grandes penitências foi ganhando tempo para a morte aonde tinha pressa de chegar para ser perdoado.

Dentro do túmulo, ornado de suas armas por lembrança do mordômo, noite e dia chorou o seu pecádo e já lhe tardava haver fim para a vida corpórea, quando a alma se lhe desprendeu para o céu, estando a orar numa tarde, em se querendo pôr o sol, no tempo da quaresma.

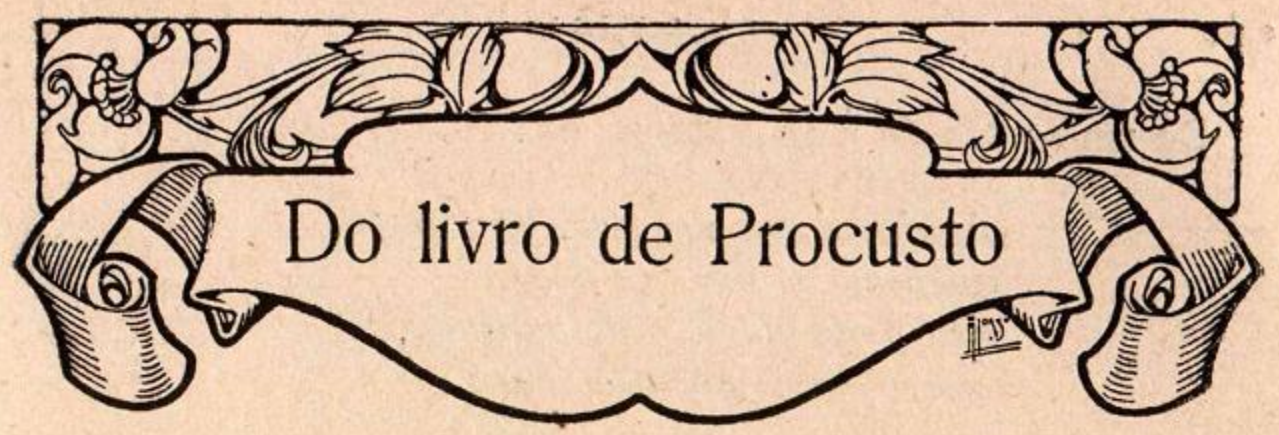
Ao outro dia, quando o velho ia por êle à ermida, não lhe apareceu mais, chamando-o e buscando-o de todos os lados.

E fitando os olhos no altar do Apóstolo, viu que os túmulos se tinham feito num só e os anjos na campa lhe vieram pôr duas grandes figuras de pedra branca, de mãos unidas, dormindo ali o sono para sempre, até ao fim do mundo.

Quem êste conto escreveu para alívio de tristes e sofredores do coração, por pecados de amor, guarde-lhe Deus sua alma no caminho do bom exemplo até à bem-aventurança do último dia.

1912.

HIPPOLYTO RAPOSO.



(Todas as obras, que se ocupam com o célebre bandído, cujas proesas se faziam nas proximidades de Eleusis, contam que êle tinha um leito, onde deitava suas vítimas. Aí as torturava, alongando à fôrça as que eram menores do que êsse leito e cortando parte do corpo das que eram maiores, de modo que ficassem sempre do tamanho da cama fatal.

Os autores, que referem êsses factos, parecem, entretanto, ignorar que Procusto não fez só isso. Se todos conhecem aquele famoso leito, que tem sobretudo servido para a perpetração de uma metáfora, que se tornou clássica, não mencionam que o bandído continuou suas façanhas, atirando-se à poesia. Aí felizmente as suas atrocidades não fôram sangrentas. Nem por isso deixaram de ser crueis. Êle tomava sonetos célebres e reduzia-os a quadras de sete sílabas. É inútil insistir sôbre as mutilações horrorosas que assim inflingia a êsses pobres sonetos.

São alguns produtos dessas atrocidades o que adiante publicâmos, para o simples fim de excitar nas almas compassivas toda a execração, que merece o famoso celerado.

M. A.)

De um soneto de SULLY-PRUDHOMME:

Dos teus vestidos que a cândida
alvura, côr da pureza,
não seja a pureza única,
que exista em tua beleza!

De um soneto de ALFREDO ALGARDI: *Gli emigranti:*

Partiram; na sua Terra,
não tinham com que viver;
agora vêem-na em guerra,
voltam, por ela a morrer!

De um soneto de autor pouco conhecido:

Pouco nos portos demoram
as frótas. As ilusões
também como elas ancoram
bem pouco nos corações.

De um soneto de ÉMILE HINZELIN :

Águia, a que um tiro, no espaço,
quebrou os pés — e pousar
não pode mais, — de cansaço,
môrro, mas môrro a voar!

De um soneto de LECOMTE DE LISLE :

Cativo, em cólera aceso,
matou-se à fome um leão.
Tu, que também estás preso,
faze o mesmo, coração!

De um soneto de NARCISO DE LACERDA :

O Riso é santo. Bemditos
os que o podem cultivar!
Mas como eu acho malditos
os que não sabem chorar!

De um soneto de RAYMUNDO CORREIA :

As pombas partem ; mas voltam :
voltam, de tarde, aos pombáis.
As ilusões, quando soltam
seu vôo, não voltam mais.

De um soneto de OLAVO BILAC :

Há quem me julgue perdido,
porque ando a ouvir as estrêlas.
Só quem ama tem ouvido
para ouvi-las e entendê-las . . .

De um soneto de FELIX ARVERS :

Prêsa a outro, honesta e fria,
meu amor não viu sequer.
Lendo meus versos diria :
«Quem será esta mulher?»

De um soneto de NARCISO DE LACERDA:

Se, como deus, bem podia
remir-nos sem dar a vida,
Jesus, na sua agonia,
não foi deus, foi suicida.

De um soneto de MACHADO DE ASSIS:

Do Natal, há muito, o dia
a graça toda perdeu.
Mas não sei quem mudaria:
foi o Natal ou fui eu?

De um soneto de LUÍS GUIMARÃES:

Teus erros, muitas pretendem
que vergonha lhes faria.
É que às vezes não se entendem
coração e ortografia.

De um soneto de RAYMUNDO CORREIA:

De muita gente, que existe
e que julgamos ditosa,
toda a ventura consiste
em parecer venturosa.

De um soneto de BENSERADE:

Em sofrimento passou-se
a vida triste de Job.
Mas êle falou, queixou-se...
Há quem mereça mais dó!

Pelo trabalho da cópia:

MEDEIROS ALBUQUERQUE.

Sonho de morte

Trinta e um de maio. Despedida do mês das flores.

Meia noite.

Pesam-me as pálpebras de cansado na última batalha do espirito. Não é o sono suave que deleitávelmente nos entorpece de caricias, tombando-nos no mistério dos sonhos. É o sono da fadiga; é o cansaço da alma e do corpo, que um ao outro se esmagam em trágica luta tenebrosa!...

Pesam-me as pálpebras, e sinto invadir-me a alma todo o desprêzo que uma alma pode ter pelo corpo em que ela vive! E quanta amargura neste desprêzo! Tanta, como a dedicação que a fatalidade exige da minha alma pelo corpo onde ela se tortura!

Saber que é nêle a fonte de todo o meu mal, e nêle germinam, a ocultas de mim, filtros de veneno que derramam a dôr e o luto, abrindo-me a alma em chagas vivas que jámais têm cura nem alívio! Saber que é êle o carrasco de mim mesmo! Ter mil meios de o esfarrapar, de o aniqùilar, para que nunca mais alguêm topasse com a sua sombra funesta... E ter de lhe conservar, cuidadosamente, o movimento e a côr... E ter de o arrastar, a sorrir, pelos tempos fóra!

Porquê?... Para quê?

Não será determinado pelo da morte o sentido da vida?

Conheço e observo efeitos do fluido magnético, mas nunca o vi. Por não o ter visto, não se segue que lhe negue a existência independentemente das formas que vejo. E o que é a consciên-

cia? A esta pergunta respondem-me com hipóteses, e por fim definem-lhe os efeitos. Até me dizem alguns autócratas da sciência, nada socráticos mas radiantes no supercomodismo pedante, que ela não é independente do meu corpo, porque «nunca ninguêm a viu»!

Como se os miseráveis olhos humanos fôssem a suprema perfeição visual; como se o mais límpido raio do nosso sol se impusesse ao espírito dos homens como a manifestação suprema da claridade no turbilhão infinito!...

Fecham-se-me os olhos; há uma grande escuridão cortada de vagas e fugazes claridades, e vejo-me atravessando, com a ligeireza leve de uma pena levada pelo vento, uma planície imensa, areenta, acidentada e rugosa. Passo entre as escarpas de dois montes e percorro, veloz como andorinha, outra vasta planície esverdinhada; e depois outra mais pequena, onde paro no sopé de um circo enorme, arredondado e tortuoso... Ali quedo a contemplar, quási imóvel na informe escuridão dos céus, um disco brilhante, de superfície talvez catorze vezes mais extensa que a da lua cheia! Astro enorme, naquele céu profundo, girando sôbre si, sempre fixo no mesmo ponto acima do horizonte, iluminando cristas de montes, anéis de milhares de crateras extintas, rebordos de montanhas escavadas, de flancos cortados a pique sôbre profundidades de milhares de metros... e espraiando a luz suave por vales sem fim!

E tudo, tudo onde caem os raios dêsse grande círculo de luz, perto ou longe de mim, eu vejo com a mesma nitidez! E tudo aonde não chega a alma luminosa daquele astro permanece na escuridão impenetrável!

Caminho até outro vale mais pequeno, estreitado entre duas orlas de crateras. E neste solitario silêncio, onde não há movimento, um gesto em que assome um relâmpago de vida, sento-me e abstraio-me na contemplação, na adoração daquele outro mundo longínquo; e nos seios da luz que nele fulgura vejo desenharem-se contornos de manchas ou sombras que não parecem estranhas às minhas reminiscências.

Scismo, e recalco nos olhos a luz que vem da escuridade... E brotam flores, paisagem esbatida, perfumes, meigas claridades, transparências murmurosas, estrêlas em céu azul. E eu scismo entre o arvoredo florído. E quebra-se o silêncio e ouço cantos de rouxinol e risos de criança.

Estou no jardim de um palácio onde há reflexos de luz, e onde uma voz que se aproxima vem cantando:

Busco a morte, porque assim
Estarei mais perto de ti...

Pouco depois, afastando-se, parece recomeçar:

Se souberes que eu morri,
Não tenhas pena de mim.

E eu scismo na expressão alegre daquela voz cantando a esperança dos anjos, a sorrir em beijos de luz na essência divina do amor! E exclamo: Quem sabe se é assim! Quem sabe se naquela voz ressumbra o verdadeiro sentido! Quem sabe onde está o princípio e o fim da consciência, a treva e a luz! A forma é uma sombra...

E ouço o estralejar de beijos, e a mesma voz, carinhosamente: «Dorme, dorme, descansadinha. A tua mamã não se demora. Adeus, meu anjo. Mais outro beijo... outro... assim. Adeus».

Ilumina-se uma parte envidraçada que entesta sôbre um pátio quási ao nível do jardim. Abre-se a vidraça, e no meio da noite coroada de constelações brilhantes, entre vaporosos cortinados de renda, surge uma forma suavíssima de mulher vestida de branco. Ergue ao espaço estrelado a cabeça emmoldurada de cabelos negros, e a face iluminada num sorriso vago, queda fitando o azul, onde as estrêlas parecem despicar a ventura de serem olhadas por aqueles olhos vivos, brilhantes, escuros, mixtos de saudade e de esperança, de alegria e de tristeza, de felicidade e de dôr.

Pouco a pouco se torna mais claro o sorriso daquela visão sonhadora; vejo moverem-se-lhe os lábios, escuto, e ouço... ouço distintamente, como se fôsse junto de meus ouvidos:

Ó meu Deus! é a fôrça do meu destino; eu sinto-o. Fostes vós que assim o determinastes, porque eu experimento em toda a minha alma a necessidade de cumprir uma determinação irrevogável. Adivinho agora na luz que me inunda o espírito, que chegou o termo da minha missão na terra; e tudo se conjugou a impelir-me suavemente, para que eu por mim mesma procure noutra luz o prosseguimento do meu fadário.

Ternissimos afectos que vou deixar entenebrecidos na dôr,

no pranto, no desespêro súbito e cruel do «nunca mais», é por vós que eu choro, porque sinto profundamente viva no coração a dôr da saudade que ides ter por mim. E é tão viva no meu seio essa dôr, que mais creio ainda, ao partir, que superior à sombra que vos foge é a fôrça que me leva o corpo à morte.

Mas se não crêdes como eu, e entendeis que é crime o não querer viver mais tempo a vida que vós vêdes, sentis, palpais, perdoa-me por todas estas lágrimas que te deixo, ó minha mãe. Elas hão-de dizer-te que levo prêsa à alma da minha alma, a dôr que te vai mirrar as pálidas esperanças, ventura dêste mundo. Se também tu, minha mãe, que me geraste em tua própria carne, não sentes, ao caír para sempre êste pedaço de ti mesma, que é a minha alma que busca, às ordens do Destino, outros mundos onde a escuridão desta vida não perturbe a luz da consciência, perdoa à tua filha! Perdoa-me!»

E as lágrimas rolam-lhes, intermináveis, pela face iluminada e caem transformadas em pétalas de rosas, brancas e tristes como silêncios de luar.

E sempre a face erguida para o céu... e sempre o mesmo sorriso, límpido e casto reflexo das almas em comunhão com os anjos... e sempre as lágrimas rolando como fio de estrêlas a desfazer-se em rosas!... Até que já não vejo montes, nem vales, nem jardins, nem crateras, nem palácio... e ergue-se, incomensurável, em toda a extensão dos horizontes, uma montanha de rosas, destacando-se ao meio o busto daquela suavíssima forma de mulher, fitando as estrêlas e sorrindo a Deus.

De repente, dêsse busto angélico alevanta-se um braço, que aperta na mão branca e firme, um revólver de fulgurações estranhas; e arqueia-se o braço, lentamente, até ficar a arma perfeitamente voltada sôbre o próprio busto... E sempre os olhos postos nas estrêlas, e sempre aquele sorriso de alma imerso no infinito!

Vejo um relâmpago, e sôbre êle ouço uma detonação formidável, que me dá a impressão de ter feito estremecer o universo inteiro... E aquela estranha forma suavíssima de mulher, tomando a transparência vaga das angelicais visões, ergue-se no espaço entre perfumes e rosas, sorrindo docemente à essência de uma outra luz... olhando as estrêlas que a chamam à sorrir! E ergue-se e sobe e sorri... sorri... sorri...

.....

E eu, na soledade imensa da planície deserta, ao sopé da orla de crateras escaveiradas, contemplando as nódoas escuras que se esboçam no seio do astro rutilante, enorme, suspenso na profundidade negra do vácuo insondável, scismo: *Matéria ... aparência ... mentira ...*

Corta-me os ossos um frio glacial; ergo-me, e, com a mesma ligeireza com que atravessara as vastas planícies, subo às mais altas arestas iluminadas de uma montanha enorme. Foge-me da vista o astro da minha meditação, e vejo-me sôbre uma luz viva, intensa, ardente, cortante, de um sol que brilha com deslumbradora imponência, entre miríades de estrêlas, no mesmo vácuo, na mesma escuridão, naquele mesmo céu negro e sem forma! Ao frio que me enregelára, sucede um calôr intolerável, a temperatura da água a ferver ... A angústia estrangula-me. Não sei de mim. Procuro-me em tudo que me cerca, e nada reconheço ... Sou um abismo dentro de outro abismo. Ouço palavras mal distintas, a que não ligo nexo nem sentido.

Vai depois serenando o pesadelo. Uma voz insiste ... Já vejo, ouço, distingo. É alguêm que me chama e me lembra que é já muito tarde e que tenho de ir ao entêrro de *Miss Kate*.

Miss Kate?! ... Ah! sim, é verdade. Recordo-me! Foi ontem, sim, foi ontem ... *Miss Kate* morreu! É verdade; tenho de ir ao entêrro ... Eu vi-a ... vi-a coberta de rosas ... Deitei-me ... adormeci ... sonhei ...

E ergue-se-me no espírito a imagem — fantasma do sonho inteiro! «Mas onde estive eu em sonhos? pergunto. «Aquele astro enorme ... aquele céu negro ... aquele monte, as planícies ... o sol ... as estrêlas ... Eu já tinha visto ...» E vem-me à memoria com toda a nitidez o mapa da Lua, de Lecouturier e Chapuis.

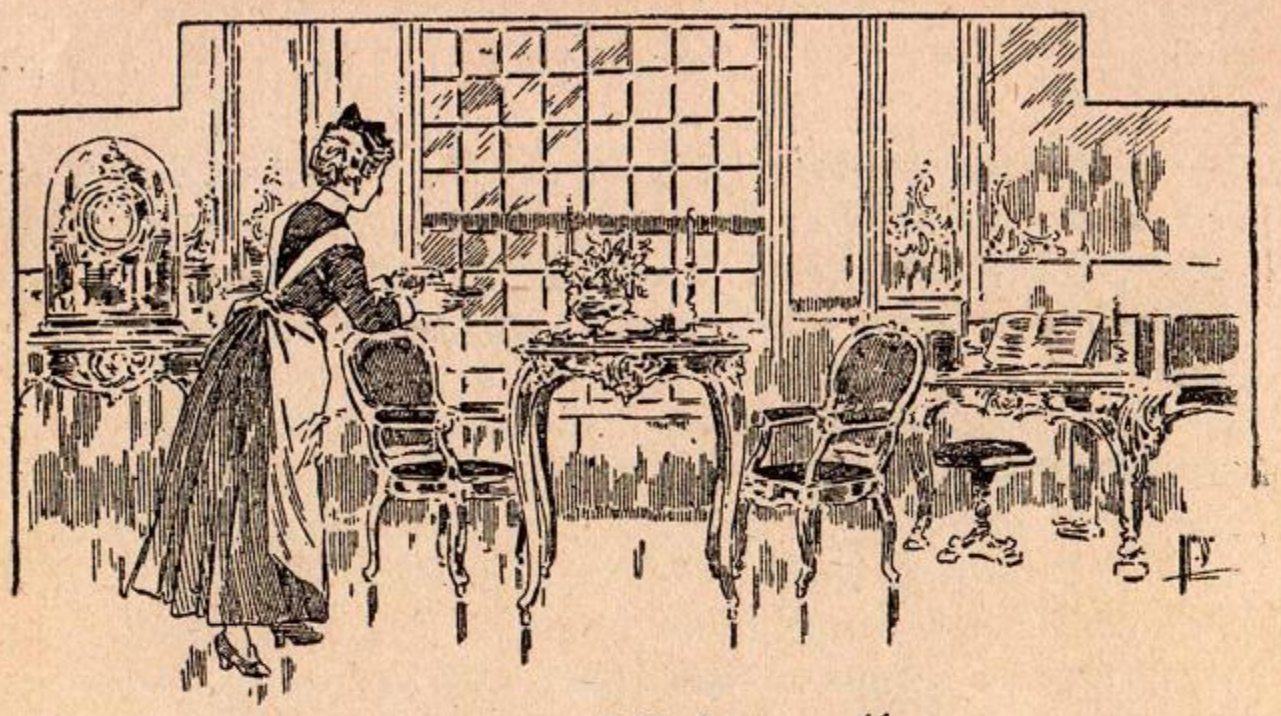
O monte sôbre o qual eu recebera a luz ardente do sol, era daqueles que coroam os polos lunares e para os quais nunca deixa de brilhar o astro do dia, sendo por isso chamados: «as montanhas da luz eterna». A primeira planície que eu atravessára é denominada pelos astrónomos — *o mar da tranqùilidade*. A outra — *o mar da serenidade*. A outra mais pequena — *o lago dos sonhos*. E aquela onde eu parei, por fim, é o *Lago da morte*. O astro fulgurante que eu contemplára, fixo no mesmo ponto do céu — era a *Terra cheia* — a *Volva*, de Kepler — a lua da lua!

.....

Realmente, pensava eu horas depois, com tristeza profunda, ao fechar-se a porta do jazigo onde fôra deposta a urna de *Miss Kate,* coberta de flores, realmente... sentir, pensar, scismar, sonhar, o que eu senti, pensei, scismei e sonhei... só na Lua!!

Junho de 1916.

CARLOS BABO



Ano novo, Vida velha...

PEÇA EM UM ACTO

Figuras { ELE
ELA
UMA CRIADA

LISBOA — ACTUALIDADE

Uma saleta Luís XV. Janela larga ao fundo. Uma porta de cada lado. A um canto, junto á janela, um cravo com o teclado aberto. Sôbre um móvel um relógio de Sevres. Ao meio uma peqnena mesa sôbre a qual está servida uma ceia fria. Luz de vélas em serpentinas de prata.

SCENA I

A CRIADA, depois ELE e ELA

A criada está acabando de pôr a mesa. Ouve-se rodar um trem na rua. A criada sobe à janela e afasta uma das cortinas. Volta a descer. Sôa um timbre na casa da entrada e a criada vai abrir. Entram ELE e ELA Despojam-se dos abafos. ELE fica de casaca, ELA com um vestido decotado do teatro.

ELE (vindo à mesa e pondo na botoeira a flôr de um solitário)

As malas?

A CRIADA

Estão prontas.

ELE

O cocheiro a ajudará a carregá-las. Ficou de vir buscar-me às duas horas.

ELA

Pode retirar-se, Justina. Nós próprios nos serviremos. Está tudo aqui?

A CRIADA

Tudo. Boas noites, minha senhora. (A ELE) Boas noites...

ELE

Boas noites... A criada sai

SCENA II

ELE e ELA

ELA (com um sorriso)

Sabes que tenho fome...

ELE

Também eu. (Sentam-se ambos. Servem-se. ELE deita-lhe vinho no copo. Um silêncio).

ELA

Muito obrigada, meu querido amigo, por teres satisfeito o meu pedido. Esta ceia de despedida ficará como uma nobre recordação do nosso apartamento. Seria tão doloroso separarmo-nos como inimigos ou como indiferentes... Assim, na hora última, as nossas mãos estreitar-se-hão amigas e o nosso amor morrerá serenamente.

ELE

Assim o quero. E porque não havia de ser assim? Não nos sepára um rancôr e apenas o receio do tédio, o perigo de vermos regradas por um hábito as horas que a paixão animou. É preferível que uma saudade habite eterna em nossos corações a termos que sentar-nos um em frente do outro como dois condenados da mesma galé.

ELA

Um pouco mais de frango?

ELE

Obrigado sim. Está excelente. (ELA serve-o e serve-se. Há um silêncio)

ELA

Há quatro anos, na noite em que pela primeira vez se uniram famintamente as nossas bocas, fiz-te jurar que, quando sentisses a saciedade dêste amor, que me atirava para os teus braços, lealmente mo dirias e lealmente nos apartaríamos. Não tinha que ser eterna a paixão que nos uniu... Porque não havemos de ter a coragem de o reconhecer?

ELE

(Pousando o talher) Decerto. Nunca o Amor se apouca com a verdade. Só a mentira ou a traição fazem dêle um tormento miserável ou uma infâmia. (Um silêncio)

ELA

Lembras te? Foi há quatro anos, numa noite de ano novo como hoje...

ELE

Neste mesmo lugar, a esta mesma hora, tu aí sentada, eu daqui ancioso e trémulo...

ELA

Acedi a vir cear a tua casa. Sabia bem para que vinha...

ELE

E—estranharás talvez a minha pergunta—estás arrependida?

ELA

Não. Sincéramente o digo, nesta hora em que vamos buscar vida nova a propósito dêste ano que começa. Fizeste-me conhecer o Amor e foste o amoroso que eu sonhára. A culpa não é tua. Nem minha. Tu vais partir para essa viagem; eu vou ficar sósinha na casa que me déste; estamos ceando juntos pela última vez; mas, com toda a lealdade o repito, não estou arrependida. A culpa é só do Amor, eterno através do tempo, de pouca dura através de nós...

ELE

Quiséras prolongar a ilusão, contentar-te com as cinzas de um fogo que foi ardente, representar dia a dia, para mim e para ti própria, uma comédia de sentimento?

ELA

Não. Mil vezes não. Conhecemos juntos as belas horas da vertigem. Na ausência que nos impomos, consolar-nos-á a idea de que fomos suficientemente fortes para fugir ao que o Amor tem de banal, de egoísta e de humano: o tédio... Um pouco de gelêa... Queres? (Ser-ve-o. Um silêncio)

ELE

Há quatro anos...

ELA

Estás comovido, meu bom amigo? Porque não comes? A gelêa está explêndida...

ELE

Podeste, porventura, esquecer aquela noite?...

ELA

Não, decerto. Lembro-me ainda com que tremôr me encostava ao teu braço na escada sem luz, a comoção que senti ao entrar a tua porta, o pudôr que me acometeu quando me tiraste a capa... Pareceu-me que ficava nua. (Pausa) Estava louca por ti. Não eras o meu primeiro amante. Foste, sem dúvida alguma, o primeiro homem que eu amei...

ELE

Sériamente?

ELA

Juro-to. Desde que no teatro pressentira que o teu capricho ou o teu desejo me procuravam, eu fôra atraída irresistívelmente; mas tinha mêdo de ti, da tua inconstancia, da vida sempre variável, mêdo do dia seguinte, mêdo de hoje...

ELE

De hoje?

ELA

Sim... Da hora em que o sonho diminuísse, em que a existência se apoderasse emfim de nós e nos envolvesse de banalidade... Mas, quando me chamaste, vim. Sentaste-te daí, eu daqui. Servias-me com um carinho extrêmo; eras trémulo como eu. Havia nos teus olhos súplicas e lágrimas de alegria. Quando os nossos dêdos se tocavam, retirávamo-los... Olha: assim exactamente como sucedeu agora... Depois, tu levantaste-te. (ELE levanta-se e sobe à janela do fundo). Porque te levantas? Sentes-te indiposto?... Foste erguer a cortina e escreveste na vidraça embaciada...

ELE

O teu nome, como estou fazendo agora (ELA levanta-se e vai junto dêle). Tu vieste ter comigo e poseste o teu braço sôbre o meu ombro...

ELA (Pondo-lhe o braço sôbre o ombro)

Assim... Recordas-te? Pésa-te o meu braço? Não? Li o meu nome e sorri (ELE passa-lhe o braço pela cintura). Senti que me abraçavas como estás fasendo e os teus lábios roçavam o meu cabelo junto às fontes. Eram de fogo os teus lábios...

ELE (Puxando-a a si e pondo um beijo na nuca)

Seriam assim?

ELA (soltando-se de vagar)

Que tens? Parece que tens febre... A tua bôca escalda (Descem ambos). Voltámos para a mesa e, com um riso muito alegre, servi o café que já fervia na máquina. (ELE senta-se e ELA de pé deita o café nas chícaras. Pegando no açucareiro). Quantas pedras? Uma?... Duas?...

ELE

Três, como naquela noite. Eu tambêm nada esqueci... (Tomam o café).

ELA

Depois, tomado o café, tirei da tua cigarreira um dos teus cigarros. (Tira um cigarro da cigarreira que está sôbre a mesa e acende-o numa das vélas)

Dei-to aceso, um pouco úmido da minha bôca... Queres fumar? (Dá-lhe o cigarro e acende outro para ela). Ao descobrir, naquele canto, o velho cravo pedi-te que me tocasses um pouco de música. Era já tarde, e naquele recato escuro, onde não chegava a luz das vélas, frouxamente alumiado pelo clarão de um candieiro da rua, tu começaste mansamente, mal roçando os dedos pelas teclas, a tocar...

ELE (que se tem levantado e dirigido ao cravo sôbre o qual deixa correr os dedos).

A balada do rei do Thule, daquele que não queria que ninguêm mais pousasse a bôca na taça de ouro dos seus melhores praseres. (A melodia corre suavemente. O relógio de Sevres bate as duas horas).

ELA (durante a música)

É tão linda... Eu vim debruçar-me sôbre ti. Estava embriagada dos teus olhos e da música dôce como um queixume de ave...

ELE

O teu perfume enlouquecia-me... O arfar do teu peito dizia-me: «Quero-te...»

ELA

Então, como um louco, tomaste-me nos teus braços... (ELE levanta-se e, cingindo-a nos braços, leva-a para a porta). Que fazes? Isso não... Não... Perdeste a cabeça?... (Ouvem-se na porta umas pancadas leves) Entre. (ELE afasta-se um pouco)

SCENA III

OS MESMOS E A CRIADA

A CRIADA (entrando)

São duas horas. O cocheiro está lá em baixo.

ELE (Após um silencio)

Mande-o embora...

A CRIADA

Sim, senhor. E as malas?

ELA (com um sorriso)

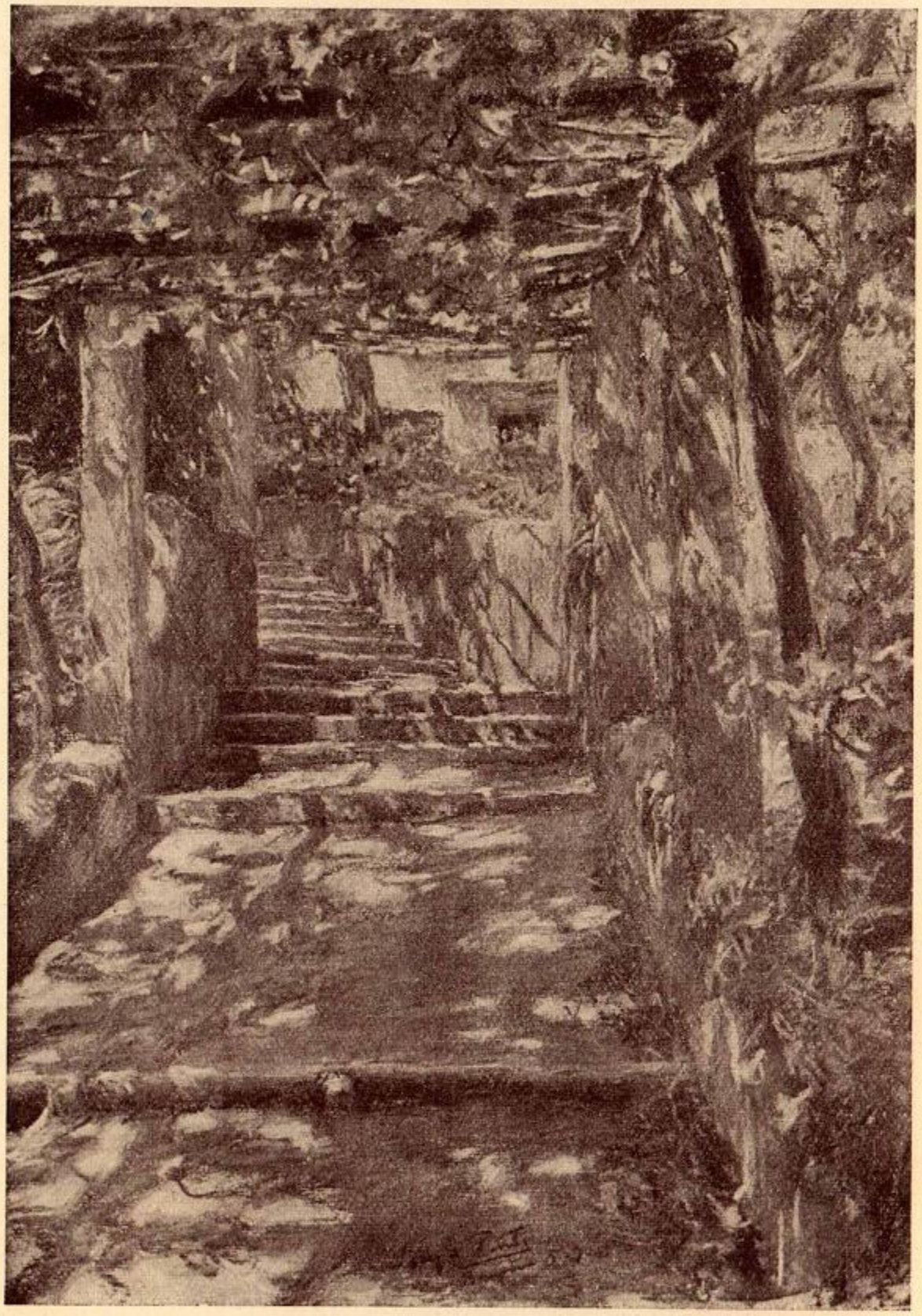
Será melhor desmanchá-las...

Sáem os dois. A criada vai à mesa e apaga as vélas.

PANO

1916.

ANDRÉ BRUN.



SOUSA PINTO — Ramada da escadaria

CARTAS DO BRASIL

Se alguma coisa desde já se pode concluir desta Guerra macabra, mas lógica, é a nacionalização do mundo. As nebulosas do cosmopolitismo humanitarista, que tiveram um brilho efémero pelos fins do século XIX, começaram a ser encaradas pelo seu verdadeiro prisma desde o princípio do século XX, e sobretudo desde a questão Dreyfus. De então para cá o nacionalismo só tem ganho terreno, em proveito, não hesito em afirmar, da própria humanidade, pois o melhor meio de a servirmos é ainda começarmos por bem merecer de nossa pátria.

No Brasil, como por toda a parte, essa evolução se tem feito e se está operando sem cessar. Será, talvez, para mim, a mais segura esperança, nas horas de desalento, ao pensar no porvir de nossa pátria, nas horas em que «as vozes» de que nos fala Afonso Arinos, nos interrogam se os «bandeirantes... teem, entre os filhos, vendilhões da honra nacional, burlões da fazenda pública, escravos ignominiosos de tiranetes ridículos, e das imposições estrangeiras». O espírito nacional, que se impõe hoje pela energia das novas gerações, há-de salvar o Brasil destas angústias, há-de tornar-nos dignos dos «bandeirantes» que nos desvirginaram.

Nada, por exemplo, de mais expressivo dêsse movimento do que a fundação de um periódico, como a *Revista do Brasil,* que traz por guião a bandeira do nacionalismo, e poderia levar por epígrafe o lema do Duque de Orléans: «Tout ce qui est national est nôtre». A leitura do sumário de qualquer de seus números é expressiva. O n.º 2, por exemplo, ocupa-se com as seguintes matérias: «José Veríssimo; Economia e Finanças de S. Paulo; o Brasil, terra de poetas; Francisco Adolfo de Varnhagen; uma Informante do Imperador D. Pedro II», etc., etc. E, se percorrermos os sete números já publicados, encontraremos em todos a mesma preocupação da Terra, da sua gente, da sua história, do seu futuro. E, se vale esta publicação por seu programa, mais vale ainda se acrescentarmos que não é na capital do país mas em S. Paulo, que ela vem à luz. Realiza-se assim a descentralização do pensamento, a regionalização da terra, meios indispensáveis para a coordenação

nacional, já antevistos pelo nosso Imperador, D. Pedro II, na sua última fala do trono, antes da efectiva descentralização republicana: «Entre as exigências da instrução pública, sobressai a criação . . . de duas universidades, uma ao Sul, outra ao Norte do Império, para centros de organismos científicos e proveitosa emulação».

A República realizou, mas já de longe vinha a idea descentralizadora, filha da experiência. Foi seu primeiro bosquejo a carta de Dom Sebastião de 10 de Dezembro de 1572, ao dar a Mem de Sá dois sucessores, em vez de um: «Consyderando eu como por as terras da costa do Brazil serem tão grandes e tão distantes humas das outras . . ., não podiam ser tão inteiramente governadas, como compria, por um só governador . . . assentey mandar dois governadores ás ditas partes etc». E é bem de ver que nessa época, pelos fins do século XVI, não era a cidade da Baía, capital da Colónia, o centro de mais civilização nestas terras, nem o Rio de Janeiro, séde do govêrno das capitanias do Sul, mas sim Olinda, a cidade de Duarte Coelho, onde, segundo assegura o Padre Fernão Cardim, que então percorreu a costa, «se acha mais vaidade que em Lisboa».

Se assim era no período colonial, assim também foi no período semi-autonómico de D. João VI, que nos deu a centralização política, para nos salvar da anarquia fatal, e a descentralização administrativa, com a criação das duas Relações do Maranhão e de Pernambuco (1812), e com a declaração de independência das capitanias de Espírito Santo, Piauhy, Santa Catarina, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Durante o Império também se fez sentir essa tradicional necessidade, desde o Dec. de 20 de Outubro de 1823, pelo qual D. Pedro I criou os conselhos provinciais, compostos de «seis membros eleitos pelo povo», até o programa do ministério de 7 de Junho, último da Monarquia, onde se encontrava, como medida de urgência: «A plena autonomia dos municípios e províncias, sendo o presidente eleito em lista tríplice, e escolhido por S. M. o Imperador». Só hoje, ao sentirmos, pela experiência, as conseqüências da federação sem freio, podemos meditar quanto era sábia a restrição do programa Ouro Preto.

Seja-me perdoada, pelo leitor gentil, essa ligeira retrocessão histórica a propósito da *Revista do Brasil,* mas tudo se liga, e nós, brasileiros de hoje, devemos atender às lições ou aos fracassos de nosso passado, para as seguirmos ou os evitarmos.

A *Revista do Brasil,* é um marco notável na evolução da idea regionalista, idea fecunda, de onde vai nascer a integração do espírito nacional. Com essa Revista, embora em género diferente, concorrem a *Revista do Instituto Histórico*, no Rio de Janeiro, os *Anais do Instituto Arqueológico* de Pernambuco, a *Revista do Arquivo*, em Minas, a *Revista do Centro de Sciências e Letras*, em Campinas, e outras espalhadas pelo nosso imenso território, todas em vias de tecer pacientemente a grande tela da nacionalidade, em pequenos bastidores locais.

JOÃO D'ALÊM

O MÊS LITERÁRIO

O CONFLITO INTERNACIONAL SÔB O PONTO DE VISTA PORTUGUÊS, por José de Macedo, edição da *Renascença Portuguêsa*

Neste momento todos os povos interrogam o futuro para abranger as novas imagens que o Destino anda esboçando vagarosamente, para manter nos homens a crença viva no seu esfôrço. O que será ámanhã a fôrça, o direito, a arte, a sciência, o comércio, a indústria, a religião, a moral?

José de Macedo que se preocupa desde muito, porém, para bem compreender o mundo moderno, nos seus aspectos económico e social, no grosso e farto volume que agora publicou, aborda o problema nacional, nas suas multiplas relações com o actual conflito de raças. Determina, com rara precisão, as eficiencias e deficiencias da nossa maneira de existir, mostrando onde e como teremos de refazer-nos, para que, no próximo concêrto das nações, não sejamos um anacronismo sem significação nem valor.

As páginas que consagra ao nosso império colonial, condição inevitável de todo o nosso avanço como valor de civilisação, merecem leitura cuidada e atenta. Económicamente nós havemos de fazer uma refundição completa dos nossos hábitos e métodos de criar riqueza, porque só assim alcançaremos a intensificação de energia criadora que é a alma e o corpo de uma sociedade. José de Macedo, sôb êste ponto de vista, encontra-se em perfeito acordo com os mestres da política. A democracia é a organização scientífica do trabalho e êste a razão de ser do progresso. Portugal, no seu entender, para ser progressivo, terá de ser democrático e trabalhador. O seu livro demonstra amplamente esta afirmação.

ÁGUAS MORTAS, por Nuno Simões, edição da Livraria Chardron de Lelo & Irmão

Entre os jovens que, nos ultimos seis anos, se revelaram com uma disposição feliz para cantar a vida, segundo os murmúrios ternos da sua sensibilidade, Nuno Simões merece fixar as atenções dos leitores que buscam nos livros as irisações caprichosas de uma espuma breve, como os desejos voláteis das mulheres, cujo coração inquieto se estonteia numa senda louca de seduções. De coisas futeis, de clarões momentâneos, de saudades evanescentes e de mimos perversos a sua prosa, clara como um espelho e ao mesmo tempo evocativa como uma voz de mago, arranca formosas visões que aos olhos surgem, alongando misteriosamente a sua silhueta sôbre as *águas mortas*, como os choupos que as cortam, com a sua esguia sombra, quando no poente se comemora a calma elégia da luz que morre. Nuno Simões possui, sobretudo, o segredo de traduzir as nostalgias e máguas que as coisas choram, talvez porque a essência do universo, contra o que supunha Schopenhauer, é uma anciosa vontade de suicídio.

A linguagem do outono, das folhas que cáem das árvores e que o vento arrasta em ladainha de coveiro, a resignação fatalista das almas que se rendem ao martírio, a aspiração hamletiana dos que alucinadamente esperam à meia noite descobrir o enigma da sua dôr, tudo isso o seu estilo tão rico de melodias sabe interpretar com uma graça que sómente bem compreenderão os que entendem que para se ser um escritor é necessário indispensavelmente dar à palavra o mesmo valor que as mães e as amantes atribuem aos seus beijos.

DUAS CONFERÊNCIAS, por Oldemiro Cesar, edição da *Renascença Portuguêsa*

Oldemiro Cesar, que é um jornalista dos que, no seu labor corrente, robustecem a sua personalidade de escritor, publicou num opusculo as duas conferências que disse, em dois teatros da capital. Uma — *O teatro e o actor;* outra — *A guerra anedótica.*

Na primeira, rapidamente, esboçou o papel do actor ao qual compete, nas sociedades modernas, ser o intérprete dos sentimentos nobres, mantendo na salsugem torpe da luta pela vida a percepção do heróico, do sublime, do trágico e do cómico.

Na segunda, mostra-nos como a guerra se presta a certas manifestações do espírito, servindo de tema a humoristas e caricaturistas para algumas *boutades* alegres ou amargas e desenhos em que os grandes promotores da tormenta são flagelados na vaidosa resonância da sua nomeada. O Kaiser é um verdadeiro bombo numa festa. Torcem-no, retorcem-no, alongam-no, encurtam-no, apalhaçam-no, puxam-lhe os bigodes, pintam-no de fera, de mono, de trapeiro e de vagabundo com a corda numa velha cesta . . .

Nunca um homem foi tão implacávelmente remexido pelo lápis irreverente dos artistas.

Se possível fosse reunir todas as folhas e páginas que a sátira, a verve, a ironia, o riso, a *charge* criaram para lhe entenebrecer a memória, formar-se-ía um museu cheio de curiosidades.

Oldemiro Cesar tem toda a levesa de um conferente que se faz ouvir com agrado.

A MINHA TERRA. — VII — OS NAMORADOS, por António Correia de Oliveira, desenhos de António Carneiro, edição da Livraria Aillaud

A poesia do amor é inexgotável, porque sendo o amor a expressão mais rítmica, mais plena e mais harmónica do ser, os poetas naturalmente buscam-no como o assunto em que a sua inspiração atinge maior interêsse humano. Correia de Oliveira, que é sobretudo o criador da elégia religiosa e mística da raça, não tem sido um amoroso, pelo menos no sentido que usualmente se liga a esta palavra. Nos seus versos, a sensualidade depura-se, espiritualisa-se, ergue-se no ar como uma branca açucena. A sua tristesa que lhe vem de um vivo sentimento da paisagem e de uma larga compreensão da alma do povo, não lhe representa a vida em perecíveis, fugases imagens de praser. A sua visão é mais vasta, a sua ambição mais nobre. *Os namorados*, que agora publicou, dão-nos o amor em idílio, caminhando, segundo as horas do dia, como um terno poema que fecha com melodias de oiro. Não no-lo mostra na sua ância pagã de enlaçar corpos e desejos, mas num cristão, fremente de afectos que transpõem a música dos sentidos em música de beatitudes celestiais.

E começou o idílio . . .

Nas seivas, corre o sangue de Virgílio;
Canta, na luz, a alma de Platão.
Indo à cabeça o cantaro pesado,
Aos ombros indo o arado,

Conversa, coração a coração
O par enamorado.

O que dizem não sei. Mas sei que a fonte
Ao ouvi-los, muda o chôro em claro canto.

Olhando-os, das ramagens buliçosas,
No seio dela os ternos passarinhos
Estudam doces curvas amorosas
Para tecer e aconchegar os ninhos . . .

E é tudo em flor! As urzes são às medas:
Parecem labaredas
De onde as abelhas voam como fópas.

As árvores, em pompas de cortejo,
De monte a vale e a brejo
Arrastam verdes sedas
De roçagantes opas.

O tojo e o rosmaninho,
A madresilva e a giesta
Alumiam distâncias
Em fogareus de festa,
Ou derramam, nas pedras dos caminhos,
Balsâmicas fragrâncias . . .

E tudo, em volta, num profundo anceio,
Ficou suspenso, como que alheado
Em tão divino e comovido enleio:
Ou ganhou azas, ou raiz, o arado!
Revendo a água, o cantaro pesado
Ei-lo já quási em meio . . .

A ALEGRIA, A DOR E A GRAÇA, por Leonardo Coimbra, edição da *Renascença Portuguesa*

Este livro excede a capacidade usual do mercado. O seu autor tem uma mente de filósofo, uma visão cálida de poeta e um raro talento de esculpir imagens, de buscar aparições quási às portas do Infinito. Se nêle se desse conjuntamente o que em Emerson era a arte divina de juntar o eterno e o passageiro, Leonardo Coimbra teria feito um livro excepcional. A composição, porêm, torna-se irregular, não se fundindo bem uma ou outra vez o elemento filosófico com o poetico. Mas que nobre, soberbo arrojo o de certas páginas! Escrever é fácil, mas escrever pensando, adivinhando, profetisando e cantando faz-se muito difícil.

A alegria é a exaltação espontânea, inconsciente, fogosa e irreprimível

do ser que se sente no universo como uma flor na sua haste — sem uma contradição, uma dúvida ou uma sombra de hostilidade. A Dôr nasce com a consciência que rompe a unidade, deixando de um lado a matéria e lançando o espírito em mais altas direcções. E a graça? É a reconquista da perdida paz, o regresso do filho pródigo, operados pela arte, a filosofia, a religião, o sacrifício, o culto do dever e o amor sublime.

Leonardo Coimbra, ocupando-se dêstes três temas eternos, conseguiu remoçá-los dando-lhes um verdadeiro banho de aurora.

JOAQUIM MANSO.

Noticias & Comentarios

COLUMBANO

Publicâmos com grande prazer a Portaria de Louvor ao ilustre pintor Columbano, publicada na última ordem do exército, portaria que honra o admirável artista e o ministro que a assigna.

Tendo o cidadão Columbano Bordalo Pinheiro oferecido ao Instituto Feminino de Educação e Trabalho, espontânea e gratuitamente, importantes originais de modelos de rendas, destinados à aprendizagem dêstes trabalhos naquele Instituto, originais que havia herdado de sua irmã D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro: e ponderando que esta dádiva, além do seu considerável valor, traduz um belo rasgo patriótico e de particular interêsse pelo dito Instituto: manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Guerra, louvar o dito cidadão Columbano Bordalo Pinheiro por esta oferta, que permitirá a continuação da obra artística, genuìnamente nacional, daquela falecida senhora.

Paços do Govêrno da República, 12 de Setembro de 1916. — *José Mendes Ribeiro Norton de Matos.*

ANTÓNIO RAMALHO

Prestando homenagem à memória excelsa de António Ramalho, um dos mais ilustres pintores portuguêses contemporâneos, a *Atlantida* reproduz hoje um dos seus admiraveis trabalhos, de entre os muitos que legou desde os tempos de Paris até a morte o prostrar, longe da velhice, mas quando a doença e a desventura já lhe paralisavam as energias e os vôos. António Ramalho, retratista, desenhador, paizagista, foi sobretudo um decorador de singular talento, em que a serenidade e a harmonia avultam sôbre todos os meritos. Grande como artista, cumpre notar que, como homem, a honestidade e a inteireza do seu carácter o impunham tambêm à consideração e à estima dos seus compatriotas.

GARCIA REDONDO

O ilustre escritor brasileiro recem-falecido, e que honrara a *Atlantida* com a sua excelente colaboração, nascera a 7 de janeiro de 1854, tendo estudado humanidades e direito em Coimbra, onde contraiu afectuosas relações com Gonçalves Crespo, Macedo Papança, João Penha e notáveis poetas e homens de letras. Dois dos mais belos trabalhos literários intitulam-se *Caricias* e *Choupana de rosas*. Engenheiro e professor, fazia parte do corpo docente da Escola Politécnica de S. Paulo. Sucedera a Julio Ribeiro como membro da Academia Brasileira. Curvamo-nos respeitosamente ante o grande literato desaparecido.

AMADEU AMARAL

Amadeu Amaral, o grande poeta de S. Paulo, apresentou a sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. A tal respeito, é-nos grato publicar aqui o seu perfil literário, devido à pena do nosso colaborador Severiano de Rezende, em tempos inserto no *Paiz*.

Amadeu Amaral é o prototipo da timidez que se refolha interiormente em absorções sigilares, que se não espandem senão na serena paz de uma intimidade ciosa e fremente: longo, esgalgado, magro e quási macilento, a sua espectralidade afirma-se incomunicável aos assaltos da publicidade, e, publicista, o que êle menos ama e mais evita é o contacto com o público, aliás nisso tão sábio como o Velho Horácio, que aconselhava ao poeta êstes afastamentos prudentes. Com isso lucra, sem dúvida, a sua musa abretícia, que se furta aos clangôres nefastos, em troca do mais perfeito burilar de estrofes inspirados no segredo da espiritual oficina evocadora de sonhos e contemplações. Amadeu Amaral é, sem dúvida, um jornalista: obreiro sisúdo e próbo, o homem integraliza-se no dever quotidiano de preparar a informação e o comentário, e, fornecido o pasto à curiosidade do burguês que, de manhã, quer lêr a sua única possível leitura, enfia o poeta, de novo, no seu fura-bôlos o anel de Gyges, com que se absconde, fugindo às massas, no seu intangível eu, em que um deus se agita, pressuroso e ufâno. Nada mais grato, então, ao vate que o recolher-se e dedicar-se ao lavor parnasiano que exorna a sua obra. Porque Amadeu Amaral é um parnasiano, que, antes de tudo, quer o verso pitoral, sonoroso, redondo, castiço, maçiço, sintático, ortoépico e ortopédico, dentro do qual cante e se mova cantando, com remeximentos de sonoridades várias, a alma das coisas. Este poeta tem um livro, que o definiu no Parnaso: podia ter muitos outros livros, se quizesse publicar o que tem feito depois da *Névoa*, título de resto a evocar menos o poeta que o homem sempre necessitado de se aforfilhar em algo que o obumbre e que o escamoteie às turbas. Entretanto, candidato à imortalidade, não será de estranhar que se transforme essa névoa em fulgurantes enovelamentos de incensoriais bulcões festivos para a sua recepção entre os dignatários augustos da nacional assembléa, em que o seu talento refulgirá sem brumas.

Indice do Volume III

Numero 9

Pags.

Letras brasileiras, Candido de Figueiredo 803
Maria Brandôa, a do «Chrisfal» não foi apeada, Theophilo Braga . 809
O grande Exilado, Mario de Artagão 830
A honestidade de Etelvina, amante, João do Rio 832
Soneto de Hamlet, Pereira da Silva 838
A visão de Alexandre Magno, H. Lopes de Mendonça 839
A fazenda da Saudade, Gustavo de S. Bandeira 848
Rompimento, Santos Tavares 852
Veras sentimental, Mateus de Albuquerque 854
Marcelino Mesquita, Ramada Curto 859
O porto-franco de Lisboa nas suas relações com o estado de S. Paulo, Vasco Morgado 865
Cartas do Brazil, João d'Alêm 871
Mez artistico, Aquilino Ribeiro 874
Notas de arte, Navarro da Costa 876
Cronica do Norte, Julio Brandão 879
As afirmações da Consciencia Nacional, Jaime Cortezão 883
Economia e finanças, X 886
Portugal e Espanha, Pedro Blanco 889
Noticias & Comentarios, Redacção 892

Numero 10

Brazil e Portugal — A Guerra e a Preparação Militar Portuguesa, entrevistas com os Senhores Presidente da Republica e Ministro da Guerra, João de Barros 899
A honestidade de Etelvina, amante, João do Rio 915

Sonho do Desejo, M. Cardoso Martha 920
Eça de Queiroz, Augusto de Castro 923
Versos, Coelho de Carvalho 929
Evocação, Xavier Marques 932
Nomen . . . Numen . . . Lumen, José Severiano de Rezende 939
Os zepelins sôbre Paris, Paulo Osorio 940
A divida portuguesa, Anselmo de Andrade 948
Cego, Delfim Guimarães 961
Sóror Agua, Nuno Simões 962
O porto-franco de Lisboa nas suas relações com o Estado de S. Paulo, Vasco Morgado 967
As afirmações da Consciencia Nacional, Jaime Cortezão 973
O mês literario, Joaquim Manso 976
Cronica do Norte, Julio Brandão 978
Teatros, Avelino de Almeida 982
Noticias & Comentarios, Redacção 986

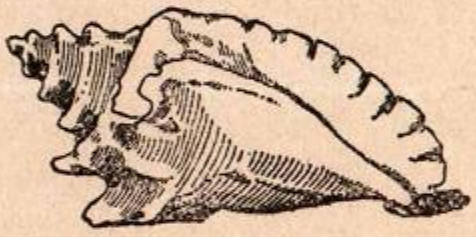
Numero 11

A Situação Internacional, entrevistas com os Srs. Ministro das Finanças e dos Negocios Estrangeiros, João de Barros 995
Alcobaça, M. Teixeira Gomes 1009
Graça intima, Jaime Cortezão 1017
Ao mar, Joaquim Costa 1018
Os engenhos de Pernambuco, Sousa Bandeira 1019
O sepulcro de Bartolomeu Dias, Chagas Franco 1024
Victoria-regia, Guilherme Valencia 1030
Victória-régia, Fontoura Xavier 1031
A Educação no Brazil, A. Carneiro Leão 1032
A Justiça, A. M. Rita Martins 1039
Latino Coelho, José Antonio de Freitas 1043
Espectros, Antonio Sergio 1052
O Embaixador do Brazil, Redacção 1068
As afirmações da Consciencia Nacional, Jaime Cortezão 1069
Cartas do Brazil, João d'Alêm 1072
Cronica do Norte, Julio Brandão 1073
O mês literario, Joaquim Manso 1075
Economia & Finanças, X 1077
Noticias & Comentarios, Redacção 1083

Numero 12

Os demolidores do Liberalismo, Jaime Magalhães Lima 1091
A Campanha Patriotica de Olavo Bilac, Redacção 1104
A inglaterra, senhora dos mares, F. Penteado 1105
Na sombra, Albertina Bertha 1113

O ferreiro, Alberto de Oliveira 1125
A Psicologia dos telhados, Eduardo de Noronha 1126
Em Recoleta, Celso Vieira 1132
Os Padroeiros, Hippolyto Raposo 1144
Do livro de Procusto, M. Albuquerque 1163
Sonho de morte, Carlos Babo 1166
Ano novo, vida velha, André Brun 1172
Cartas do Brazil, João d'Alêm 1177
O mês literario, Joaquim Manso 1179
Noticias & Comentarios, Redacção 1183



ATLANTIDA Encadernações e Capas

MENSARIO ARTISTICO LITERARIO E SOCIAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

(ESTÃO PUBLICADOS OS VOLUMES I-II E II)

Cada capa . . . . $30 Cada encadernação $50
Pelo correio . . . . $32 Pelo correio $56

CADA VOLUME ENCADERNADO . . . . . 1$50
PELO CORREIO . . . . . 1$56

PEDIDOS Á ADMINISTRAÇÃO:

Largo Conde Barão, 49 — LISBOA
e Avenida Rio Branco, 128 — RIO DE JANEIRO

NOTA: — A fim de evitar as despesas de cobrança, lembramos a conveniencia de fazer acompanhar os pedidos de capas ou encadernações da respectiva importancia.

SUMÁRIO DO NÚMERO 11

A Situação Internacional, entrevistas com os Srs. Ministros das Finanças e dos Negócios Estrangeiros . . . . . João de Barros
Alcobaça . . . . . M. Teixeira Gomes
Graça íntima . . . . . Jaime Cortesão
Ao mar . . . . . Joaquim Costa
Os engenhos de Pernambuco . . . . . Sousa Bandeira
O Sepulcro de Bartolomeu Dias . . . . . Chagas Franco
Victoria-regia . . . . . Guilherme Valencia
Vitória-régia . . . . . Foutoura Xavier
A Educação no Brasil . . . . . A. Carneiro Leão
A Justiça . . . . . A. M. Rita Martins
Latino Coelho . . . . . José Antonio de Freitas
Espectros . . . . . Antonio Sergio

REVISTA DO MÊS

O Embaixador do Brasil
Afirmações da Consciência Nacional . . . . . Jaime Cortesão
Cartas do Brasil . . . . . João d'Alem
Crónica do Norte . . . . . Julio Brandão
O mês literário . . . . . Joaquim Manso
Economia & Finanças . . . . . X.

NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS

Reproduções de Columbano e Antonio Carneiro.
Desenhos de Raul Lino e Santos Silva.
Fotografias de C. Vandyk L.td e Swaine, de Londres.

CAXAMBÚ

A SOBERANA DAS AGUAS DE MESA